

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E ICONOGRAFIA

A ÉPOCA DOS OPERÁRIOS NAVAIS

ANGELA DE CASTRO GOMES (org.)

NITERÓI, 1999

Para todos os nossos entrevistados,
pela cooperação e carinho com que
nos receberam.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO:	4
CAPÍTULO I: A ÉPOCA DOS OPERÁRIOS NAVAIS:	
Depoimento de Irineu José de Souza.....	8
1. Os tempos de criança.....	9
2. Chegando em Niterói e começando a trabalhar.....	14
3. No mundo do trabalho.....	18
4. A época dos operários navais: militância, passeatas e repressão.....	23
5. O líder dos operários navais e a greve de 1953.....	33
6. Do Sindicato ao plenário da Câmara.....	42
7. Revivendo 1964: o fim da época dos operários navais.....	49
8. O líder sindical e os anos da aposentadoria.....	57
CAPÍTULO II: ROTEIRO DE UM SINDICALISTA DOS ANOS 60	
Depoimento de Rosalvo Constâncio Felipe.....	65
1. A infância de um fujão.....	66
2. Do cinema ao sindicato.....	80
3. O sindicalista e o estaleiro.....	88
4. O sindicalista e os aposentados.....	109
5. O sindicalista, a Europa, o Brasil e Niterói.....	114
CAPÍTULO III: UM ATIVISTA COMUNISTA E TRABALHISTA	
Depoimento de Benedito Joaquim dos Santos.....	121
1. De Alagoas a Niterói.....	122
2. Nasce um operário naval.....	124
3. Surge um ativista: o partido comunista e o movimento trabalhista.....	126
4. A vida de um operário naval longe dos estaleiros.....	131
CAPÍTULO IV: UM IMIGRANTE ITALIANO NO ESTALEIRO MAUÁ	
Depoimento de Eduardo Chinelli.....	136
1. Relembrando a Itália e a família.....	137
2. A chegada ao Brasil e a Niterói de outrora.....	140
3. Formando uma nova família.....	143
4. O operário naval e os novos tempos no trabalho dos estaleiros.....	146
5. Convivendo com os patrícios.....	151

Introdução

«Os operários navais de Niterói procuraram preservar a riqueza de sua tradição, calcada na dignidade profissional e na coragem política dos velhos trabalhadores do pré-64, que por sua vez deram continuidade aos esforços pioneiros dos grupos de ofícios organizados já no início deste século. O passado de lutas, a conquista de direitos, o saber operário e a habilidade política em fazer alianças de classe, foram e são um patrimônio fundamental desse grupo.»

(Elina Pessanha, 1997)

Nesta pequena citação, retirada de um artigo da antropóloga Elina Pessanha¹, fica muito bem caracterizado o objetivo de fundo que orientou o projeto de pesquisa de onde resultou o conjunto de entrevistas ora apresentado neste livro. Tratava-se de, a um só tempo, estudar um dos grupos de ofício mais antigos e ativos da cidade de Niterói, recuperando sua história recente, e socializar um grupo de alunos da graduação de História com a metodologia da História Oral. Portanto, o que a pesquisadora e professora de História do Brasil procurava realizar era tanto uma incursão sobre a história da classe trabalhadora no Brasil, lidando com um estudo de caso centrado na cidade onde se situa a universidade, quanto um «treinamento» de seus alunos de graduação no uso de uma das metodologias que mais ganha espaço na área das ciências sociais: a História Oral.

O projeto começou a ser desenvolvido no bojo das atividades do Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, reorganizado em 1994, e voltado para a associação das práticas de ensino e pesquisa na graduação, além de interessado em estreitar os vínculos entre universidade e comunidade.

Sendo assim, resolvi trabalhar em um curso instrumental, oferecido entre outubro de 1996 e janeiro de 1997, com um programa onde faríamos leituras sobre a história do movimento sindical e sobre os usos da História Oral, finalizando com uma incursão ao campo, onde os alunos deveriam entrevistar velhos operários navais de Niterói. Todo o acervo de fitas então gerado seria doado pelos depoentes ao LABHOI e por ele arquivado, conservado e aberto ao público, segundo os procedimentos técnicos da metodologia. De fato, foi o que ocorreu, havendo o material produzido sido depositado no LABHOI.

¹ Elina Pessanha, «Niterói operário», Ismênia L. Martins e Paulo Knauss (org.), *Cidade múltipla: temas de história de Niterói*, Niterói, Niterói Livros, 1997.

A estratégia de contatos utilizada foi ter como base a Associação dos Aposentados e Pensionistas do Sindicato dos Operários Navais de Niterói e São Gonçalo, onde se reúnem mensalmente trabalhadores e ex-militantes sindicais, para discutir, predominantemente, questões relativas à sua situação de vida atual e também para rememorar seu passado de vitórias e de derrotas. Professora e bolsista, após as primeiras conversações com os diretores da Associação, puderam consultar o fichário de sócios da instituição, situada no bairro do Barreto na sede do próprio sindicato, selecionando previamente alguns nomes de potenciais entrevistados, e se preparando para comparecer às reuniões mensais, onde se faria o contato pessoal. Esse percurso foi realizado com sucesso e pudemos, já com toda a turma de alunos, estar presente na última reunião anual de 1996, em novembro. Fomos então apresentados à numerosa Assembléia pelos integrantes da Mesa, com quem já havíamos conversado nas etapas preparatórias da visita, expusemos nossas intenções aos trabalhadores reunidos e deles recebemos viva aprovação e desejo de cooperação.

A partir daí, os alunos se encarregaram de se aproximar das pessoas consideradas como depoentes mais significativos, iniciando-se a etapa de organização de roteiros individuais e realização das entrevistas, seguida da elaboração de ficha técnica e dos resumos das gravações. Contudo, em função de um semestre letivo verdadeiramente «extraordinário», as etapas de transcrição e principalmente de edição dos depoimentos não foram cumpridas pelos alunos, ficando a cargo de dois bolsistas de Aperfeiçoamento do LABHOI: Paulo César Araújo e Fernando Luiz Vale Castro. Durante o ano de 1997, as entrevistas que deveriam ser transcritas foram definidas, e o material foi preparado para a etapa final de edição, completada já em 1998, pari passu com o andamento de um novo projeto com outra temática substantiva, mas com os mesmos objetivos pedagógicos.² Isto porque a experiência, no geral, foi avaliada pela professora, pelos alunos e pelos depoentes como proveitosa, embora muito «corrida» e, certamente, podendo em muito se aperfeiçoar.

As quatro entrevistas que se seguem são, portanto, a materialização deste projeto de ensino e pesquisa, intitulado «Memória dos operários navais de Niterói», que procura registrar a trajetória de alguns trabalhadores e sindicalistas que viveram nesta cidade e freqüentaram seus estaleiros e sindicato, estando também vinculados à associação dos aposentados hoje existente. Os quatro depoentes são os Srs. Irineu José de Souza, Rosalvo Constâncio Felipe, Benedito Joaquim dos Santos e Eduardo Chinelli. Cada um deles, como o leitor poderá verificar, traz contribuições preciosas tanto para a recuperação da história da cidade, seus espaços de trabalho e lazer, como para a história das lutas dos trabalhadores, com suas continuidades e descontinuidades, especialmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970, momento em que os «operários navais» são, em grande parte, convertidos em metalúrgicos.***

A história dos operários navais, e os de Niterói são um caso muito rico, é paradigmática da história do movimento sindical brasileiro, sobretudo da década de 1940

² A pesquisa que se seguiu a dos operários navais tem o título de « A pequena Itália de Niterói: história e memória de uma comunidade italiana», e foi um desdobramento da primeira experiência, mais especificamente da entrevista do Sr. Eduardo Chinelli. Italiano e trabalhador de um estaleiro, foi a ponte que nos sugeriu a nova possibilidade de trabalho, sendo nela precioso colaborador.

em diante. Os operários navais são trabalhadores com longo passado, em função de ser a indústria naval uma das primeiras a reunir grande contingente de operários no país. Niterói é uma cidade que tem lugar ímpar nessa trajetória, uma vez que foi na Ponta da Areia, um dos bairros da então recém cidade³ que, em 1845, Irineu Evangelhista de Souza, o futuro Barão de Mauá, monta o primeiro grande estaleiro privado do Brasil, chegando a reunir cerca de 1000 empregados nos anos 1860, embora abrisse falência em 1878.

Além dessa iniciativa histórica, a cidade também é palco das atividades empresariais de Henrique Lage e sua família, na ilha do Vianna, desde fins do século XIX até a década de 1930. São os Lage que estabelecem um poderoso conjunto industrial - a Companhia Nacional de Navegação Costeira - ou simplesmente a *Costeira*, que se tornaria famosa em círculos empresariais e operários. Finalmente, é na mesma Ponta da Areia que, nos anos 1910, Ernesto Pereira Carneiro, futuro conde papal e proprietário do *Jornal do Brasil*, estabelece uma grande companhia de navegação, nos rastros de Mauá, e manda construir uma das maiores e mais modernas vilas operárias de sua época. A Vila Pereira Carneiro, inaugurada em 1918 com cerca de 400 casas, torna-se um dos bairros mais tradicionais de moradia de operários e imigrantes, portugueses e italianos, e um local referencial de sociabilidade e de memória para a cidade de Niterói até os dias de hoje.

Portanto, os operários navais de Niterói têm um passado não metaforicamente histórico, tendo presenciado, por exemplo, às comemorações do 1º de maio de 1920, realizadas na Vila Pereira Carneiro com a presença de autoridades públicas e fogos de artifício. Estiveram, portanto acostumados ao barulho dos estaleiros, das festas e das lutas dos trabalhadores, tendo participado de movimentos reivindicatórios durante os anos 1930, e sofrendo com a repressão instalada com o Estado Novo. Não é casual assim, que a sede do Sindicato dos Operários Navais, organizado e reconhecido oficialmente pelo Ministério do Trabalho em 1942, estivesse situada em Niterói, embora reunisse trabalhadores das baías de Guanabara e Jacuecanga, em Angra dos Reis.

Com o fim do Estado Novo e, sobretudo com o início do segundo governo Vargas, tem início um novo período dessa história, marcado por novas e grandes lutas, que se encerrarão violentamente em 1964. Esse tempo, chamado de «a época dos operários navais», é também o tempo de vida e das histórias de nossos depoentes que participam das greves dos anos 1950; são atingidos pelo golpe de 1964; participam das resistências mais e menos visíveis dos anos 1970; verificam os impactos nas transformações das relações de trabalho nos anos 1980; e ainda fazem política partidária, organizando-se e pensando o futuro do país até os anos 1990.

Não é o caso de se antecipar, nesta Introdução, o conteúdo do que o leitor irá encontrar nas páginas que se seguem, mas apenas de informá-lo que os Srs. Irineu, Rosalvo e Benedito têm importante e expressiva trajetória política, sindical e partidária, e que o Sr. Eduardo é um sensível analista das mudanças do mundo do trabalho que experimentou na prática de seu ofício. Por isso, e por muito mais, eles foram escolhidos

³A Vila Real da Praia Grande é elevada à cidade em 1835, após a Independência e, por isso, recebendo o nome de Niterói, mais conforme a onda nacionalista e indianista dos tempos que se anunciavam ao novo país.

para compor esse volume, mas foram tão gentis e solidários como outros depoentes que aqui não figuram, mas que igualmente podem ser ouvidos, pois suas falas encontram-se depositadas no LABHOI. A todos eles fica o registro de nosso mais profundo respeito e agradecimento.

Agradecimentos também devem ser feitos ao CNPq que, sustentando o projeto integrado do LABHOI, concedeu bolsa de produtividade a mim e bolsa de aperfeiçoamento a meus eficientes auxiliares de pesquisa. Por fim, fica um agradecimento a meus alunos de graduação, pois apesar de «estarem sendo avaliados», tiveram disponibilidade e empolgação para «ir a campo» e produzir conhecimento. E isto vale a pena!

Niterói, junho de 1999.

Angela de Castro Gomes

CAPÍTULO I

A ÉPOCA DOS OPERÁRIOS NAVAIS

Depoimento de Irineu José de Souza (*)

“O operário é igual a criança. Você não pode obrigá-lo a fazer qualquer coisa, porque ele não aceita bem. E eles obrigaram os operários navais a ir para o grupo dos metalúrgicos. No entanto, o Sindicato dos Metalúrgicos não cresceu nada. E era para ser um sindicato monstro. Mas que nada. Lá só tem praticamente a sede”.

(*) Esta entrevista foi feita por Fernando Manoel Peres e Robson Raymundo da Silva, no Sindicato dos Operários Navais do Estado do Rio de Janeiro, Barreto, Niterói, nos dias 18/12/1996 e 15/01/1997 e transcrita e editada por Paulo César de Araújo.

1. OS TEMPOS DE CRIANÇA

Seu Irineu, em que data e local o Sr. nasceu?

Nasci no quinto distrito do município de Itaboraí, em um lugar conhecido como Mamona, no ano de 1918. Diziam os antigos que foi a época da gripe espanhola, que matou muita gente. Contam que teve gente que deixou o mobiliário, deixou tudo por aí e desapareceu sem ter quem olhasse por eles.

Como era o seu município na época de sua infância?

O local onde nasci sempre foi um pouco atrasado. Era um lugarejo com algumas casas, mas não era tido nem como cidade nem como bairros como a gente tem hoje. A casa onde a gente morava, por exemplo, era coberta de sapê. Não era nem telha. Era uma casa grande, mas coberta de sapê.

Mas lá tinha igreja, delegacia ou algum outro prédio público?

Prédios públicos nesses locais não existiam. Nem delegacia. No município de Tanguá, que fica a duas horas e pouco de onde nasci, é que tinha igreja, delegacia, essas coisas. E o meio de transporte era só de tração animal. Você só podia andar a cavalo. Não existia outro meio.

E quais eram as brincadeiras em seu tempo de criança?

Lá no rio de Tanguá, naquela época, dava muito peixe. E eu gostava de pescar pra caramba. Eu ia para o rio e pescava aquelas piabas e um tal de caximbau, acari, aquelas coisas todas. E naquelas lagoas tinha também muito sairu e acará. Os fundos das lagoas eram cheios de lama. Então a gente jogava um galho de árvore no fundo e depois puxava.

Conforme a água ia ficando suja, os peixes metiam a cabeça pra fora para respirar. Aí ficava fácil para a gente pegar. Era só meter o cesto e pescar. Era uma distração. E quando chegava sexta-feira, era dia de matar o boi lá. Todo mundo ia assistir. Um dia o velho até me espinafrou porque eu fui assistir a matança do boi, mas não tinha dito nada. Quando voltei, além de achar ruim, ele não me deixou nem comer a canjica naquele dia.

Qual era o nome de seus pais?

Meu pai se chamava Domingos José de Souza e minha mãe Leonor Alves Pereira, ambos já falecidos. Meu pai era todo caboclado. A cor dele era bem queimada, parecia até índio. E a minha mãe era clara, cabelos compridos batendo na cintura. Dizem que era descendente de portugueses. A minha mãe morreu de parto. Houve uma demora ao trazer o médico até a nossa residência, e isto motivou o falecimento dela. Naquela época, para você achar um médico precisava ir a Rio Bonito, ou a Tanguá, ou à cidade de Itaboraí, cá em baixo, na sede do município. E não tinha esse negócio de automóvel, não. O transporte de Rio Bonito até o local onde a gente morava era feito a cavalo ou de trem.

O Sr. costumava frequentar a estação ferroviária?

Muitas vezes a gente ia para lá vender algumas coisas. Havia na estação de trem uma espécie de mercadinho, não chegava a ser um sacolão, era uma sacolinha. E o pessoal de lá levava umas galinhas e uns leitões para vender. A gente levava quiabo e maxixe. Mas chegando lá não tinha quem comprasse. E aquilo era oferecido a tostão, uns duzentos réis naquela época. Para não ter que levar aquilo de volta para casa, a gente despejava tudo na vala. Se você quiser, eu levo você lá e mostro onde a gente despejava. A vida era essa. E, no entanto, hoje aqui na cidade eu pago por um quilo de maxixe dois reais, e por um quilo de quiabo, um Real e pouco.

O Sr. recorda de algum outro fato marcante no período da sua infância?

De marcante não teve praticamente nada. É mais o que contavam pra gente. Eu tive um tio chamado Pedro que dizem que a morte dele foi trágica. Ele trepou num pau de ingá, o galho quebrou, ele caiu e foi fatal. Um outro fato diz respeito a uma tragédia com meu padrinho. Dizem que a causa da morte dele foi uma espinha de peixe. Ele comeu e ficou engasgado. Mas esse padrinho eu não conheci, por isso não me lembro. O local onde nasci era perto de um lugar conhecido como Salto Grande. Ali passava um rio e tinha um salto. Nesse Salto Grande tinha uma lage de pedra e umas caldeiras. Aliás, ainda existem até hoje. E a água corria ali por cima. Dava para mergulhar em uma e sair na outra. Mas era um troço perigoso. De vez em quando ficava alguém por lá. Não era muito fácil, não.

O que as pessoas utilizavam como medicamento no dia - a - dia?

Elas aplicavam algumas ervas. Nós tínhamos um tal de Eduardo Coelho que tinha um livro de homeopatia enorme. Esse Eduardo Coelho era procuradíssimo. Ele era mais do que um médico, porque não cobrava nada. Chegava alguém lá com uma criança sentindo isto ou aquilo. Ele ia lá, lia aquela coisa e receitava. Era batata! Se fosse febre, era isso; se fosse verme, era aquilo; se fosse resfriado, era aquilo outro. E dava certíssimo. Não sei se pela própria natureza ou porque não tinha outra coisa, mas aquilo valia. Hoje não sei por onde anda aquele livro, porque até o filho de Eduardo Coelho já morreu.

Quais eram as festas que havia naquela época?

Tinha muitos bailes e festas na igreja. Na festa da Paixão a gente fazia canjica. E para a canjica dar para todo mundo que vinha na casa da gente, era feita numa daquelas latas de banha de vinte quilos. E a canjica não era feita de milho branco, não. Era de milho vermelho socado no pilão. E como era bom! Aqui é que a gente só usa milho branco. E naquelas casas, cada um dava um baile. Eram uns bailes muito concorridos, com toque de harmônica e tudo. Por sinal, eu tive um tio, que já faleceu, que era muito bom tocador de

harmônica. Não é acordeon, não, é harmônica de oito baixos. Ele tocava muito aquilo. E quando morria algum vizinho, nós tínhamos um apontador de ladainha muito bom chamado Zeca Sousa. Qualquer coisa nêgo logo dizia: “Chama o Zeca Sousa para apontar a ladainha”. E ele vinha. Aí botavam aquela esteira no chão, todo mundo sentava ali, e ele apontava a ladainha. Vamos dizer que o nome do homem fosse João. Aí ele entrava lá numa hora e cantava assim: “Uma incelença que nós temos de rezar. Cantando em glória para João no céu salvar”. Quando ele entoava “santa dei genitriz - aí todo mundo entoava junto com ele - san-ta de-i ge-ni-triz”. Era o que tornava bonita a coisa. Às vezes eu remendava aquilo e a turma dizia “Irineu, você dá para apontar ladainha”. Vou apontar ladainha coisa nenhuma! Eu sei que depois que tudo aquilo terminava, tinha o lanche: café com pão, manteiga, aquelas coisas todas.

E como era a alimentação naquela época?

A nossa alimentação era à base de feijão, carne seca e farinha. Nisso aí botava um quiabo ou uma couve como complementação, mas a base era esta. E o pessoal, apesar de só se alimentar com isso, todo mundo durava. O gado lá era morto no final de semana. E a gente comprava aquela carne fresca, que ainda não tinha ido para o gelo, para lugar nenhum. Mesmo não tendo a fiscalização sanitária, como temos hoje, aquilo era saudável. A carne seca daquele tempo tinha paladar. Quando se botava na brasa, lá de baixo se sentia o aroma. E a carne seca de paladar melhor é a carne de costela. Ela só não pode é ser muito gorda. Mas lá na roça se chamava carne de entranha. E meu velho pai, como era muito brincalhão, vivia contando histórias. Ele dizia: “No meu fogão de lenha tinha um morro e uma descida. Aí eu botava a carne na brasa. Mas a carne se enrolava nas brasas e saía correndo morro abaixo e nós atrás”. Era uma brincadeira dele, porque isto nunca acontecia.

Quantos irmãos o Sr. teve?

A irmandade toda foram 7 do primeiro casamento de meu pai. Desses só restam eu e mais duas irmãs: a Conceição e a Veríssima, que a gente sempre tratou de Alice. Do segundo matrimônio dele, com a gente já morando aqui, têm o Osmar José de Souza, um eletricitista que mora em São Gonçalo, o Israel, o Isaías e mais uma irmã que mora em São Gonçalo, esqueci o nome dela agora.

O Sr. recorda como era a vida política no seu município? Havia algum coronel?

Nós sabemos que os ditos coronéis eram aqueles grandes fazendeiros, porque quem tinha dinheiro era coronel. O título era dado nesta base. Não é porque ele foi militar que era coronel. Se fosse fazendeiro, com dinheiro e empregados, aí era tido como coronel. Mas esses coronéis não era bem do nosso município, não. A gente sabia que existia, mas era mais nos outros municípios. No nosso caso ali cada um tinha um pedaço de terra, cada um tinha uma coisa. Até tinha uns fazendeiros, num lugar conhecido como Riachão. Inclusive, eu cheguei a conhecer muito as filhas dele. Uma era Valma, que falava grosso; a outra era Valsinha, muito bonita, por sinal. Mas o pai delas, apesar de ser considerado um grande fazendeiro, não tinha o título de coronel.

Na localidade onde o Sr. morava havia escolas?

Escola era muito difícil. O colégio estadual que existia, e que eu freqüentei algumas vezes antes de vir para cá, era nesse lugar de Riachão. Ali só tinha esta escola. Eu até sabia o nome dela, mas agora me esqueci. Era um coleginho público muito mixuruco. Você tinha que andar não sei quantos quilômetros para ir até lá. Essas minhas duas irmãs que estão aí não aprenderam a ler. Elas mal assinam o nome. A distância de onde a gente morava até aquele colégio era grande pra caramba. E eu ia e vinha a pé. Não era nem a cavalo, era a pé. Então eu me juntava com mais alguns companheiros lá, pegava uma vara de bambu, segurava e saía correndo para chegar mais rápido. Pra você ver como era a vida. Não era boa, não.

2. CHEGANDO EM NITERÓI E COMEÇANDO A TRABALHAR

Quando o Sr. veio para Niterói?

Não sei precisar a data ao certo. Eu sei que devo ter vindo com a idade de dez para doze anos. Acho que foi com doze, não chegou a quatorze, não. Eu sei que em 1930 eu já estava aqui. Na época se comentava muito sobre a Revolução de 30. E nós víamos o trem passar com aquela porção de soldados. Só não sei qual o caminho que ele tomava depois.

O Sr. veio sozinho ou com a família?

O que ocorreu foi o seguinte. Com o falecimento da minha mãe, o velho resolveu se deslocar para Niterói, porque aqui já moravam os nossos tios Capitulino e Altivo, irmãos de meu pai. E nós viemos por orientação de tio Capitulino.

E como foi esta viagem?

Nós viajamos de trem. Embarcamos na estação em Tanguá e saltamos aqui, numa estação atrás da rua Carlos Gomes. Dali fomos de bonde para o Fonseca, onde morava meu tio Capitulino. Depois de um tempo ali a coisa foi se assentando e a gente arrumou umas casinhas para alugar. Mas toda a vida eu fui radicado em Fonseca. Eles dizem até que eu fui nascido e criado em Fonseca, porque eu vim pequeno para cá.

Qual era a profissão dos seus tios?

Um tio, o Capitulino José de Souza, foi mestre padeiro da São Januário, que era uma padaria muito antiga ali na Rua São Januário, em frente ao Estrela, no Fonseca. Lá em Neves morava meu outro tio, o Altivo José de Souza, que era marítimo. Meu tio

Capitulino nunca saiu do Fonseca e o Altivo morou sempre ali em Neves, numa vilazinha onde era a estação de trem de Maricá. O que se passava com o velho Altivo, conhecido na intimidade como Sozinho, é que quando ele bebia - e ele bebia bem - ninguém agüentava com ele ali em Neves. Ele ficava muito violento. Às vezes tinham que trazer ele amarrado aqui para Niterói. Pra você ver como ele era. Ele tomava conta da Falua, uma embarcação que vinha até o porto de Neves pegar mercadorias - melancia, quiabo, jiló - para levar para o mercado municipal da Praça Quinze. Pois quando a maré vazava, ficando só lama, tio Altivo enfiava uma estaca, que era um verdadeiro poste, no peito, e fazia a Falua deslizar em cima das mãos até encostar. Isto porque a maré estava vazia. Com a maré cheia, não precisava. Quer dizer: ele era um cara muito forte. Se não bebesse, seria um gigante. Meu tio Altivo morreu ali em Neves e deixou filhos e netos. Por sinal, tem uma filha dele lá em Bangu, a Mercedes, que é mais velha do que eu. Ela já deve estar fazendo oitenta. Então esses eram os irmãos do meu pai.

Ao chegar em Niterói o seu pai foi trabalhar em quê?

Ele arrumou emprego também na padaria. Mas aí era só para enrolar pão e tal, não era o mestre. Mais tarde nós conseguimos que ele entrasse no Instituto dos Marítimos. Ali ele entrou como guarda e ficou como funcionário do IAPM. Ele chegou a ser aposentado pelos marítimos.

Era comum as pessoas se mudarem de Itaboraí para Niterói?

Não era muito comum, não. Esse êxodo rural que nos acostumamos a ver aí, ocorreu mais em outros estados. Para São Paulo, por exemplo, foi uma porção de gente dos estados nordestinos. Aqui para o Estado do Rio veio gente de outros municípios mais longínquos do que o nosso. Na cidade do Rio foi a mesma coisa. As favelas foram aumentando com esse pessoal que veio do interior, mas não foi com o da nossa região de Itaboraí, não. De lá veio muito pouca gente.

Qual a impressão que o Sr. teve da cidade de Niterói quando chegou aqui?

Niterói para mim foi sempre uma cidade pacata, uma cidade calma, uma cidade sem violência. Com um povo bom, com quem você fazia amizade em qualquer canto, em qualquer bairro, em qualquer beco. E acontecia uma coisa interessante: os companheiros ajudavam uns aos outros. Se um ia botar uma laje numa casa, convidava um punhado de companheiros e ia todo mundo para lá. Trabalhavam o dia todo de graça. Hoje isto é mais difícil. Todos os bairros de Niterói eram uma tranquilidade. Você podia chegar numa pracinha dessas às dez, onze horas da noite, sentar para conversar com um amigo, com a namorada, com quem fosse, e não tinha problema nenhum. Mas não era só aqui em Niterói que acontecia isto. Lá no Rio era a mesma coisa.

Então Niterói oferecia uma boa qualidade de vida?

Eu tenho a impressão de que naquela época, apesar do salário ser menor, não era ruim, não. Eu achava bom. Por exemplo: às vezes você conversava com um médico, um advogado, esse pessoal de classe média, e ninguém tinha geladeira, ninguém tinha televisão, ninguém tinha nada. Eles sentiam os mesmos dramas que você. Eles diziam assim: “Eu ainda não pude comprar uma geladeira, ainda não pude comprar uma televisão, vou ter que comprar a prazo e tal”. Não é o que ocorre hoje. Têm pais aí apavorados porque o filho quer casar e quer levar automóvel, quer levar televisão, quer levar não sei mais o quê. E sem trabalhar, sem nada. De maneira que é muito diferente. Naquela época a turma vivia muito bem. Sei lá, parece que a gente sentia nos semblantes das pessoas mais alegria. Hoje parece que a turma já anda toda apavorada, com medo, sem saber o que vai acontecer. Então era muito melhor.

O Sr. recorda como eram as casas em Niterói naquele período?

As casas geralmente eram humildes. De alvenaria, tijolo, mas sempre modestas. As melhores casas sempre foram na zona sul da cidade. Mas em qualquer outro bairro, era tudo casa modesta, de trabalhador. Edifício quase não existia. Os edifícios surgiram de uma determinada época pra cá, porque era preciso ganhar espaço. Se você fosse botar o número de apartamentos tudo em casa baixa, chegaria até Rio Bonito. E seria bonito. Eu acho que seria bonito e mais saudável. Mas ninguém pensa assim. Eu nunca gostei de apartamento. Apartamento pra mim é só para ir visitar alguém, descer de um escritório ou coisa e tal e sair fora. Eu gosto sempre de estar em contato com a terra.

Qual era o principal meio de transporte na época?

Era praticamente o velho bonde. E quando chegava aqui, do Largo do Moura para cima, tinha que ir na tração animal. Os primeiros ônibus a circular em Niterói, eu não posso precisar o ano, mas tenho a impressão que foi por volta de 1938 ou 1939. Os ônibus 2 e 4, da Viação Fluminense, foram os dois primeiros que chegaram aqui. Mais tarde, vieram o 4, o 6 e o 8, sempre subindo na ordem par. Para o Cassino Icaraí, que era muito freqüentado pelo pessoal que vinha de lancha ou de barco, pegava-se uma tal de “perereca”. Essas “pererecas” faziam a linha do centro ao Canto do Rio, passando pelo grande Cassino que era ali onde hoje é o prédio da reitoria da UFF. As “pererecas” eram abertas, não tinham cobertura. Era uma verdadeira banheira. Mas pegava passageiro para lá e para cá numa freqüência danada.

Como era o abastecimento de água encanada em Niterói naquele período?

Não tinha a expansão que nós temos hoje. Era mais restrito. Eu, por exemplo, morando no Fonseca, trabalhando no Lóide, às vezes me levantava às quatro horas da manhã, pegava as latas, descia o morro e ia para o poço tirar água para encher dois galões de 240 litros. Depois é que eu ia para o trabalho. Com aquela água ali a mulher lavava,

cozinhas, fazia tudo. Água encanada era só cá em baixo, numa casa perto de onde nasceu Cauby Peixoto, ali na travessa Progresso, hoje travessa vereador Luís Nascimento. Nos fundos da casa onde morava a família de Cauby, tinha também a casa de um conhecido nosso. Era ali que a gente pegava água de bica. Na época, a prefeitura é que tomava conta de água encanada, esgoto, essas coisas. Depois é que passou para o Estado.

Quais os locais de Niterói que o Sr. gostava de frequentar?

Era sempre Icaraí e Charitas. A gente ficava sempre por ali. Hoje Charitas está muito concorrido, mas antigamente, não. Um fenômeno que acontecia muito em Icaraí era a ressaca, que hoje não tem mais. As ressacas que davam ali na praia de Icaraí eram tão violentas que deixavam os trilhos dos bondes cheios de areia. Aí vinham aqueles caras com umas vassouras e uns ganchos para varrer e raspar os trilhos. Hoje não tem mais ressaca assim. Em Copacabana, de vez em quando, ainda dá alguma ressaca, mas aqui não dá mais. Iguais aquelas não têm acontecido mais de jeito nenhum. Nas barcas, o rolo entrava pela popa, passava por debaixo do banco e saía do lado de lá. Era bonito aquilo. Eu gostava de ver. Às vezes, a ressaca era tão braba que não dava para atracar na Praça Quinze. Sabe o que ocorria? A barca entrava por um canto lá do mar, passava em frente à Ilha das Cobras e ia atracar lá no cais da Praça Mauá. Muitas vezes aconteceu isto. E a maioria do pessoal nem sabe disso.

3. NO MUNDO DO TRABALHO

Quais foram os locais onde o Sr. foi trabalhar quando chegou em Niterói?

Inicialmente, morei com uma família portuguesa na Rua Álvaro de Azevedo, número 32. Eles tinham uma pensão e durante uns tempos ajudei eles a entregar alguma coisa lá. Depois trabalhei numa leiteria na Gavião Peixoto. Ali eu entregava as mercadorias de bicicleta. Trabalhei também num botequim na Visconde de Sepetiba, em frente ao

estacionamento da sede nova da Prefeitura. Eu gosto de lembrar esta passagem por causa de uma ocorrência que houve ali. Certa vez um cara lá bebeu, se excedeu, brigou, e nós tivemos que juntar uma turma para amarrar ele no poste. Ele ficou amarrado no poste até que viesse a polícia. E lá no Rio trabalhei numa quitanda também de um português, na Rua do Catete, 319, pertinho do palácio do Getúlio. Eu dormia lá e só vinha para casa de vez em quando. Aí eu já tinha minha carteira assinada. A minha carteira eu tirei em 1937. Eu ia até trazer para você ver a assinatura dele na carteira profissional, que eu tenho até hoje, porque aquela ali eu guardo de relíquia. Eu tive um neto que arrancou um pedaço do retrato, na parte da testa, mas eu, com muito cuidado coleí o pedacinho lá. Outra firma que eu trabalhei foi a Teixeira Soares, de secos e molhados, na Rua do Catete, 27. O dono era também português.

Neste período, trabalhando na Rua do Catete, o Sr. acompanhou algum movimento político importante?

O movimento importante que eu assisti foi o desfile dos integralistas que se concentraram em frente ao Palácio do Catete. O velho Getúlio veio até a sacada, mas pelo olhar dele perante aquela multidão de integralistas lá na frente, tudo de camisa verde, notei que ele não gostou da manifestação. Getúlio virou as costas, foi lá pra dentro e sumiu. Mas percebi que os integralistas também não gostaram. Se dispersaram e saíram. Aí quando foi mais ou menos umas 19 horas ficamos sabendo que o Palácio do Catete estava sendo atacado pelos integralistas. E eles invadiram metralhando. Metralharam até o lado direito da entrada do palácio, que era por onde entravam as viaturas. E lá no Ministério da Marinha ocorreu a mesma coisa. Fizeram lá uns tiroteios daqui e dali.

Durante quanto tempo o Sr. trabalhou nestes vários locais no Rio?

Isso aí durou um punhado de anos. Eu só voltei a trabalhar em Niterói em 1939, quando fui ser condutor de bonde na Companhia Cantareira Viação Fluminense. Esta empresa tinha diversas linhas de bonde, mas também cuidava das barcas. O proprietário era inglês.

O Sr. se lembra quantas linhas de bonde existiam em Niterói nesta época e quais eram estas linhas?

Eu não posso dizer o número exato agora, mas sei que tínhamos a linha de Alcântara, a linha de Neves, de São Gonçalo, da Ponta D'Areia, do Fonseca, de Icaraí, de São Francisco, essas linhas todas funcionavam. Mas a linha mais enjoada de trabalhar era a do Centro-Ponta da Areia, que se chamava Linha Circular de Bonde. Não dava nem para descansar, porque a linha não tinha lugar para parar. Era lá e cá. Ela fazia quase o mesmo trajeto que o ônibus 49 faz hoje. Chamava-se linha lá e cá. E outra linha ruim de se trabalhar era a 114 Centro-Neves. Ninguém gostava desta linha porque além de carregar muito passageiro, tinha um bocado de pilantra que não gostava de pagar a passagem. E nem dava tempo de cobrar, porque era muita gente. Aí eles aproveitavam e saltavam sem pagar um tostão. Teve um dia que eu empurrei um cara por causa desse negócio de pagamento. Ele não tinha pago e depois disse que pagou. Mas como naquele dia eu estava meio enjoado, acabei empurrando o cara. Ele caiu lá embaixo e o bonde foi embora. Mas parece que não houve nada de mais, pois não me esperaram na volta.

E qual a linha de bonde que o Sr. gostava de trabalhar?

Eu gostava às vezes de ir para Alcântara, porque a viagem era feita em uma hora e meia. Então você fazia uma hora e meia pra lá, uma hora e meia pra cá, aí já tinha três horas de serviço. Dava mais uma viagem e pronto.

Além deste empurrão que o Sr. deu em um passageiro, aconteceu alguma coisa neste período de trabalho no bonde?

Um outro episódio foi aqui no centro, com o bonde que ia para São Francisco. Era quase meia noite e chovia pra danar. Aí apareceu um cara metido a gostoso, querendo fazer e acontecer. Ele disse que eu tinha mandado o bonde andar e que ele não ia mais pagar a passagem e coisa e tal. Mas eu também só trabalhava armado. Eu tinha uma prevenção por certas coisas. E a minha arma predileta era uma navalha. Felizmente, nunca cortei ninguém, mas andava sempre prevenido. Então, esta viagem foi chata porque o cara veio chiar comigo e aí tive que dizer que o bonde não ia mais seguir de jeito nenhum e que quem mandava ali era eu. Eu deixei o bonde parado um bocado de tempo só para sacanear o cara. Mas depois de meia hora ali parado, com uma chuva danada e todo mundo doido para ir para casa, eu mandei o bonde andar. Atendi o apelo do pessoal.

Qual era a função que o Sr. ocupava no bonde?

Condutor. O motorneiro está lá, mas o condutor é quem manda. Se ele parar o bonde e sair, o bonde não pode mais andar.

Como empregado desta companhia o Sr. podia também trabalhar nas barcas?

Não. Nas barcas já era uma outra equipe que trabalhava.

E como era o transporte das barcas?

As barcas eram o melhor meio de transporte que existia. E são até hoje. Não tem um ônibus aí que você diga: vou pegar tranqüilo. E na lancha, não. Ali você se senta e vai tranqüilo. Naquele balanço, dá até para dormir. É uma tranqüilidade. Se quiser ler, você lê; se não quiser, cochila. E a barca vai.

Na lancha havia local específico para as pessoas bem vestidas?

No início, na época em que trabalhei em bonde, havia uma seleção de passageiro para a primeira classe. E na lancha era a mesma coisa. Na hora da entrada, o cara que estivesse de paletó, gravata e sapatinho, pagava o bilhete da primeira classe, que custava quatrocentos réis. Era a classe dos profissionais liberais, dos advogados e tal. Os que queriam a segunda classe, que custava duzentos réis, iam de chinelo. Se estivesse de paletó, ele embrulhava; se estivesse de sapato, ele também embrulhava. Preferiam fazer essa coisa toda do que pagar os quatrocentos réis. E isso durou bastante tempo.

Quando o Sr. deixou de trabalhar na companhia de bonde?

Eu saí da Cantareira em fins de 1939. Eu saí dali, passei uns tempos fora e depois fui para o exército como voluntário. Servi no Forte Barão do Rio Branco, ali em Jurujuba.

Por que o Sr. foi voluntário?

Porque na época eu sabia que não ia sair mais nenhuma convocação. Mas eles exigiam dos voluntários a autorização de pessoas responsáveis. Na ausência do meu pai, eu pedi ao marido da minha prima para autorizar. Ele assinou e eu entrei para o exército no final de 1939, quando já tinha saído da Companhia Cantareira. E eu me dei bem no Forte Barão do Rio Branco. O próprio comando ali não era ruim, não. O Edgar era um comandante até bom. Uma vez ele disse: “Irineu, eu não gosto de dar punição em meus soldados porque se eu der dez dias de cadeia ele diz que já tem dez e não faz questão de pegar vinte”. Isto é palavra dele. Tinha também um tal de Dagoberto, que era o segundo tenente. Ele era metido a fazer seresta de noite com a gente lá.

O Sr. ocupou algum outro posto dentro do exército além de soldado?

Não, só fui soldado. Certa vez precisaram de um continente no Forte Duque de Caxias e nós fomos parar lá no Leme. Eles mandaram a gente para completar o efetivo de lá, porque muitos já tinham dado baixa. Mas lá nós éramos soldados com experiência e tínhamos que marchar com aqueles recos nas avenidas de Copacabana. E as meninas todas ficavam olhando lá de cima. O filho do presidente Getúlio Vargas também serviu lá. Ele era um cara gordo. Às vezes a gente tinha que dar o braço para fazer marchar. Aí todo mundo ficava olhando; era uma gozação danada. Quem também serviu no Forte Duque de Caxias foi o Perácio, aquele jogador de futebol. Lá é que eu fui conhecer ele.

E o salário no exército quanto era?

Salário sempre foi mixaria. Acho que era vinte um mil réis, vinte um e pouco, não passava disso. Mas foi tudo bom. Saí com certificado de primeira categoria, com elogio e tudo. Eu dei baixa no exército, mas não fiquei tempo nenhum fora. Saí de lá em fins de novembro de 1941. Em 5 de dezembro começava a trabalhar na Companhia de Navegação Lóide Brasileiro.

4. A ÉPOCA DOS OPERÁRIOS NAVAIS: MILITÂNCIA, PASSEATAS E REPRESSÃO

De que maneira o Sr. conseguiu entrar no Lóide?

Foi através do pedido do falecido Adão, um escuro que morava numa travessa aqui perto. Ele era chefe da turma de serviços gerais e o pessoal gostava de cantar “Adão, meu querido Adão”. Mas além do pedido dele, naquela época havia um teste para você conseguir entrar no Lóide. E o teste era o seguinte. Você sabe que um costado de navio tem uma altura filha da mãe. Então eles botavam uma corda e pediam para você subir e

descer. Aí eu peguei aquela corda, botei os pés no costado do navio, acho que foi o Barbacena, e subi deitado. Subi e desci da mesma maneira. Foi molinho. Eu tinha prática, estava chegando do exército. Aí todo mundo gostou de mim. Eu estava aprovado, não precisou mais nada. E foi o costado de navio mais alto que tinha na época.

O Sr. entrou no Lóide exercendo qual atividade?

Entrei na turma de serviços gerais. Era o serviço de bater, pintar, varrer. Fazia uma série de coisas assim.

Qual era o horário de trabalho?

Era das sete da manhã às quatro e meia da tarde. Mas quando a gente fazia serão ficava a noite toda. Aí saía às 7 horas da manhã. Enquanto os outros estavam entrando, a gente estava saindo.

Quanto tempo o Sr. ficou trabalhando nos serviços gerais?

Fiquei um ano e pouco, não durou muito tempo, não. Depois que saí dos serviços gerais fui para a oficina de solda elétrica. O mestre na época era o Américo. Ali aprendi a soldar. Tivemos até aula com um professor americano. Não lembro mais o nome dele, mas ainda tenho o diploma, posso mostrar a você. As nossas aulas foram na Ilha da Conceição, onde hoje é a Sardinha 88. Aprendi e passei a soldar. Foi o próprio Lóide que me botou com mais alguns aprendendo.

O Sr. passou para outra função assim que terminou o curso?

Não, eu ainda continuei no meu trabalho normalmente. Naquela época, havia um negócio muito usado no Lóide. Quando um companheiro ia supervisionar uma obra no navio,

levava com ele um grupo. Eles chamavam isto de bezerro. Eu cheguei a bezerrar alguma coisa durante uns tempos lá nas docas. Depois é que fui promovido a mestre. Mas não só eu, uma porção de outros companheiros também. Saiu tudo no Diário oficial. O fenômeno que houve ali foi o seguinte: muitos companheiros que já eram profissionais de primeira, alguns eram primeiríssimos, ficaram sem promoção durante muito tempo. Então, na época, o Lóide fez a promoção deles e teve que fazer uma porção de novos mestres. Não só na solda, mas na oficina de máquinas também. E o Lóide tinha bons profissionais mesmo. Eu não, estou longe disto, mas ali tinha cada profissional que eu vou te contar. Depois que acabaram com o Lóide, os profissionais de caldeira saíram daqui e foram trabalhar em Minas, na Bahia, nos outros estados aí fora. Eles eram competentes, por isso eram chamados para trabalhar.

E o salário nesta nova função quanto era?

O salário era muito melhor, não tinha comparação. E a gente fazia também muitas horas extras. O ruim é que alguns companheiros, que não tinham nada na cabeça, iam para botequins ali na Ponta D'Areia e em outros lugares e ficavam se gabando, fazendo propaganda. Quer dizer: criavam nas outras classes ai fora uma certa antipatia. Fora do Lóide se ganhava menos, via nego com aquela fanfarrada, ficavam com raiva. Mas a gente ainda chamava a atenção dos companheiros: “Deixa disso. Você teve a sorte de fazer um extra e tirar um salário melhor mas não pode ficar bebendo cerveja por ai e zombando dos outros companheiros que estão fora”. Muitas vezes eu dei estes conselhos a eles. Eles ficavam assim e tal, mas você sabe que quando nego bebe umas duas ou três aí, não quer saber de nada.

Quando começou a trabalhar no Lóide o Sr. já era ligado ao Partido Comunista?

Eu entrei para o partido em 1939, dois anos antes de começar a trabalhar lá. Mas depois do Lóide foi tudo diferente. Tivemos orientação, aula, uma série de coisas. Um ex-

vereador nosso aqui, o José Maria Cavalcanti, que tinha sido militar e deputado em Alagoas, era aquele que dava aulas para nós.

E quando o Sr. se filiou ao Sindicato dos Operários Navais?

Tão logo entrei no Lóide me filiei ao sindicato. Eu já tinha na minha mente a idéia de que o sindicato era a correia de transmissão junto às massas. E o sindicato era realmente o único veículo. Acho que o sindicato tem muita importância na vida do trabalhador porque apesar do trabalhador não aceitar muito se sindicalizar, muitos são rebeldes, mas na hora que sente uma dor de barriga, vem procurar o sindicato para resolver o problema dele. Isoladamente, mas vem. Então, tem que haver movimento sindical. Apesar do Getúlio ter dado uma porção de coisas que beneficiava o trabalhador, carteira assinada e coisa e tal, o que ele fez com os sindicatos? Botou na ilegalidade. Quando você fazia um movimento naquela época, a polícia vinha e metia o cacete. Isto prova o quê? Que o sindicato tem que existir. E eu sou pela existência do sindicato num movimento só. Num movimento que possa não só reivindicar economicamente, mas politicamente também. Por que politicamente? Porque se hoje aumentar o salário, o sindicato vai parar? Não pode. Tem que haver a reivindicação política também. Justamente por isso é que o movimento sindical tem que ser um movimento de pessoas que tenham interesses em defesa do país, em defesa do trabalhador, em defesa das nossa riquezas.

E quais eram as reivindicações políticas que o Sindicato dos Operários Navais fazia naquela época?

Houve as passeatas que nós fazíamos para pressionar o governo a decretar guerra ao Eixo. Quando íamos para o Rio levávamos o Biguá, levávamos o Mocanguê, que era um barco nosso, cheios de operários e despejávamos todos na Praça Quinze. Dali a gente ia de passeata até o Palácio do Catete. E a manifestação era para fazer Getúlio sair daquela passividade e decretar guerra ao Eixo. Aí a gente alegava que tínhamos perdido navio,

que tínhamos perdido companheiros, que tínhamos perdido soldados, que tínhamos o Mairapendi no fundo, que tínhamos mais não sei o quê torpedeado. E aquilo colou.

De que maneira vocês se manifestavam?

Tinha companheiro aqui que apanhava uma bandeira brasileira com mastro envernizado dessa grossura, botava nas costas e levava. E os companheiros pegavam a ponta da bandeira e cantavam um samba que dizia: “Oi, nós queremos guerra ao Eixo / oi, nós queremos guerra ao Eixo / oi, nós queremos guerra ao Eixo”. iam todos cantando pela rua. Outro grupo ficava mais de longe e quando via aqueles caras de terno branco e chapéu de panamá, ia lá e fazia os caras tirar o chapéu por causa da bandeira. Ali na Av. Rio Branco tinha umas lojas de bijouterias ou relojoaria, algo assim, pois nego cismava que a loja era de alemão e ia lá criar caso para fechar a porta. Eu digo isto porque vi isso tudo. E já os censurava, porque achava que não estava correto. Mas achei que o movimento de apoio à entrada do Brasil na guerra foi muito bom. Nós tivemos nossa participação na guerra. Nossos pracinhas foram enviados, estiveram lá fora e depois voltaram. Acho que foi ótimo. Mas fizemos outras grandes passeatas aí, com grandes contingentes de marítimos, operários navais e outras categorias. E isto era muito comentado em Niterói, porque a maioria dos servidores do Lóide e da Comércio e Navegação era tudo de Niterói e São Gonçalo. Então todo mundo aqui estava por dentro disto. Eu só lamento na época não ter tido uma máquina para filmar isso tudo. Gozado, hoje eu tenho uma máquina para filmar estas besteiras aí, mas naquela época não existia.

E quais foram as outras passeatas que vocês participaram?

Uma delas foi para pedir a decretação da Assembléia Constituinte. O sindicato participou ativamente dessa luta. Fizemos diversas passeatas no Rio e nos manifestamos em todo lugar que era possível. E a nossa luta não foi em vão. Depois de decretada a Constituinte, vieram as eleições e nós elegemos dezessete parlamentares comunistas. Foram dezesseis

representantes para a Câmara Federal, mais o senador Luís Carlos Prestes, que na época foi o mais votado. A Câmara Federal era ali na Praça Quinze, onde hoje é a Assembléia Legislativa. Eu ainda tenho guardado um cartão, assinado por José Bonifácio, que me permitia circular na câmara. E o senado era ali na Praça da República. Era todo feito de madeira: degraus, assoalho, tudo de madeira. E a gente subia lá em cima para falar com os senadores, inclusive com o Prestes, que acabou perdendo o mandato à toa, à toa. Um troço bobo. Ele perdeu o mandato porque disse, não sei se ele estava correto ou não, quem sou eu para censurar, mas ele disse que no caso de uma guerra do Brasil com a União Soviética, ele ficaria ao lado da União Soviética. Acho que ele bobou nesta e entrou. Acho que houve erro nisso, porque um cara com uma capacidade daquela, falar uma dessa. Ele tinha muito meio de saída sem precisar falar assim. Mas sei que em matéria de honestidade não tem outro igual até hoje. Quem pagava o apartamento dele lá no Leblon era o Oscar Niemeyer. O Prestes vivia assim, com ajudas esporádicas. Mas se quisessem oferecer uma ajuda oficial, através do governo, ele não aceitava.

Essas manifestações que vocês faziam pelas ruas da cidade eram toleradas pela polícia na época?

Não. Nós tivemos perseguições sérias. Nós fomos em um comício no Largo da Carioca, onde ia falar o companheiro Prestes, e a polícia chegou metralhando todos nós. Foi aquela correria da multidão, que era muito grande. E nós dizendo para aquelas senhoras, com crianças às vezes, para se esconderem atrás das pilastras daqueles prédios ali da Uruguaiana. A bala batia no chão e picotava assim “tac-tac-tac”. Você via as marcas. Passei muito por isso. Houve um comício na Esplanada do Castelo que tinha gente pra danar. Meu Deus! A violência veio, o tiroteio começou, e diversas pessoas saíram feridas. E a gente querendo descer da Esplanada do Castelo pulando lá em baixo. E do lugar onde tínhamos que pular era alto pra caramba. Eu ficava perto da descida do troço e dizia para as senhoras assim: “Flexiona as pernas, flexiona as pernas porque isto aqui é guerra”. Eu ficava ali orientando elas. Em um outro comício, também na Esplanada,

houve violência contra nosso companheiro China, o Frederico, já falecido, que era nosso vereador aqui. Ele voltou todo ferido e ensangüentado para Niterói. Mas quando íamos atravessar a roleta da barca com ele o pessoal não queria deixar a gente passar.

Por quê?

Porque o China precisava ser medicado. Aí eu disse: "Medicar o quê! Ele vai é ser preso". Trouxemos ele assim mesmo. Em um outro comício eles mataram Zélia Magalhães dentro de um bonde. Não sei se vocês já ouviram falar disso. Mataram ela dentro do bonde. Isso tudo foi troço que eu vivi. Às vezes alguém diz: "Não vai por ali porque tem marginais dando tiro e coisa e tal" Aí eu digo que já fui em tantos lugares com tantas balas picotando o chão que se não me atingiram ainda é porque não tem que atingir. Mas era demais. Você ver uma rajada de metralhadora para o chão, a turma correndo e a bala picotando "tac-tac-tac". Depois olhar os furos no asfalto. Na luta pela paz, fomos perseguidos; na luta pelo petróleo, fomos perseguidos. E eu lutei pensando que ia ter os meus netos e os meus filhos vivendo dias melhores. Já não acredito mais. Pode ser que daqui a alguns anos, depois da minha passagem, se modifique isto. Mas, no momento, está muito difícil.

Qual foi a posição do sindicato quando da eleição do presidente Eurico Gaspar Dutra?

Dutra foi aquele que muita gente dizia que nem fazia e nem desfazia. Mas ele era um reacionário, defendia a classe dele. O que o povo admirava nele é que ele não deixava aumentar nada na época. Como está hoje com este Fernando Henrique, no governo Dutra havia também uma estabilização de preços. E você sabe como é o povo brasileiro; falou em parar o preço ele acha que é bom. E não é bem assim.

O Sr. disse que se filiou ao Partido Comunista em 1939. O que o levou a tomar esta decisão?

O que me levou ao partido foi a admiração muito grande que eu tinha pelo Cavaleiro da Esperança. Eu achava que ele é que estava certo e que em matéria de honestidade não existia igual. E naquela época eu pensava assim: o partido vai lutar e nós vamos fazer a revolução operária e camponesa. Eu pensava em deixar dias melhores para nossos filhos e netos. E isto não ocorreu. Ocorreu o contrário. Não fizemos a revolução e o medo que eu tenho nos dias de hoje é de que o banditismo, os traficantes, possam fazer uma revolução urbana amanhã e a gente não sabe aonde vamos parar. Quer dizer, uma revolução desse tipo vai ser ruim porque vamos sofrer as conseqüências. Não podemos aceitar uma coisa dessa.

Mas o Sr. acredita mesmo nesta possibilidade?

Vocês duvidam disto? Não devem duvidar, não. Pode ser que eu esteja errado, mas pode ser que eu esteja certo. Porque em matéria de armas sofisticadas, fuzil AR-15, lança granada, tudo isso eles têm. Você vê aí munição novinha, chegando a brilhar, parecendo até ouro. Sinceramente, não sei qual será o nosso fim. Não se sabe. O que sei é que a revolução que nós queríamos fazer tinha um outro sentido. O sentido da defesa da educação do País, defesa da saúde do País, defesa das riquezas do País. Nós estávamos pensando nisso. Mas ao invés dessa sonhada revolução em benefício do povo, que era a revolução socialista, hoje é capaz de ocorrer uma revolução urbana feita pelos marginais e pelos bandidos. Vai ser o fim da picada!

Através de quem o senhor travou contato com o Partido Comunista?

Através de alguns companheiros daqui mesmo do Estado. Um Afonso Celso, um Geraldo Reis, um Salomé, que era dos ferroviários, um grupo bom também. Quer dizer, a gente militava sempre com companheiros daqui. Mas também vinham alguns cara de fora para nos orientar. Alguns de São Paulo, outros da Bahia, tudo para dar aquelas

instruções. Certa vez eu até discordei de um companheiro da Bahia, porque ele veio dizer uma coisa que até hoje está gravado na minha cabeça. Ele disse assim “Não, nós não precisamos lutar para comprar casa, para comprar terreno, para comprar nada. Porque quando a revolução chegar nós vamos ter tudo isso”. Aí eu disse: “Negativo. Você está defendendo uma coisa que eu não posso concordar nunca. Aquele que puder comprar seu terreno, que puder ir fazendo sua casinha, deve fazer. Não conta com a revolução porque aí não vai dar”. E eu acho que falei certo. Depois não sei o que houve aí com aquele companheiro; retiraram ele e levaram de volta para a Bahia.

Como era organizado o Partido Comunista entre os trabalhadores marítimos?

Nós tínhamos o nosso próprio comitê. Porque além do comitê dos marítimos, existia o comitê estadual, que tinha direção completamente diferente. Quem orientava o comitê estadual era um outro pessoal aí; alguns já morreram, outros já desapareceram e outros talvez já morreram e eu não sei. Mas o nosso era o marítimo. Nos reuníamos em determinadas casas de companheiros porque, como você sabe, o partido viveu esse tempo todo na clandestinidade. O nosso dirigente era o José Maria Cavalcanti. Sabe quem matou ele? O câncer. Eu fui muitas vezes visitar ele no HCE. E nós fizemos até uma lei na câmara de vereadores para fazer o reparo da cassação dele. Foi até o Fernando Oliveira Rodrigues quem fez a proposição. E agora, no dia 14, através do vereador Edgar Poli, nós demos o nome de uma Rua em Santa Bárbara ao José Maria Cavalcanti. Estava lá o filho mais velho, o filho caçula, as filhas, os netos. Falou todo mundo. Falou o deputado federal Fernando Lopes, falou vereador, falou o filho do falecido. O último a falar fui eu. Aí todo mundo me aplaudiu. Mas por quê? Eu falei simplesmente que a indicação para José Maria Cavalcanti ser vereador partiu de nós do Partido Comunista. Inclusive, eu recordei umas palavras que disse a ele na época: “José Maria, você vai ser nosso candidato, mas você vai ser perseguido, porque você é um dirigente”. Isso eu falei pra ele na época. Mas a perseguição e a cassação de José Maria não se deveram aos milicos, não. Foi a própria câmara com os jagunços lá que cassaram ele.

Como era a relação entre o comitê dos marítimos e o comitê estadual?

Era uma relação mais ou menos no sentido reivindicatório. Às vezes podia ser até eleitoral, pra pedir opinião daqui e dali, pra dizer o que achava dali e daqui, pra dar uma opinião completa a todos. E funcionava. Hoje nada funciona no país porque não tem um Partido Comunista organizado. Se tivesse, não estava essa baderna aí. Porque hoje você não pode dizer que tem Partido Comunista funcionando. Não pode. Cada um pensa de um jeito, cada um é uma coisa. Dentro do PT tem comunista, dentro do PDT tem comunista, mas é uma confusão, um balaio de caranguejo que não resolve nada. O que falta é um partido capaz de organizadamente dirigir o País. Por isso é que está tudo do jeito que tá. Se nós tivéssemos um partido organizado como na época passada, seria completamente diferente.

Como repercutiu no sindicato a cassação do Partido Comunista durante o governo Dutra?

Isso aí foi um ato arbitrário que todo mundo protestou, mas você sabe que a doença anticomunista no Brasil era muito grande. Eu chamo de doença porque tinham muitos que eram anticomunistas sem saber de nada. Eu ouvi declarações de simples servidores miseráveis, que não ganhavam nem para se alimentar, disser que “deviam pegar estes comunistas e mandar tudo para a União Soviética”. Era um troço assim, besta. Dentro da polícia uma vez um cara estava dizendo isso lá para outro. Eu fiquei só ouvindo ele. Quer dizer: a situação do país era esta. Mas se o anticomunista fosse um cara de uma classe média superior ou rico, tudo bem. Mas você ouvir isso de um miserável, de quem não tem nem o que comer, aí é duro! Mas eu sempre disse que a discriminação no nosso país não é apenas partidária. Você tem também a discriminação do negro, a discriminação da criança, uma série de outras discriminações que se fazem neste país.

5. O LÍDER DOS OPERÁRIOS NAVAIS E A GREVE DE 1953

O Sr. fez muitos amigos quando chegou ao Lóide?

Fiz uma porção de companheiros bons na época. Depois de trabalhar no bonde, no exército e tal, já tinha alguns amigos. E no Lóide, não sei se por causa da liderança, fiz muito mais. Ali era um lugar de seis mil trabalhadores. E eles me fizeram líder. Depois que deixei os serviços gerais e fui para a solda elétrica, passei a liderar.

Na época a empresa respeitava os direitos trabalhistas?

Sempre respeitou, porque a luta também já vinha há muito tempo, com outros líderes. E nós continuamos.

Como foi o processo até o Sr. chegar à presidência do Sindicato dos Operários Navais?

Este processo não foi fácil nem difícil. Primeiro porque os operários estavam me apoiando mesmo, só queriam eu e acabou. E o que aconteceu foi o seguinte. Na época, o presidente do sindicato era o Osvaldo Garcez, um servidor da Companhia Costeira. Mas ele não queria seguir o que a classe propunha. Então, quando foi uma tarde de 1952 mais ou menos, talvez porque eu já estivesse liderando alguma coisa lá no Lóide, eu fui trazido aqui por um grupo de companheiros para tirar o pelego do cargo. Ele foi tirado assim. Afastamos ele e eu fiquei dominando o sindicato. Sem ainda estar eleito, sem nada. Os companheiros me colocaram aqui por conta deles.

Mas o Sr. não foi eleito mais tarde?

Depois houve uma eleição aí, mas não pude concorrer por causa do atestado de ideologia. Naquela época para registrar a chapa precisava de um atestado de ideologia. Qualquer chapa ia para o DOPS para saber se podia concorrer ou não. O Ministério do Trabalho às vezes não se opunha, mas o sistema policial intervinha na vida sindical. E como parece que eu não ia passar, foi feita uma chapa miúda, individual mesmo, uma chapa sem registro, de brincadeira. Botaram até o nome de “chapa mirim”, um negócio assim. Fizeram esta chapinha e eu bati o recorde de tanto voto. Mas não valeu, foi só passatempo. Foi eleito um outro aí, não me recordo o nome agora. Mas a turma não aceitou e deu um bolo danado. E como quem foi eleito não teve um quorum necessário, tornaram a fazer uma nova eleição. Aí eu pude concorrer e fui o candidato mais votado da época.

Esta posição de liderança que o Sr. conseguiu no Lóide era uma coisa natural do senhor, era uma orientação do partido ou eram as duas coisas?

Não, eu já tinha o dom. Se você não tem dom não adianta. O cara pode até tentar, mas não vai. Eu já tinha o dom, mas a orientação do partido serviu muito para ajudar. Havia problemas aqui que, às vezes, para eu não dar uma solução pessoal, ia lá fora discutir o assunto com os companheiros.

Como era a relação do Sindicato dos Operários Navais com os governos municipal, estadual e federal? O presidente do sindicato tinha acesso ao prefeito ou ao governador?

As relações eram boas, tanto com o governo estadual quanto com o governo federal, através do próprio ministro do trabalho. Nós fomos muitas vezes ao Palácio do Catete reivindicar. E a nossa primeira reivindicação foi esta: trazer o Dr. João Goulart para o Ministério do trabalho. Por aí você vê que a nossa relação com o governo era boa. Se não, ele não dava ouvido. Quando a gente chegava no Palácio do Catete o Lourival Fontes, que era metido a surdo, colocava a mão na orelha e dizia: “O que é meu filho, o que vocês

querem hoje?”. “Queremos falar com o presidente da república, Dr. Getúlio Vargas”. A gente fazia aquela pose e falava grosso. Essa era a nossa luta na época.

Em que ano o Sr. tomou posse como presidente eleito do sindicato?

Foi em 1953. E eu tive uma posse que não sei se no Brasil já aconteceu outra igual. Acho que nunca teve um dirigente sindical que tivesse tomado posse duas vezes. Pois as autoridades vieram aqui dar posse duas vezes ao mesmo presidente.

E por que o Sr. foi empossado duas vezes?

Isso ocorreu comigo porque a primeira posse foi dada pelo der. Clota de Sá, que era diretor do DNT, que nós chamávamos de Departamento Nacional do Trabalho. Ele veio aqui no sindicato, me empossou, houve festa para todo mundo e tal. Muito bem. A segunda posse foi dada pelo Dr. João Goulart, que era o então ministro do trabalho. Ele veio aqui também me dar posse porque ele gostava de mim. Eu tinha ido naquela comissão ao Palácio do Catete pedir para ele ser o nosso ministro. Os marítimos todos foram pedir isso, porque achávamos que ele é quem poderia resolver os nossos problemas, os itens todos pendentes da greve. E de fato, ele chegou ao Ministério do Trabalho e atendeu as nossas reivindicações. E um dos itens, não me lembro agora se foi o 23, era a nossa posse no sindicato. Podia ficar pendente outros itens, mas este tinha que sair. Então, eu tomei posse, mas só tirei dois anos no sindicato. Não fiquei querendo ficar toda a vida, não. Tirei meus dois anos e passamos as eleições para outro.

Como era a política interna do sindicato no período em que o Sr. foi presidente?

A política interna era muito boa, porque na minha administração não havia nenhuma discriminação. No sentido religioso, por exemplo, o operário ou o servidor podia pertencer a qualquer religião, fosse ela católica ou espírita. Para nós não importava. Aqui

só importava a nossa unidade. E quanto à política era a mesma coisa. Aqui militava pessoal do PSD, da UDN, do PTB e, inclusive, do Partido Comunista, que na época tinha um bocado de adepto. A minha administração, felizmente, foi boa por isso. Tornou-se uma administração de unidade. Foi uma diretoria que eu não posso me queixar. O que se discutia, o que se falava, era aprovado, ninguém punha obstáculo. O que hoje é muito difícil, porque o nosso movimento sindical no país está praticamente em decadência.

No período em que o Sr. foi presidente, quais foram as figuras importantes que visitaram o sindicato?

Diversos políticos fluminenses vinham a esta casa trazer solidariedade, debater com a gente. O ex- senador Vasconcelos Torres, por exemplo, não saía daqui. Nós sempre fomos bem sucedidos no apoio político externo. Nós também tivemos a visita do governador do nosso Estado na época, o Miguel Couto Filho. Era um governador que todo mundo gostava, inclusive os operários navais. Ele foi governador na época em que eu fui deputado. Constantemente estávamos juntos no Palácio do Ingá.

Quais foram as medidas mais importantes que o Sr. tomou durante o seu mandato no sindicato?

O que de mais importante aconteceu, e acho que ninguém vai poder contestar, foi a aproximação que se fez entre o operário naval e comandante de náutica na greve de 53. Antes o comandante de náutica era uma classe privilegiada e completamente afastada dos operários navais. Nós não tínhamos acesso a eles. Nós só tivemos acesso a eles nesta greve. Havia ainda a classe dos maquinistas, que era outra classe privilegiada, também equidistante dos operários. Sem falar nos radiotelegrafistas e outros que eram considerados oficiais de náutica. Então, com essa unidade nós trouxemos para esta casa todas as categorias que tinham as suas sedes do lado de lá. Vieram todos aqui para Niterói. Aqui nós reunimos o taifeiro, o foguista, o maquinista, o rádio-telegrafista, o

condutor eletricista, o condutor motorista e o comandante de náutica propriamente dito. Enfim, todas essas categorias assinavam o ponto aqui. Tinha um livro de ponto aqui onde eles davam presença. A greve de 53 foi bonita por isso. Na unidade que teve. Todas as categorias estavam dentro do movimento. E isto foi um fator muito importante na unidade dos marítimos e dos operários navais.

E quais eram as reivindicações da greve de 1953?

Tinha uma porção de reivindicação. Tinha o problema do aumento salarial, que não tinha sido pago; tinha o problema do salário família; e tinha também a questão da posse do presidente dos operários navais. E cada um dos outros sindicatos tinha também as suas reivindicações, que a gente não conhece todas. Eu, por exemplo, estava reunido no Ministério do Trabalho discutindo as reivindicações dos operários navais. Mas em outro lugar tinha autoridades também reunidas com os armadores, com não sei mais quem. Isto só na parte marítima. E a parte marítima tinha diversas reivindicações na época. O falecido Paulo Ferraz, que como armador conhecia o que era a marinha mercante, era com quem a gente discutia nas reuniões. Além do lado patronal, do capital privado, ele também defendia o lado do governo. E o que Paulo Ferraz falava o governo fazia, porque sabia que ele conhecia o negócio.

E como eram essas reuniões no Ministério do Trabalho?

Quando a gente ia para a Esplanada do Castelo discutir as nossas reivindicações, as reuniões varavam a noite. A gente ia para lá à tarde e ficava até a manhã do outro dia discutindo. Me lembro que durante a Greve de 1953 uma esquadra americana estava ancorada na Baía da Guanabara e as autoridades estavam todas apavoradas. Tinha uns caras que diziam que nós tínhamos que acabar com a greve porque a esquadra americana estava lá e tal . E a gente dizia: “Mas nós não temos nada com a esquadra. Ela não está

nos dizendo nada. A esquadra é americana, o problema é deles”. Felizmente, as nossas reivindicações foram algumas cumpridas e outras posteriormente.

E quais foram as reivindicações conquistadas com esta greve?

Além da nossa posse no sindicato, outro item que nós também tivemos êxito foi o do direito ao salário família. Eles não davam o salário família para a gente. Essa aí foi uma luta nossa que já vinha há tempos. Os advogados diziam que nós não tínhamos direito e eu alegava para eles que dentro desta casa nós é que íamos dizer aos advogados o que tinha de se fazer. Depois da greve de 53 nós também passamos a ser servidores públicos. Nós éramos regidos pela CLT e passamos a estatutário. Mas uma coisa interessante é que até hoje a minha carteira profissional não teve baixa. Pra todos efeitos, eu estou empregado. Eles me passaram para o estatutário mas esqueceram de pedir a documentação de saída.

A Greve de 1953 teve grande repercussão na sociedade?

Esta greve foi até conhecida internacionalmente. Sabe por que eu digo isto? Porque eu dei um passeio na Europa, percorri diversos países lá, e chegando em Portugal o português me disse que nós fizemos uma revolução. Eu expliquei a ele que nós participamos de uma greve; não fizemos revolução nenhuma. Mas o português não sabe discernir greve de revolução. Acham que eu fiz uma revolução. Aí eu fui obrigado a achar graça. De modo que este movimento de 1953 foi o maior e acho que não vai existir outro igual. Em 1935 tinha havido também uma greve de marítimos mas parece que não foi lá essas coisas.

Além da Greve de 1953, o sindicato participou de alguma outra manifestação durante o período da sua gestão?

Houve uma outra greve aí em que nós entramos no cacete. Nego fez intempestiva e o pau comeu. Nós saímos daqui do sindicato em passeata e fechamos esta rua. Abrimos uma facha de fora a fora escrito “greve dos operários navais” . Mas a polícia nos cercou ali em baixo e não nos deixou passar de jeito nenhum. Queria que a gente fosse lá por São Lourenço e não sei mais o quê. Mas não aceitamos e desta vez acho que rasgaram até a bandeira brasileira. Nós tínhamos uma turma boa, uma turma que aguentava. Mas tudo passa.

A população apoiava as manifestações do Sindicato dos Operários Navais?

Apoiava. Quem não gostava muito da gente , segundo informações de terceiro, eram os rodoviários. Parece que eles tinham uma certa picuinha com a gente. É porque a turma dizia aí que greve de rodoviário era greve de patrão. Quando o patrão queria, eles faziam, e que aí era mole. Acho que eles botaram isso na cabeça. Mas quem tinha raiva da gente mesmo eram as autoridades policiais. Eles às vezes passavam aí e diziam que iam entrar, quebrar, fazer e acontecer. Mas não estavam nos dizendo nada, porque a gente não ligava. Mas, certa noite, eles quiseram me apanhar à força aí. Teve época que eu passei na casa de um advogado amigo nosso, o Dr...., hoje já falecido. A casa dele era ali na Paulo Cesar, quase na esquina da Roberto Silveira. De modo que eles não chegaram a me pegar, não.

Além do Sindicato dos Operários Navais, o Sr. participou de algum outro movimento social organizado?

Eu sou aquele que naquela época ajudou a fundar muitas associações de moradores. Mas eu só ajudava a criar, não participava delas eternamente. Até no Rio eu ajudei a fundar associações. Mas a gente não chamava de associação de moradores, não. Na época era conhecido como Centro de Melhoramento. E tem uma coisa que muita gente não sabe: a polícia nos perseguia muito.

Em que locais de Niterói foram fundados Centros de Melhoramentos?

Ali no Cubango ajudei a fundar um no meio do mato, lá em cima. Hoje ele funciona cá em baixo, perto da igreja. Quer dizer: melhorou muito. Muita gente ali é capaz nem de me conhecer. Foi naquela época, já passaram esses anos todos. Muitos ali não me conhecem mais. No setor naval ocorre a mesma coisa. Alguns operários navais me conhecem, sabem o que eu fui, o que fiz. Mas têm outros que nem me conhecem. Chegou uma nova juventude aí que não sabe nada. É capaz de chegar aqui neste sindicato e não saber que fui quem tomou conta desta obra da fundação até o teto. O construtor deste prédio foi o Dr. Ruben Vanderlei, um médico que morava ali no Campo de São Bento. Ele formou-se em medicina mas nunca clinicou. Dedicou-se a construção. Ele pertencia ao Partido Comunista e, para a honra nossa, construiu esta sede. No nosso partido ele chegou a ser tesoureiro e tudo. Ele é fortão, alto, de cabelo grisalho. Ele construiu em uma porção de lugares por aí. A última informação que tive é que ele está construindo na Bolívia. A esposa dele era a dona Irene Vanderlei, que faleceu em Copacabana há uns três anos.

Naquele período o sindicato oferecia aos operários navais e às suas famílias algum tipo de assistência?

Tinha só assistência médica e dentária para os familiares. Inclusive, a minha patroa tratou de dente aqui. Nós tínhamos também uma escola, mas acabou, nem sei como. A escola tinha um bocado de aluno. O nome da escola, se não me engano, era Manuel de Sousa, um companheiro nosso aí.

E a vida social aqui como era?

Era boa. Nós tínhamos aqui baile de carnaval. E de vez em quando a gente dava um baile familiar aí em baixo. A segurança era toda de companheiros do Lóide mesmo. Mas não tinha problema, não tinha briga, não tinha nada. E nós tínhamos futebol também. De maneira que a vida social não era ruim, não, era boa. Faltou incrementar mais um pouco.

Qual foi a posição do sindicato diante da crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas 1954?

Você sabe que a turma e todo mundo votavam em Getúlio mesmo. E isto foi uma coisa certa, porque o Getúlio têm umas fases que a gente tem que parar e pensar um pouco. Getúlio tornou-se um ditador no Brasil em 1937, isto todo mundo sabe. Mas depois Getúlio deu uma guinada que para nós estava interessante. Ele era contra as multinacionais, contra o imperialismo, defendendo o que é nosso. E a gente era favorável a ele. Não tenha dúvida. Éramos mesmo. Mas o que ocorreu foi o seguinte. A pressão em cima de Getúlio, quando ele quis se desligar dos grupos poderosos, das aves de rapina, é o que o motivou a fazer aquilo. Foi um grupo de poderosos, de antipatriotas, contrários ao país, que provocou aquilo. Porque aí ele já estava com uma outra mentalidade; já estava defendendo uma outra coisa completamente diferente do que ele defendeu antes. E você sabe que, apesar dos pesares, o Getúlio sempre deu golpes, né? Quando houve a eleição que o Júlio Prestes venceu, o Getúlio fez aquela manobra e saiu lá do sul para vir amarrar cavalo aqui no Rio. Quer dizer: o outro ganhou e quem entrou foi ele. Mas o que eles acham de pior em Getúlio é só a carta de 37, mas mesmo aí os direitos dos trabalhadores ele respeitou. Foi criada a carteira profissional e foi criado um certo benefício para o trabalhador. Mas teve uma época que a turma dizia que Getúlio era o pai dos pobres, como foi o apelido que deram, mas que era a mãe dos ricos. Isso levou muito tempo na cabeça de todo mundo aí.

6. DO SINDICATO AO PLENÁRIO DA CÂMARA

Por que o Sr. decidiu concorrer às eleições para deputado estadual?

Depois que fui eleito presidente do sindicato, que começamos a administrar e tal, veio a eleição para a Assembléia Legislativa. E a turma resolveu me indicar porque achou que eu dava para o negócio. Eu concorri e tive nove mil oitocentos e poucos votos, que naquela época representava uma votação muito grande. Mas houve companheiros de Caxias e de São João de Meriti que afirmavam que a minha votação tinha sido de dez mil e poucos votos porque, pelo trabalho que eles fizeram por lá, não computaram os votos que deviam computar. E eu fui o mais votado, não apenas entre os candidatos dos partidos pequenos, mas entre os dos partidos grandes, que eram o PSD, a UDN e o PTB. Nenhum candidato deles, inclusive os de lá da Baixada Fluminense, teve o número de votos que tive. No PSD o mais votado parece que teve oito mil e poucos votos. Na época fizeram até um painel com meu nome na frente; logo atrás vinha esse candidato do PSD, não sei se era o Getúlio Moura, mas era um desses candidatos lá da Baixada.

Quando o Sr. foi deputado estadual quais foram os projetos que o Sr. apresentou e quais os fatos marcantes da sua gestão?

Os projetos que foram feitos não eram de tanta importância e a gente não conseguiu aprová-los. Mas uma coisa eu digo a você: a questão da liberdade sindical, da liberdade de pensamento, isto sim, nós defendíamos de qualquer jeito. E quando eles entravam com alguns projetos que eram contra os nossos princípios, eu e o Geraldo Reis fazíamos com que eles não tivessem êxito de passar. Havia um tal de Fausto de Faria que inventou um projeto para aumentar o nosso vencimento para 46 mil cruzeiros. Na época os deputados ganhavam 28 mil cruzeiros. Esse projeto passou a ser chamado de faustina. Mas nós, que éramos da oposição, ficamos obstruindo, obstruindo, aguentando um bocado de tempo

aquilo ali. Mas a gente sabia que o projeto ia passar de qualquer jeito, eles eram maioria. E de fato, mais tarde o projeto da Faustina passou, apesar de nós questionarmos.

Mas vocês foram os únicos a criticar este projeto?

Houve deputados, como Evaldo Pinheiro, que era da UDN, partido do próprio Fausto, que disse que não ia receber aquele salário. Ele anunciou que iria doar para uma entidade filantrópica qualquer. Aí nós fomos para a tribuna dizer que se ele doar, ele recebeu, porque ele só pode doar o que é dele. Aquilo deu uma polêmica danada. Mas eu dizia: “Como o projeto passou, eu vou receber normalmente como os outros companheiros. Não vou dizer que vou doar porque isto é demagogia”. Enfim, esta foi a nossa vida parlamentar. Nós fazíamos tudo que era possível em benefício do povo, em benefício da nossa cidade, Niterói, pois ainda éramos capital.

Consta que neste período aconteceram problemas relacionados à posse de terra no interior do Estado e que o Sr. foi lá para ajudar resolver. Como foi isto?

Este problema de terra aconteceu em São João da Barra e foi um episódio muito marcante. Eu e o Geraldo Reis fomos solicitados a comparecer lá em defesa dos lavradores da Fazenda do Lagos. Esta fazenda foi deixada pelos fazendeiros do tempo da escravidão, era um troço muito antigo. E entre os que estavam militando lá havia um tal de Satiro - aliás, um jornal do Rio me criticou dizendo que o nome correto era Sátiro - que estava sendo ameaçado de morte. Seu Satiro era um descendente de escravos, um filho de escravos daquela dita fazenda. Então nós, como deputados, nos dirigimos a São João da Barra e fomos a Fazenda do Lagos para acompanhar o problema que prejudicava os lavradores de lá. Logo na nossa chegada nós fomos cercados por um grupo formado de militares e civis. Os jagunços queriam nos proibir passar e contavam com o apoio dos militares. E eram os jagunços quem mandavam nos soldados. E conforme nós íamos andando, eles iam apontando o fuzil para nós. Aí paramos e falamos para os soldados o

seguinte: “Queremos falar com o comandante de vocês para saber que história é essa. Como é que jagunços mandam nos soldados da nossa corporação?”. Eles aí esfriaram um pouco e nós continuamos andando. Quando nós chegamos lá na dita fazenda, pedimos para falar com o Satiro. Mas eles andavam todos escondidos e se comunicavam através de um sinal de assobio. Aí eles deram um assobio lá e o Satiro apareceu. Aí nós entramos em entendimento com ele. Conversamos daqui e dali, e resolvemos trazer ele para cá, para evitar qualquer coisa. Pedimos que ele ajeitasse tudo e o colocamos no carro.

Os jagunços acompanharam a saída de vocês?

Quando chegamos lá na barreira eles não queriam deixar a gente passar de jeito nenhum. Aí eu falei: “Então vocês vão ter que atirar na gente, porque nós vamos levar o Satiro de qualquer jeito”. Aí ficou aquela confusão, mas nós conseguimos passar e trouxemos ele para cá. Mas São João da Barra é longe pra caramba, Deus me livre! Fica lá em Deus me livre mesmo. E a política lá ficava entre Simão Mansur da UDN e Afonso Celso Ribeiro de Castro, do PSD. Então, quando o PSD ganhava a prefeitura, o coitado do Satiro entrava no cacete. E quando ganhava o grupo da UDN, de Simão Mansur, o pau também comia. Não tinha saída para ele. Felizmente nós fomos lá e trouxemos o homem. Mais tarde ele se radicou com uma família em Cachoeira de Macacú. Eu soube agora que ele já faleceu. Mas este foi um episódio muito marcante para nós, que lutamos por reforma agrária, que é um problema muito sério no Brasil.

Vocês participaram de algum outro episódio envolvendo a posse de terra nesse período?

Houve também aquele caso em Caxias, quando a justiça de lá deu ganho de causa aos fazendeiros. Aí os lavradores foram todos expulsos de lá. E foram incendiadas todas as plantações: canaviais, bananais, aipim, queimaram aquilo tudo. Mataram até animais: porco, galinha. Aí nós trouxemos os lavradores aqui para Niterói. Alojamos eles ali no Campo de São Bento. Eu não sei se ainda existe alguém do Campo de São Bento daquela

época que possa dizer o que foi aquele povo todo ali vivendo da caridade pública. Uns deram poupas, outros deram comida, outros deram beliche. E eles viveram ali um bocado de tempo. Quando nós saíamos em passeata, era aquela multidão atrás de mim.

Vocês receberam apoio de algum órgão público?

O governo Miguel Couto Filho nos ajudou através de algumas sementes apanhadas ali no horto da Alameda e com algumas ferramentas. E depois ele arrumou um trem para levar o pessoal lá para Casimiro de Abreu. Todo mundo embarcou ali na estação da travessa Carlos Gomes. Levamos todos eles para Casimiro de Abreu, que era terra que não acabava mais.

E eles ficaram lá?

Não. Os grileiros de lá, não levou um ano, expulsaram eles todos. Mas aqui nesta casa houve muitos companheiros do sindicato que levavam material para ajudar os lavradores. E tudo por conta deles. Levavam para Cachoeira, Sapucaia, São João da Barra. De maneira que nós sempre tivemos boas intenções para com esse problema do campo, mas, infelizmente, não tivemos grande êxito. Mas o que achávamos que devíamos fazer, fazíamos.

O Sr. concorreu à reeleição para a Câmara dos Deputados?

Não, porque quando foi para a escolha da reeleição a maioria dos companheiros achou que eu não devia continuar para não aprender a prática da corrupção, como se diz hoje. Com um mandato só não há tempo. Aí escolheram o João Fernandes. Ele foi o candidato, mas um grupo o apoiava e outro, não. Quando estava quase próximo da eleição quiseram tirar ele. Aí eu mesmo não aceitei. “Não, deixa ele aí”. Enfim, esta foi a minha trajetória política. Eu não fui um político profissional; fui um político que representava a classe dos

trabalhadores. Corrupção eu nunca topei; não topei fazer cambalacho, não topei nada. Quando estava para terminar o mandato de deputado, o governador Miguel Couto me chamou muitas vezes ao Palácio do Ingá para me deixar um bem dele. Ele dizia que eu tinha uma família muito grande e que eu precisava olhar para a minha família. Na época ele queria me fazer inspetor estatístico, que ganhava mais do que fiscal de renda. Mas eu sempre fui descartando a coisa.

De que maneira ele abordava o tema com o senhor?

O Miguel Couto dizia: “Irineu, você tem uma família muito grande e eu quero dar isto para você. Você não vai ficar subordinado a ninguém. Você vai ficar à sombra dos edifícios da Amaral Peixoto”. Isso foi palavra dele. Se estivesse vivo, ele poderia confirmar. O que que eu queria mais? Mas não aceitei. E ele ainda disse: “Vai para casa, pensa e depois me dá a resposta” Eu fui para casa e daí a três dias voltei e disse que não aceitava. Uns me chamaram de bobo, outros me chamaram de burro, outros me chamaram de não sei o quê, mas para mim não estavam dizendo nada. O que importa é que tenho a minha consciência e sei o que estava fazendo. Se um outro aceita, isto não é problema meu. E a turma me conhece assim. Voltei à ferramenta, o que era o mais difícil. Não sei se existe no Brasil caso semelhante: um cara que foi parlamentar, deputado, voltar à ferramenta como eu voltei. Soldar novamente. E eu fiz isto. Aliás, na época isto gerou uma divisão: um grupo achava que eu não devia voltar ao Lóide; outro apoiava a minha decisão. Mas o impasse se encerrou porque eu voltei lá, trabalhei, e hoje estou aqui. Não me arrependo disso. Mas não sei se tem outros casos semelhantes no Brasil. É muito difícil um dirigente voltar a pegar na ferramenta.

O Sr. voltou a se encontrar com o Miguel Couto Filho após este episódio?

Certa vez ele veio lá do Rio fazer uma palestra no Teatro Municipal e nós fomos fazer a segurança dele na lancha. E assim que botou o pé ali ele olhou pra mim e disse: “Irineu, o

que que o Lóide fez por você?”. Eu falei: “O Lóide não fez nada”. “Eu não te disse”. Uns companheiros fortes que levei para fazer a segurança comigo falaram: “Essa não, se fosse eu, teria aceitado”. Eu disse: “Não era só você que aceitava, não . Tinha nego aí, inclusive, dirigente do nosso movimento de partido que aceitava. E eu não deixei”.

O Sr. se elegeu deputado estadual por qual partido?

Eu fui eleito pelo Partido Socialista Brasileiro, que na época chegou a fazer 3 deputados: eu, o Geraldo Reis e o João Rodrigues de Oliveira, um jornalista de Campos que morava ali no Ingá. Eu não tenho encontrado ele, aliás, nem sei se ele está vivo, porque ele estava com esse problema de próstata também. O João Rodrigues era um gozador dentro da assembléia. Só andava fazendo versinho para sacanear um e outro. Mas na hora de para fazer oposição mesmo, no duro, combater projetos, questionar, obstruir os trabalhos, era só eu e o Geraldo Reis.

O Geraldo Reis era também ligado ao Partido Comunista?

Era. Ele era mineiro, professor de português, morava em Icaraí, um bom companheiro. Eu ainda tive oportunidade de dar àquele CIEP lá de Gragoatá o nome dele. Eu fui a Assembléia Legislativa pedir a um deputado lá para fazer o projeto. Quando digo que às vezes eu trabalho mesmo sem mandato, é por causa disso. Eu pego um vereador e mando fazer o projeto que eu quero. Lá na Assembléia era a mesma coisa. Eu pedi para um deputado fazer o projeto botando o nome de Geraldo Reis no CIEP do Gragoatá. E o projeto foi aprovado religiosamente. Mas no dia da inauguração quase que houve um bolo danado, porque eles já tinham a idéia de querer mudar e botar um outro nome ali. Não quero nem saber qual era.

O Partido Comunista apoiou a eleição de Juscelino Kubitschek?

O Partido Comunista, oficialmente, eu não posso afirmar, porque você sabe que nessas coisas têm ainda os outros Estados, e a gente não sabe. Mas pelo menos aqui, o nosso pessoal, que a gente conhecia, que estava junto com a gente, esses apoiaram.

Como o Sr. acompanhou o Governo JK?

O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira para mim foi um grande governo. Ele trouxe um aumento na indústria muito grande. Primeiro foi a industrialização para ter carros nacionais, passando as indústrias a ter fábrica de motores aqui em Xerém. Quer dizer, por aí já deu para notar que ele era patriota e queria o bem do Brasil. Eu tive, inclusive, oportunidade de falar ao lado de Juscelino Kubitschek aqui na Comércio e Navegação, num palanque em que nós estávamos defendendo a construção naval no Brasil. Ele em pé e eu ali discursando. Existia até uma foto desse encontro num painel no antigo Ministério da Aviação, na Praça Quinze. Esse painel permaneceu durante muito tempo ali e eu acho que a minha falha foi não ter ido lá tirar uma foto para ampliar e colar. Porque depois que a Assembléia Legislativa pegou aquele prédio para construir os gabinetes dos senhores deputados, tem gabinete ali que não acaba mais, aquele painel sumiu. Mas a foto do painel mostrava eu ao lado de Juscelino Kubitschek no palanque. Se essa foto algum dia aparecer em algum lugar eu confesso a você que vou lá buscar.

Mas além das medidas de incentivo à indústria naval, houve alguma medida específica do governo JK que beneficiasse a classe dos operários navais?

Ele não criou nenhuma medida marcante, mas de uma maneira geral, o apoio dele aos operários foi bom. O próprio Lóide, que hoje está destruído, funcionava normalmente. O Lóide sempre foi uma casa grande, uma casa de bons profissionais, e recebia na época o apoio de Juscelino Kubitschek. Então para mim JK fez um grande governo. E ele não merecia o que fizeram com ele. Ele foi preso durante a ditadura, e segundo informações que eu tive, ele apanhou ali no terceiro RI. Bateram nele ali. Quer dizer, um ex-presidente

da República, não era para ter acontecido isso. A gente não vai dizer que foi assim ou foi assado, porque na época eu não estive ali. Mas os companheiros que me informaram, parece que não mentiram, não. Juscelino levou uns catiripapos ali.

7. REVIVENDO 1964: O FIM DA ÉPOCA DOS OPERÁRIOS NAVAIS

Qual foi o posicionamento do sindicato em relação ao governo Jânio Quadros?

O problema do Jânio Quadros não foi muito marcante para nós. Primeiro porque nós não fomos muito a ele. Aquele negócio do homem da vassoura, vou varrer isso, vou varrer aquilo, não gostamos da campanha dele, não. Eu acho que ele tinha um desequilíbrio qualquer, um desequilíbrio até mental. Porque no governo ele se meteu com uma porção de coisas que não cabia a um presidente. Aquelas medidas que ele tomava contra briga de galo, contra corrida de cavalo, contra biquíni na praia, contra não sei mais o quê, existiu muito questionamento por causa disso. Porque você, como Presidente da República, tem troço da mais alta relevância para discutir, como é que vai ficar mexendo com briga de galo ou com mulher que vai à praia de biquíni ou de topless? E isso ocorreu. Eu tive um companheiro, não posso dar o nome, porque não me lembro mesmo o nome dele, que projetava filme para Jânio Quadros. Jânio, como presidente da República, sentava lá e mandava o cara passar o filme que ele queria assistir. Jânio sozinho e o cara lá passando o filme para ele. Não acho que isso seja... Sei lá, não dá.

Após a renúncia do presidente Jânio Quadros ocorreram movimentos a favor e contrários a posse do João Goulart. Qual foi a participação do sindicato dentro desses movimentos?

A nossa participação foi favorável a posse do João Goulart. A gente achava que o Jango tinha que ser o nosso presidente da República mesmo. Você vê que a gente vinha

acompanhando o Jango desde Ministro do Trabalho. Então, não ia ser agora que a gente ia deixar de estar ao lado dele.

Eu gostaria que o senhor nos falasse agora sobre o golpe militar de 1964. O que aconteceu com o senhor e com o Sindicato dos Operários Navais durante aquele episódio?

Eu, por exemplo, fui preso.

O Sr. foi preso onde?

Nas docas do Lóide Brasileiro. Hoje quem está tomando conta daquela área toda lá na Praça Quinze é a marinha; fizeram até reforma no telhado. Eu fui preso ali por um suboficial e levado para o CENIMAR. Dali fui levado para dentro de um navio. Mais tarde foram presos o resto dos operários navais, mas eu fui preso antes. Eles ainda me deram a chance de tomar banho, mudar de roupa, com o suboficial sentado nas docas do Lóide me esperando. Mas os outros companheiros não tiveram essa sorte, não. Do jeito que estavam, sujos, de macacão, foram colocados dentro de uma lancha e levados pro can, na Ponta D'Areia. Ali foi feito um tipo de senzala, e os companheiros ficaram ali, deitados numa esteira, aquele bolo enorme. Mas nós vínhamos de lancha lá do navio para também depor no can.

E como era esse depoimento?

Todo dia era a mesma coisa: duas, três, quatro horas respondendo quase que as mesmas perguntas. Se eu conhecia Jacir Barbudo, o que que Jacir Barbudo fazia no sindicato e coisa e tal. Eu dizia: “E eu sei lá quem é Jacir Barbudo. Eu não conheço ninguém como Jacir Barbudo”.

E quem era o Jacir Barbudo?

O Jacir era um companheiro do Partido, mas era selecionado. Ele vinha de lá pra passar filme de Cuba aqui, essa coisa toda. E eles tinham isso tudo anotado; alguém passou isso pra eles. Às vezes, durante o interrogatório, eu dava um cochilo de sacanagem, e o oficial metia a mão na minha cabeça. Aquilo enchia porque todo dia era a mesma coisa: perguntavam sobre o sindicato, sobre o Partido Comunista, o que que o Partido Comunista fazia. “O senhor foi deputado eleito pelo Partido Socialista. Qual a diferença que existe entre o Partido Socialista e o Partido Comunista?”. “Não posso saber. Se eu sou do Partido Socialista, eleito pelo Partido Socialista, vou saber como é que é o Partido Comunista?”. Aí eu sacaneava eles também; não ia confirmar.

O senhor disse que do CENIMAR foi levado para um navio. O Sr. recorda qual era o navio?

Era o Princesa Leopoldina, um navio de passageiro. Na época em que ficamos presos neste navio aconteceram coisas muito interessantes. Havia uns caras que eram crentes, então eles iam lá para o porão rezar e coisa e tal. Mas também havia missa aos domingo e aí a gente podia encontrar os conhecidos todos que estavam lá. Havia muitos políticos e sargentos do exército presos no Princesa Leopoldina. O Miguel Arraes, por exemplo, estava preso lá; só que nós estávamos numa cobertura e ele estava numa outra. Lá encontrei também alguns companheiros de sindicato, como o Almir Resneki, que era presidente do Sindicato Rodoviário, bom companheiro, hoje já falecido. Lá encontrei o Durval Vieira de Souza, que era um líder do pessoal do Arsenal de Marinha. Por sinal, eu fiquei até chocado quando anos mais tarde fui visitar o Durval numa clínica em Tribobó. Chegando lá, encontrei ele enrolado nuns trapos amarelo, aquilo não era nem cobertor, nem colcha, nem nada. Era praticamente uns trapos. Eu até disse para um companheiro que estava comigo: “Veja você como é que é o fim de um líder”. Porque o Durval Vieira de Souza era um líder. Ele defendia o pessoal do Arsenal de Marinha. Ele ia a Brasília, discutia, e

ele já estava também com a gente no PDT. Enfim, o Durval também fazia parte desse nosso grupo que ficou preso no Princesa Leopoldina. Passado uns trinta e poucos dias ou mais, eles botaram a gente no Custódio de Melo. O Custódio de Melo era um cargueiro da Marinha. Ali passamos o resto do tempo até sermos absolvido.

E como foi realizado o julgamento?

Nós fomos julgados pela 3^a. Auditoria de Marinha. Mas durante a acusação me dava uma vontade de rir danada. Eu me agüentava para não rir. O cara chegava e dizia assim: “Quem é que não conhece o Irineu? O Irineu, aquele agitador das docas do Lóide, aquele agitador de Volta Redonda, aquele agitador do Arsenal de Marinha, aquele não sei mais quê e tal” . Eu dizia, caramba, que prestígio danado. Como é que fui agitador nesses lugares todos ao mesmo tempo? Só Deus para estar ao mesmo tempo em tantos lugares. Eu ficava ali sentado doido para rir. Aí ele pediu a nossa condenação por formação de greve, por formação de não sei mais o quê. Caramba! Só não pediu por formação de quadrilha, isso eles não afirmaram. Mas a maioria de nós foi absolvida por falta de prova. Eu tirei certidão lá, na 3^a. Auditoria de Marinha e o Durval, do nosso meio, foi o único condenado a um ano. Mas tirou pouco tempo, porque nós já tínhamos ficado aquele período todo lá no navio.

Vocês ficaram quanto tempo presos no navio?

Acho que fiquei uns dois ou três meses. O Durval ficou mais tempo porque foi condenado.

Durante esse período o senhor podia se comunicar com a família?

O ponto de visita era na Escola Naval. Nós íamos de lancha nos encontrar com a família lá.

O Sr. foi preso logo após o golpe?

Não, foi posterior. No dia do golpe fiquei lá nas docas do Lóide. Eu ainda não estava preso, não. Fiquei lá nas docas, naquele portão grosso da guarda do Lóide, perto de onde é o Tribunal Marítimo. Mas durante os depoimentos os caras perguntavam o que eu fiz no Lóide naquela noite. Por que eu não fui embora para casa. Aí eu disse: “Nós ficamos ali para guardar o dinheiro que estava chegando. No dia seguinte haveria pagamento do pessoal do Lóide”. Mas não era bem isso, não. É que o Goiano, que era almirante, mas estava diretor do Lóide, botou o Mocanguê dentro daquele espaço e para lá foi todo o pessoal que era militar e estava favorável ao Jango. Ali entrou nêgo da Polícia Federal, da Marinha. O pessoal todo ficou ali sentado aguardando ordem. E eu fiquei no portão para ver se sobrava alguma coisa. O meu interesse era ficar ali para ver se a coisa marchava.

E o que aconteceu?

O Goiano é quem ficou de arranjar as armas. Ele ia pedir a outro colega dele lá para trazer. Mas só vieram armas velhas. Aquelas metralhadoras velhas, uma caixa de granada de efeito moral, troços assim. Eu disse: “Isto aí não vai adiantar nada”. Eles falaram: “Mas você não vai querer uma metralhadora?”. “Não, esta metralhadora aí não me interessa”. “Vamos, pega a metralhadora”. “Não, essa aí, não”. “Então fica com um bocado de granada aí”. “De efeito moral? Pra quê? Pra jogar na rua com os carros passando?” Rapaz, não parece nada, mas foi a salvação eu não pegar em metralhadora naquela hora. Porque depois aconteceu o seguinte: todos aqueles que pegaram em metralhadora e eram ligados ao chefe de tráfico, foram punidos severamente. Inclusive, o diretor do tráfico foi preso e apanhou muito para dizer por que ele estava com aquelas metralhadoras. E ele era marítimo, um cara de projeção. Mas apanhou assim mesmo. E todos os auxiliares dele pegaram metralhadora. Metralhadora velha, que não valia mais

nada. Acho que foi uma coisa que me avisou. E aquilo foi bom pra mim, porque quando eles me perguntaram o que eu estava fazendo nas docas, eu não pude dizer que peguei em metralhadora porque não peguei mesmo.

E o que aconteceu com o Sindicato dos Operários navais após o golpe militar?

O sindicato foi depredado. O que fizeram com a nossa sede foi um vandalismo. Eles quebraram poltrona, quebraram vaso sanitário, quebraram máquina de escrever, quebraram até máquina de costura. Naquela época nós tínhamos curso de corte-costura aqui no sindicato. Quer dizer, foi uma destruição total. Mas como se isso não bastasse, eles pegaram a picareta e foram ali no assoalho do salão e picotaram aquele friso todo para saber se tinha metralhadora lá em baixo. É brincadeira? Guardar metralhadora. Nós também tínhamos aqui alguns quadros na parede. E em um desses quadros, depois eu posso mostrar a vocês como era, tinha o Casemiro, que era o zelador daqui, que a turma chamava de Narigão, tinha eu e tinha o João Fernandes; nós três aparecíamos nesse quadro que ficava na parede lá embaixo. Pois bem: eles pegaram esse quadro e meteram o bico da picareta nele até destruir tudo. Como se a gente tivesse feito algum mal pra eles terem aquela raiva, aquele rancor. E na época eu não era mais o presidente do sindicato. O mandato estava com o Benedito.

Mas quem fez isto? Foram soldados do exército?

Foram soldados da Polícia Militar mandados por eles. Só podia ser. Naquela época o nosso sindicato estava sempre ligado à luta de outras classes aí de fora. Nós lutávamos em defesa do camponês; lutávamos em defesa do salário do pessoal do Antônio Pedro; lutávamos até pelo pessoal que servia o Corpo de Bombeiro. Então eles sentiram que a gente estava andando muito e disseram “vamos cortar a cabeça deste sindicato porque ele não pode continuar”. E ocorreu isto. Eles deram uma porrada na cabeça de uma vez e neutralizou tudo. Eles cortaram a sindicalização do pessoal do Lóide Costeira, pegaram

um grupo de operários navais e jogaram para o grupo dos metalúrgicos. Enfim, deceparam o sindicato de tal forma que hoje ele não tem um quadro social que dê para manter a sede. Uma parte está no sindicato dos metalúrgicos, outros já morreram, outros estão aposentados por aí a fora. Este foi um fator que destruiu a nossa classe de operários navais do Rio de Janeiro.

O Sr. poderia esclarecer quem se enquadra hoje na categoria de operário naval e quem é metalúrgico?

Antes de 1964 não existia isto. Na nossa época todos profissionais eram operários navais. Este problema do grupo dos metalúrgicos com o grupo dos operários navais, desfazendo a nossa unidade, foi a ditadura que criou. No próprio Ministério do Trabalho já houve lá qualquer coisa no sentido de acabar com os operários navais de uma vez. Foi uma forma de reação. Mas o operário é igual a criança. Você não pode obrigá-lo a fazer qualquer coisa, porque ele não aceita bem. E eles obrigaram os operários navais a ir para o grupo dos metalúrgicos. No entanto, o Sindicato dos Metalúrgicos não cresceu nada. E era para ser um sindicato monstro. Mas que nada. Lá só tem praticamente a sede.

Qual era a posição de sua família diante da sua participação política e sindical?

A minha família nunca se opôs, apenas tinha muito medo. A minha mulher, então, é a pessoa mais medrosa que conheço. No momento em que fui preso, ela sumiu com os meus livros todos. Catou e queimou tudo. E livros bons daquela época. Desapareceram, não sei nem pra onde foi. Mas também nem quero saber. Agora não adianta mais nada. De maneira que ela sempre foi medrosa. Mas meus filhos nunca se opuseram: “Não! Não é bom isso, não é bom aquilo”. O único que às vezes diz alguma coisa é o Paulo Renato: “Mas o comunismo fazia o pessoal de escravidão, ganhava não sei o quê e tal”. Aí eu digo a ele o seguinte “O senhor ouviu falar isso lá na polícia. Na polícia fala muito isso”. Aí sacaneio e ele pára. Não tem mais conversa. Entendeu? O diálogo pára aí.

Como o senhor conheceu a sua esposa?

Eu a conheci aqui em Niterói mesmo, ali numa travessa que sobe o morro, em frente à padaria Carioca, na São Januário. Essa travessa tem hoje o nome da minha sogra, Brasilina Paula de Silva. A Dona Brasilina era daquela mulher do interior, mas radicada aqui há muitos anos, e que sempre gostou de criar galinha, porco, tudo isso. Era metida também a dar receita. Na minha justificativa do projeto para dar o nome dela à travessa, coloquei que ela gostava de atender o pessoal, oferecia às vezes um remédio, um chá. E isso ficou escrito lá na Câmara. Eles me falaram que iam até fazer uma placa de alumínio para botar na travessa, mas eu já tinha antecipadamente feito uma de metálica, de lata. De modo que eu conheci a minha mulher nessa travessa, porque morei ali muitos anos, desde que vim do interior. E como já falei pra você anteriormente, a nossa luta ali era carregar água para o morro. E eu conheci ela carregando água também, de lata d'água na cabeça, que eu também carregava na época, como solteiro.

O Sr. continuou morando ali depois de casado?

Eu me casei em 1942 e continuei morando ali ainda muito tempo com a minha sogra. Depois me mudei para a Travessa Geno, no buraco do Juca, e mais tarde fui morar nessa casa que estou hoje. Aquilo ali era um barraco todo podre, caindo aos pedaços. Eu comprei esta casa apanhando um grande empréstimo na Caixa Econômica. Depois eu fiz algumas reformazinhas, mas não tive dinheiro para recuar a casa. Porque se recuasse, teria terreno; daria para ter garagem, ter tudo ali na frente. Hoje não tenho nada disso porque não tive dinheiro para recuar na época. E acho que dali só saio agora para o cemitério. Não tem mais outro jeito.

8. O LÍDER SINDICAL E OS ANOS DA APOSENTADORIA

Em 1982 o Sr. foi eleito vereador pelo Partido Democrático Trabalhista. Por que o Sr. entrou para o PDT naquela época?

Eu não entrei por minha causa, não. Foi porque na época o velho Prestes estava apoiando o Brizola e achava que nós deveríamos ir para o PDT. E eu achei que era justo, afinal, era um partido que estava na esquerda e tal. Foi assim. Mas chegando na Câmara de Vereadores eu continuei lutando em defesa da educação, da saúde e das riquezas do País. Eu falava nisso todo dia. Os outros vereadores não se interessavam em falar. Ficavam quieto, só ouvindo. Mas tinha alguns que diziam assim: “Irineu só fala do problema estadual, nacional e internacional. Não fala quase nada do município”. Aí eu dizia para eles: “Do município a gente fala também. Onde a comunidade quer saneamento básico, nós vamos fazer; onde a comunidade quer água, vamos fazer; onde a comunidade quer luz, vamos fazer. Mas também tem que se falar do que está ocorrendo lá fora, do que está se passando em nosso estado e em nosso país”.

Que outras lideranças dos operários navais estavam com o Sr. no PDT naquela época?

Esse que é vice-Prefeito de São Gonçalo, o Benedito Joaquim dos Santos, fui eu quem colocou ele na política. Eu vim a mando do velho Prestes lá do Rio pedir para ele deixar o PMDB e ser nosso candidato. Mas o Benedito dizia que já era chefe lá. Eu ainda disse assim: “Chefe o quê, rapaz, você não é índio nem nada. Índio é que tem cacique”. Aí ele foi trazido para o PDT e nós o elegemos vereador. Como fizemos com outro aí, o Alves de Brito, um serralheiro, também vindo do nordeste. Aliás, ele era ajudante de serralheiro, nem era profissional. Ele trabalhava na Tecnal, na Ilha da Conceição. Quando vinha esse sol de dezembro, ele ficava da cor de um camarão, porque ele era branco demais. Aí, com pena dele, nós trouxemos ele para ser delegado sindical. Depois elegemos ele duas vezes vereador. Depois elegemos ele deputado estadual. Tudo para favorecer ele. No fim, ele

bandeou para o outro lado. Por isso é que eu digo: tem muita coisa que a gente faz que depois não tem jeito. Não adianta se arrepender. Mas o Alves Brito já faleceu, está debaixo da terra

E qual é a sua opinião sobre o desempenho político do Benedito Joaquim dos Santos?

Tem um grupo aí que não está gostando dele, não. Porque, sei lá, os companheiros pedem uma coisa e ele não pode resolver. E o Benedito não tem jogo de cintura. Porque se tivesse, ele dizia “eu não posso fazer isto assim e assado porque não dá para mim e coisa e tal”. Enfim, dava a posição política. Mas não. Ele dá umas negativas aí, mas, por outro lado, puxa o saco daquele pessoal que não precisa de mais nada. Aí choca, choca. Eu te digo uma coisa: eu me dou bem com ele, mas me parece que este é o último mandato do Benedito. Pode ser que eu esteja errado, mas acho que ele não ganha mais nada.

O que o senhor fez ao terminar seu mandato de Vereador? Voltou novamente a trabalhar?

Não, porque já estava aposentado há muito tempo. Eu me aposentei em 1975, depois de quarenta anos de serviço. Devo ter uma cópia do Diário Oficial lá em casa, porque eu sempre guardo estas coisas. Às vezes é difícil de achar, mas está guardado. Então, terminado o mandato de vereador, me liguei ao pessoal da Associação de Aposentados. Ajudo daqui e dali no que posso. Não quero cargo eletivo porque não estou mais com saúde pra andar pra lá e pra cá.

Em 1975 também ocorreu a fusão dos antigos estados do Rio com o da Guanabara. De que maneira o Sr. acompanhou aquele processo?

Eu fui contra a fusão e sou contra até hoje. Se houver aí alguma manifestação para desfazer isso eu ainda sou favorável. A fusão causou o maior prejuízo para a nossa

cidade. E, além do mais, foi uma fusão imposta, uma fusão feita pela ditadura, uma fusão em que o povo não se manifestou, onde ninguém pôde afirmar se era contra ou a favor; sim ou não. Por isso é que ainda hoje sou favorável que haja um plebiscito para decidir isso. Eu considero a fusão um negócio ainda entalado na garganta. Porque nós éramos capital. E depois da fusão eles levaram móveis, levaram tudo daqui pra lá. E até os funcionários públicos foram prejudicados; os que foram para lá, passaram a gastar mais dinheiro de passagem. Para o interior fluminense a fusão também não foi boa. Pelo contrário, deixou muito a desejar. Quer dizer, isso aí foi uma fusão marota. Hoje têm defensores da fusão afirmando que não sei o quê, porque se houver a desfusão vai prejudicar isso e aquilo. Nada. Conversa fiada. O Estado da Guanabara viverá como Estado da Guanabara como sempre viveu. Tem condição para isso. E o nosso Estado idem, idem. Nós podemos viver o que nós vivíamos. De modo que, se amanhã vier uma campanha para lutar pela desfusão, eu sou a favor.

Como foi o processo de formação da Associação dos Aposentados que funciona aqui no sindicato?

Já existiam associações de aposentados funcionando em alguns sindicatos: no Sindicato dos Eletricitários, no Sindicato dos Rodoviários, no Sindicato da Telerj, sempre tiveram lá grupos de aposentados. Chegaram a querer funcionar como delegacia, mas não foram em frente. Na Telerj, o Raul Crispino, que foi funcionário da CERJ, é quem representa o grupo de aposentados de lá. No Sindicato dos Rodoviários tem lá um grupo que também representa os seus aposentados. E assim sucessivamente. Às vezes eles convidavam a gente para se reunir lá com eles. A associação daqui foi fundada pelo Rosalvo Felipe, que era lá do Sindicato dos Metalúrgicos e hoje está do lado de cá. Ele fundou esta associação de operários navais e depois, malandramente, estendeu mais um pouco, ligando Niterói e São Gonçalo. Ele tanto pega trabalhador de Niterói como de São Gonçalo. Apesar de que lá em São Gonçalo tem hoje uma outra associação funcionando. Mas a associação daqui deu origem a muitas entradas de processos no INSS. Aqui

chegaram a ter trezentos e poucos processos. Uns já foram pagos e outros estão faltando só o INSS pagar. Mas a luta continua.

As associações de aposentados têm recebido apoio da sociedade?

Eu acho que deveriam ter maior apoio, porque o número de aposentados está sempre crescendo. Mas tem uns grupos de aposentados aí que não querem se organizar na associação de jeito nenhum. Você vai lá na Arapuã, no segundo andar, às quartas e sextas, e vê sempre umas velhas dançando. Ali ninguém quer nada com associação, nem quer reivindicar nada. E aquelas velhas são ciumentas. Se você vai lá e dança com uma, a outra fica te marcando. Lá onde era a Colegial, no terceiro andar, às quintas feiras, as velhas também estão dançando. Não querem nada com nada. E no Rio é a mesma coisa. Em Laranjeiras, em Madureira, em todo lugar tem esses clubes de dança dos aposentados. E quando você vai nestas praças da cidade você vê os aposentados todos jogando dominó, sueca ou buraco. Aqueles também não querem reivindicar nada. Aqui em cima da Arapuã, além do baile, tem também o jogo. Sobe um dia lá para você ver. Na prefeitura tem também um clube dos idosos criado por um decreto municipal que funciona às terças e quintas. Quando você vai lá encontra todo mundo jogando e dançando. Fazem festas, fazem aniversários, mas para a associação não vem. Isto tudo enfraquece um pouco o movimento. Se aquele pessoal todo que está lá viesse para cá, ou fosse lá para a associação da Telerj, a coisa seria outra. Pelo movimento que nós temos feito, se contássemos com esses aposentados todos, a situação ainda seria melhor. Nós já fomos a Brasília diversas vezes para lutar contra esses deputados marotos aí. E uma viagem estúpida, porque a gente saía daqui de ônibus, chegava lá de manhã, fazia a passeata e já voltava no mesmo ônibus. É um cansaço danado. Nestas três últimas eu não fui. Se eu for, quero ficar uns tempos por lá.

O Sr. recorda qual foi a primeira eleição que o Sr. participou como eleitor?

Eu não me lembro agora qual, mas sei que nunca perdi uma. Eu, por exemplo, pela idade que tenho, 78 anos, já podia cancelar o meu título. Mas não faço isso. Enquanto eu tiver lucidez, enquanto estiver andando, eu vou votar. Mesmo sabendo que eleição não resolve problema social de país nenhum. Seja França, Bélgica, Grécia, seja qual país for. A Espanha ou a Inglaterra; eleição nunca vai resolver.

Por que o senhor diz isso?

Eu digo pelo seguinte. O voto geralmente gera uns grupos que defendem determinados interesses. E nesses grupos é muito difícil encontrar quem defenda a Nação como um patriota, quem defenda o povo. É muito difícil. Não se faz isso. Se nós tivéssemos patriotas dirigindo essa Nação, não estaríamos no 3º. mundo; seríamos primeiríssimo mundo. Porque temos tudo para poder ser isso. Uma grande extensão territorial, grandes reservas minerais em ouro, petróleo, a fauna, enfim. Mas os nossos técnicos, os grandes técnicos, os nossos pesquisadores, cientistas, não vivem aqui. A maioria praticamente está tudo no exterior. Tem cientista que está na França, que está na Grécia, outro que está não sei onde, porque aqui não tem campo. Nós temos aí a FIOCRUZ, você já pensou se aquilo ali se desenvolver mais, no que que vai dar? Um Vital Brasil, que é mal administrado, mas produz vacina de todo jeito? Mas são coisas que não têm o apoio do governo.

E qual é a sua opinião sobre o movimento sindical hoje em nosso País?

Acho que luta boa igual a que fizemos não vai mais acontecer no Brasil. Eu não acredito mais, porque o movimento sindical está muito dividido. A própria CUT tem uma ala radical e uma outra ala que não é de nada. A CGT é a mesma coisa. Criaram duas CGT. Depois vem o Sr. Medeiros e cria um outro sindicato que ainda ontem estava fazendo uma eleição para saber quem apoiava a reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Deu

70% favorável e 30% contra a reeleição. Por aí você vê que eu não acredito em mais nada.

E como o Sr. vê hoje o movimento organizado pelos trabalhadores sem-terra?

O Movimento dos Sem-Terra não tem liderança. Só tem uns aventureiros do PT, outro aventureiro de não sei o quê, que faz aquela confusão toda, acaba morrendo lavradores e não temos reforma agrária nunca. Desde que eu me entendo por gente que se fala em reforma agrária no Brasil. Mas nada vai mudar de mão beijada, não. Não vai mesmo. Na época passada os donos de terra eram coronéis; hoje, não. Os donos de terra hoje são deputados, senadores, as grandes multinacionais. E eles não vão entregar isto à toa, não. Vai ter que correr sangue. Vai ter que ter luta muito grande.

O Sr. freqüentou a escola até que período?

A minha dificuldade de estudar foi muito grande. Eu peguei as primeiras letras lá na roça e depois tive em diversos colégios até chegar ao segundo grau. Nessas minhas andanças, tive que estudar um pedacinho aqui, um pedacinho ali, aquela confusão toda. Mas para mim foi bom por causa da experiência. Lá no Rio eu freqüentei uma porção de colégios. Aqui em Niterói estudei em outros tantos, inclusive no Baltazar Bernardino. Eu pensei que ia até fazer a faculdade, mas quando assumi o sindicato não deu tempo. Aí piorou tudo. Eu pensei uma coisa e me dei mal. Mas eu estou satisfeito assim mesmo. Eu estou vendo aí tanto nego formado pedindo cigarro aos outros, sem emprego, sem nada. Eu até que dei sorte. Eu me considero feliz pela andança, pelas passagens de tudo que eu fiz aí. Deu tudo certo.

Quantos filhos o Sr. tem?

Do meu casamento surgiram 10 filhos, 12 filhos aliás. Duas meninas morreram ainda criança, com infecção intestinal, pois não tinha penicilina na época. E hoje eu tenho seis homens e quatro mulheres. Uma filha já está divorciada, chama-se Lígia. Uma outra, a caçula, formou-se em arquitetura, mas nunca trabalhou. O Paulo Renato formou-se em engenharia mas trabalha no Estado ganhando uma mixaria, uma miséria. Tem a Tânia Coelho que é pedagoga, sempre lidando com menores infratores e abandonados. Ganha uma miséria também. A outra é a Kátia, que trabalha na prefeitura na área da saúde e está concluindo o curso de informática. Edson, o mais velho, Ricardo e Irineu trabalham em FURNAS. E com apenas o 2º. grau, eles estão ganhando mais do que o cara que é formado. Não dá pra entender. De maneira que esses são os meus filhos. E estão todos unidos comigo. Quando eu dou um grito, aparece todo mundo lá.

O Sr. torce por algum clube de futebol?

Desde que cheguei em Niterói o meu time é o Flamengo. Mas nunca dei para ser jogador de bola de jeito nenhum. Às vezes eu ia jogar, mas a bola passava e eu ficava filho da mãe. E quando chutava, levava uma trombada. Nunca dei para o futebol, mas gosto da bola, aprecio assistir.

O Sr. frequenta alguma igreja?

Não. Eu não tenho uma formação religiosa, mas respeito todas as igrejas. Seja ela católica, protestante, umbanda, seja até a do dito macumbeiro, como eles dizem, eu respeito, mas não sou adepto de nenhuma. Eu me casei na Igreja Católica, mas não é por isso que sou católico militante. Também não sou protestante. Mas em minha família tem uma porção de gente que é da Igreja Protestante. Minhas duas irmãs, minha filha caçula, meu filho, sobrinhas, sobrinhos, todos são crentes. Mas eu, não. A minha senhora agora de vez em quando também está indo na igreja deles lá.

Para encerrar esta entrevista, gostaríamos que o Sr. fizesse uma definição da sua trajetória de vida.

Então eu encerro dizendo que sou feliz por toda essa luta que participei. Eu, um operário, que saiu de lá do interior, de um buraco daquele, que chegou a trabalhar na lavoura, que chegou a jogar quiabo e maxixe na vala porque não tinha quem comprasse; depois vem para Niterói e consegue ser vereador, consegue ser deputado, consegue ser presidente do Sindicato dos Operários Navais, que foi o maior da história nas lutas da época. Quer dizer: não me falta mais nada. Estou completo. Acho que eu dei o que tinha que dar. Lutei ao lado dos lavradores, lutei ao lado dos operários, lutei pela paz, lutei pelo petróleo, enfim, lutei pensando em dias melhores para o nosso País e para os nossos filhos. E se isto, infelizmente, não acontece no momento, deverá acontecer no futuro. Muito obrigado.

CAPÍTULO II

ROTEIRO DE UM SINDICALISTA DOS ANOS 60

Depoimento de Rosalvo Constâncio Felipe (*)

“Eu fui surpreendido, lá pelos idos de 1968, com todos os meus companheiros invadindo a minha seção (...) “Nós viemos aqui porque estivemos reunidos e elegemos você o nosso representante”. Eu disse: “Olha companheiros, eu não tenho mandato sindical”. “Não tem problema, a sua garantia vai ser a gente”. Aí estava a minha força. Os trabalhadores estavam me dando o amparo necessário. Era aquela história: se mandar embora, todo mundo pára e só retorna ao trabalho quando ele voltar. Deu para entender? São coisas de trabalhadores”.

(*) Esta entrevista foi feita por Paulo César de Araújo e Stalin Che Guevara S. Melo, no Sindicato dos Operários Navais do Estado do Rio de Janeiro, no Barreto, Niterói, em 01/12/1993 e 01/03/1997 e editada por Paulo César de Araújo.

1. A INFÂNCIA DE UM FUJÃO

Seu Rosalvo, em que data e local o senhor nasceu?

Eu nasci num lugarejo chamado Rio Preto, hoje Morangaba, décimo terceiro distrito de Campos. Eu sou bem daquele interior. Nasci numa palhoça de sapê. Nasci numa fazendola, porque o meu avô era um pequeno proprietário de terras. Este pequeno, na época, significava que ele colhia cinco mil sacas de café, muita banana e criava algumas cabeças de gado. Eu nasci nesse local, Vale Eno. Era um vale muito bonito. Tinha um rio cortando ao meio: de um lado, os pastos; de outro, as plantações. Ao fundo, havia aquelas fileiras de bambu taquaruçu e corria um outro rio. Por isso a gente dava o nome desse lugar de Duas Barras.

E qual a data do seu nascimento?

Eu nasci em 17 de agosto de 1927, mas sou registrado como tendo nascido em 1929. O local onde nasci era muito distante do centro de Campos e as pessoas deixavam sempre para registrar depois. Por isso, passaram-se dois anos para eu ser registrado. Mas para não se pagar a multa que havia na época, meus pais colocaram aquela data de 1929 e eu fiquei registrado com dois anos a menos. Houve até um fato pitoresco. Na hora de escolher o nome que eu ia ter, um tio meu olhou uma lata de banha de vinte quilos que trazia o nome do proprietário da indústria, o Rosalvo Cherer, e falou: “Bota o nome no menino de Rosalvo”. E assim fiquei com esse nome. As famílias daquela época costumavam colocar sempre o nome inteiro do pai nos primogênitos. O meu bisavô chamava-se Antônio Constâncio Felipe e o meu avô Ponciano Constâncio Felipe porque era o primogênito da família. O primogênito dele, meu pai, ficou sendo Antero Constâncio Felipe, e eu, Rosalvo Constâncio Felipe. Os outros irmãos recebiam o sobrenome da família da mãe.

Quando o senhor veio para Niterói?

Vim para cá em 1932. Estava com cinco anos de idade incompletos. Viajamos do interior no lombo de um cavalo até a estação de Aperibé, Estado do Rio, de onde a gente se deslocou de trem até Niterói. Saltamos da estação, hoje desativada, que tem aqui na Feliciano Sodré, na beira do cais do porto, onde tem aquele prédio todo pintado de ocre. Dali eu fui levado por um tio para a casa de outro tio. Eu já havia perdido meu pai, e a minha mãe distribuiu os filhos com os parentes.

Quando o seu pai morreu?

Meu pai foi vítima da febre amarela lá pelos idos de 1931/32. Ele deixou três filhos: eu, o mais velho, e as minhas irmãs Rute e Eunice. Depois da morte dele, minha mãe deu os filhos para os outros criarem. Eu vim morar em Niterói com os meus tios.

Em que local da cidade eles moravam?

Meus tios moravam no morro de São Lourenço. Nesta época, Niterói ainda era quase toda sem calçamento. Nós fomos morar numa casa amarela, aliás eram duas casas amarelas que tinham lá em cima do morro, onde hoje tem aquele descampado da pedreira. Quando a gente morava ali, aquela pedreira ainda estava em pleno funcionamento. E não tinha nada. Tinha aquelas duas casas e uma casinha aqui e outra ali. A famosa rua São João era uma rua desaterrada, ainda de chão, com valão no meio. Esse valão ainda existe hoje debaixo do asfalto. Nós ficamos ali até 1934. Isso eu me lembro perfeitamente, porque a gente desceu o morro para assistir ao carnaval de 1934, que eu apreciava muito. Garotinho, ainda com medo dos pierrôs. Eu não estava acostumado com aquilo.

Onde era feito esse carnaval?

O carnaval era feito no centro de Niterói. Ali pela Jansen de Melo ou Marquês do Paraná passavam os corsos, que eram aqueles carros Chevrolet, modelo 1928, de capota arriada e com aquelas mocinhas fantasiadas. Era tudo muito bonito. Eu me lembro até de uma musiquinha da época, muito engraçadinha, que diz:

“Ô Zé, você não lava esse pé?
Eu só tomo banho quando enche a maré
Quando a maré tá cheia, oi
Tem jacaré.”

Eram essas coisas inocentes, sabe? Eu carrego isso comigo. Dali daquele morro nós fomos morar na rua Mal. Deodoro, nos fundos de uma serraria onde tinha uma vila de casas. Por essa época se começavam a construir o mercado de Niterói.

É aquele depósito que fica próximo à ponte?

Isso. Lá embaixo, quase chegando à estação do trem, tem um prédio todo fechado. Aquilo ali era o mercado. Quando eu fui morar ali, estava começando a fundação do mercado. Me lembro que nas minhas traquinagens eu até espetei o pé numa tábua daqueles andaimes. Hoje, com um prego no pé, você corre pro hospital para receber uma antitetânica. Mas naquela época, havia umas coisas curiosas. A minha vó me arrancou a tábua do pé, foi pra dentro de casa, pegou um pedaço de toucinho, meteu no fogareiro de abanar, torrou aquele toucinho, veio em cima do prego, onde eu tinha espetado o pé, travou aquele toucinho e no dia seguinte eu já estava andando com o pé no chão. Só doído ainda, porque estava ferido. Então a gente se lembra de Niterói daquela época, um Niterói provinciano, um Niterói de pessoas pacatas. Um Niterói onde ainda se usava bengalas, usava-se chapéu de palha. Um Niterói de bonde passando...

E por onde passava esse bonde ?

Você tinha algumas linhas. Uma que ia a Icaraí e outra que ia para Santa Rosa, tudo saindo da praça Araribóia. E tinha uma linha de bonde que ia para o Fonseca, fazendo o retorno no que nós chamamos hoje Caixa D'água. E você também tinha a linha de bonde que ia para São Gonçalo: uma por Sete Pontes, outra pelo Porto Velho e uma outra que seguia do Porto Velho até Alcântara. Naquela época, se pagava cem réis no bonde. Você hoje tem o ponto Cem Réis de Santana porque era um ponto de bonde. Você viajando da praça Araribóia, pagava cem réis; e dali até em cima, por exemplo, na Caixa D'água, mais cem réis. Então era por isso que se chamava ponto Cem Réis. E a Rua da Praia, onde tem hoje aquele supermercado Três Poderes e lá pra frente, campos de futebol, aquilo tudo era mar. O mar vinha bater cá na calçada da rua Rio Branco. Tempo bom, tempo inclusive em que você podia viajar de noite...

Tinha muita festa?

Tinha. As festas da época eram aquelas festas ingênuas, com fogueira, com balão. Eram sempre de origem religiosa: festa de Santo Antônio, de São Pedro, de São João, festa dos Pescadores. Era uma coisa fabulosa. Havia a grande procissão de barcos, fogos, paus de sebo. A garotada toda vinha para disputar o pau de sebo. Havia muita briga pessoal também, mas sempre era o negócio do tapa na mão. O cara saía no tapa com outro por causa da namorada, por causa de qualquer bobagem.

Namoro na praça?

Namoro na praça. Não podia beijar, era feio. O negócio era namorar à distância. A garotada do colégio, sempre mais ativa, fazendo seus flertizinhos. Agente podia contar, em Niterói daquela época, os cinemas: Boaventura, lá em cima na Alameda, na subida da Caixa D'água; o cinema Rio Branco, que era bem aqui perto, onde tem hoje o supermercado Três Poderes. Você tinha também o cinema Odeon, o cinema Central, o cinema Éden e o cinema Mandaro, que era lá em Santa Rosa.

Qual destes cinemas o senhor mais freqüentava?

Nesta época eu ainda não ia a cinemas porque a minha família era crente. A minha avó e os meus tios eram batistas. Então, eu só via o cinema de longe. A gente só era levado para a Igreja Batista.

E como era essa questão da religião na cidade?

Naquela época eu só me lembro de conhecer três igrejas diferentes, aliás quatro. Seria a católica, a batista que eu freqüentava com minha família, a presbiteriana e uma outra que nós chamávamos de Igreja Fluminense... Eu nem sei qual a finalidade ou qual era o segmento dela. A presbiteriana ficava na Visconde do Rio Branco e a 1^a. Igreja Batista de Niterói não é lá onde está hoje.* Era na Visconde de Sepetiba e o seu pastor chamava-se Manoel Avelino de Souza. Tem até uma rua com o nome dele. Inclusive, eu cheguei a conhecer esse pastor. Então, a religião era isso: era o pastor atacando o padre de cá, o padre atacando o pastor de lá, cada um querendo tirar a primazia do outro. Mas a gente ouvia falar em macumbas também.

O senhor foi batizado na Igreja Batista?

Não. Eu só vim a ser batizado mais tarde, na Igreja Católica, mas aí já é uma outra história. Muito bem. Então, durante esse período que moramos ali, no centro de Niterói, numa sistemática muito natural do progresso, a tendência, na minha forma de ver, é que o capital vai empurrando o proletariado mais para longe. Com Niterói começando a se expandir muito lentamente, o meu tio mudou-se de Niterói para um lugar em São Gonçalo chamado Baronesa. Baronesa é ali próximo ao 3º RI (hoje 3º BI). Logo depois, ele mudou-se para a rua Coronel Amarante, bem em frente ao 3º RI. E ali começou a

* A atual sede da Primeira Igreja Batista de Niterói, situada à rua Marquês do Paraná, 225, foi inaugurada em 10 de novembro de 1958.

minha odisséia. Eu estaria com meus sete para oito anos, quando fugi de casa pela primeira vez.

Por que o senhor fugiu?

Eu sempre fui um espírito muito rebelde e recebia uma educação que não era muito amena. Eu era um garoto que ganhava como refeição uma coça de manhã, outra ao meio-dia e outra à noite. Isto aí me rebelou e eu fugi. Para você ver como são as coisas da vida. Eu fugi de casa e vim parar aqui, nesta rua, em frente a este local, quando ainda não existia este prédio do sindicato. Aqui em frente tinha uma árvore com oco. Eu dormi à noite no oco desta árvore. De manhã cedo, quando acordei, fiquei zanzando por aí para pegar uma carona de bonde. Um condutor de bonde que me conhecia gritou: “Vem cá menino, você está indo para casa? Entra aqui”. Aí ele me agarrou pela mão e me levou de volta para o meu tio.

Quando o senhor começou a freqüentar a escola?

Nesta época. Era uma escola pública que tinha em frente ao 3º RI, nem sei se ela ainda existe. Me lembro até hoje. Naquele tempo, o xodó da garotada era a bala marcapito. Era uma bala que trazia umas figurinhas e que tinha forma de apito. Você botava na boca, a bala assobiava. Ela custava cem réis e a gente queria ganhar um dinheirinho pra comprar a bala marcapito. Você chupava, a bala assobiava e ainda colecionava figurinhas. Então eu estudei ali até o meu tio arranjar um dinheiro emprestado na Caixa Econômica e construir uma casa de pau-a-pique no Morro da Madama. A gente trabalhou na construção desta casa. Embora pequeno, eu era um garoto taludo. Eu tinha que trazer a madeira lá de dentro do Gradim e levar até o alto do morro. Quem carregou toda a madeira para a construção da casa fui eu, nas costas, tá?

Mas depois que a casa ficou pronta o senhor pôde descansar?

Não. Aí começou o negócio lá do alto do morro: carregar água na cabeça. Você descia do morro com cinco latas de vinte quilos e ficava na fila da bica cá no pé da Madama. Quando chegava a sua vez enchia as latas, botava as latas do lado e ia levando lata por lata pra cima. Eu ficava o dia todo carregando água. Aquilo cansava muito, porque a minha tia não economizava. A água chegava e ela ia lavando casa, esbanjando. Às vezes eu tinha que me levantar às três horas da manhã para encher as vasilhas de água. Na hora que eu me cansava e dava uma paradinha, levava uma coça. Aí um dia eu passei a mão numa esteira, passei a mão num lençol e fui dormir no mato. Na manhã seguinte caí no mundo. Só retornei para casa anos depois.

O seu tio era irmão de seu pai?

Não, minha tia é que era irmã dele. Esse meu tio era casado com ela. Mas eu não recebia um mau tratamento da parte de minha tia, eu recebia da parte do meu tio.

Para onde o senhor foi depois que fugiu da casa deles?

Eu fui para o Rio, onde tive meu primeiro emprego carregando marmitta na rua do Uruguai. Mas também fiquei pouco tempo, porque parece que violência era a forma que se usava para educar criança. A dona da pensão, na sua violência, um dia me jogou uma marmitta quente em cima. Eu, no momento, fiquei quieto. Saí da pensão com dez marmittas para entregar aos fregueses dela e a minha vingança foi largar as marmittas na rua e ir embora. Deixei as marmittas pra lá e fui em frente. Foi a vingança, porque eu fiquei queimado nesse meu lado direito, com bolha de cima a baixo. Daí minha rebeldia. Na revolta contra aquele ato, larguei as marmittas na rua e fui embora.

O senhor fugiu da pensão?

É, o negócio aqui é meio de fujão, né? Larguei as marmitas pra lá e fui descendo pela rua Barão de Mesquita. Na esquina com São Francisco Xavier, do lado direito de quem desce, tem o muro do Colégio Militar e do lado esquerdo, na esquina, naquela época, tinha um bar. Nos fundos havia uma meia - água. Nessa meia - água estava uma senhora debruçada no muro e ela me perguntou: “Ô menino, você não quer trabalhar?” Eu disse: “Quero!”. “Então entra aqui.” Aí fiquei na casa dela como companhia do filhinho que ela tinha. Ela era mulher de um sargento que dava instrução física no Colégio Militar. Fui bem tratado nessa casa. Só que, certa vez, chegou uma senhora de visita por lá e me pediu para comprar um maço de cigarros. Mas quando eu estava indo para o armazém, encontrei na rua Paula Souza uma porção de garotos jogando bola. Eu aí parei para ver os garotos jogarem. Naquela época, não era como hoje, havia o Juizado de Menores funcionando. O que nós chamávamos de delegacia do Jaime Praça, que era o delegado de menores. De repente, encostou o carro do velho Praça e a garotada toda correu, menos eu. Não estava acostumado a fugir de perigo, estava acostumado a fugir de hostilidade. Aí um dos caras disse: “Todo mundo correu. Esse aqui é o valente, bota ele no carro”. Me colocaram na viatura e eu fui levado para a delegacia do Jaime Praça. Chegando lá, encontrei diversos outros companheiros. Em um quarto ficavam os garotos, em outro quarto ficavam as meninas. Dois dias depois, nós fomos levados para a Escola Sete de Setembro, nem sei se ela existe ainda. Nesta escola eu não tinha o nome de Rosalvo Constâncio Felipe, porque um cara lá cismou que o nome Constâncio não existia, e o certo era Constantino. Eu dizia: “Não é Constantino, moço, é Constâncio”. Ele respondia: “Constâncio? Isto não existe, é Constantino”. Como eu não tinha documento, fiquei registrado lá com o nome de Rosalvo Constantino Felipe. Aliás, quem lecionava música para a gente na Escola Sete de Setembro era um sujeito chamado Villa-Lobos.

O maestro Villa-Lobos?

Exatamente. Maestro Villa-Lobos. Todas às segundas, quartas e sextas ele ministrava uma hora de aula. Ele ensinava não só ali como em muitas outras escolas. Acho que era tarefa dele.

E como eram estas aulas do Villa-Lobos?

Ele chegava com aquele diapasão e “Ahhhhhhhhhh!”. Ele ensinava uma forma para a gente se organizar em côro. Eu aprendi com ele um negócio que nunca me esqueço: “Oh! ai iangá fugiu ierê”.

Ele brincava com a turma ou era muito sério?

Ele tinha a sua simpatia mas era um cara sério. Às vezes, ele contava umas coisinhas simples, mas o negócio do homem era mesmo a música. A gente não entendia nada, mas ele ficava lá ensinando como é que é. A gente não era muito ligado em questão de música, não.

Isto foi em que época?

Foi por volta de 1938 ou 39. Eu estava com meus dez ou onze anos. Um certo dia, alguém lá da Escola Sete de Setembro perguntou: “Quem é batizado aí”. E eu ainda não era. Então, num determinado dia, eu e mais uns dez ou quinze companheiros fomos organizados em fila para ser batizados. Veio um padre, e o padrinho foi o maestro Villa-Lobos. Ele foi o padrinho de todo mundo. Depois ele deu mil réis para cada um e acabou a história.

Por que o senhor deixou a Escola Sete de Setembro?

Uns três ou quatro meses depois, apareceu por lá um casal querendo um garoto para caseiro. O casal era d. Elza e Dr. Joaquim Mauriti Filho. Ele era juiz de direito em Petrópolis. E eu fui escolhido para ir para a casa deles, porque eu era branquinho e coisa e tal. Só que chegando lá, eu também ganhei a minha sova de pancadas e senti novamente a questão dos maus tratos. Eu não aceitei e fugi.

O senhor levava pancadas por quê?

Por quê? Bem, a gente hoje pode abrir o jogo, porque isto foi noticiado até em jornais. O negócio foi o seguinte. Lamentavelmente a d. Elza era uma mulher leviana. E eu tive a infelicidade de um dia ver esta mulher na cama com outro homem, um tal de Dr. Pena, um médico urologista aqui do Rio.

Como é que foi a cena?

Era dia claro ainda. Eu tinha acabado de rachar lenha, tomei o meu banho e entrei dentro de casa. Esta casa existe em Petrópolis até hoje. Como a porta do quarto estava aberta, eu vi a mulher na cama. Foi o meu azar, né? A mulher começou a me bater...

Na hora ou depois?

Depois. Na hora ela só disse “saia daqui”, mas depois começou a me perseguir. Certa vez durante uma briga com o juiz - mas briga mesmo - ela atirou um livro nele, ele saiu fora, e o livro bateu em mim. Veio tão forte que me quebrou a orelha, me abriu a orelha. Aí eu fugi da casa deles. Mas em vez de vir para o Rio, eu segui pela Petrópolis - Teresópolis.

A pé?

Sempre a pé. Aí um cara de um caminhão falou: “Ô menino, passei pela estrada e vi você caminhando”. “É, eu tô indo embora pro Rio”. “Então eu vou te levar”. Eu, inocentemente, entrei no caminhão. Ele foi e me entregou no fórum, nas mãos do juiz. A minha fotografia já estava até na delegacia. Daí eu fui levado de volta para a Escola Sete de Setembro e de lá fui para o Asilo Agrícola Ju-Paraná. Ele era montado onde ficava a casa de campo da princesa Isabel.

Em Vassouras?

Exatamente, em Vassouras. Só que é um distrito afastado, que hoje se chama Desengano, me parece. Naquela época, chamava-se Ju-Paraná. Por sinal, a gente tem uma boa lembrança de lá. O diretor era um cara excepcional e havia uma professora, d. Francisca Toledo Piza, que sempre me perguntava assim: “Quem é o seu pai?”. Eu dizia “Não tenho pai. Não tenho pai, nem tenho família”. Então, certa vez, ela usou de uma artimanha: “No fim do ano vocês vão escrever uma carta como se vocês tivessem um parente. Vão escrever esta carta e botar no correio. É uma das provas para vocês passarem de ano”. Aí eu peguei e fiz uma carta para o meu tio, com endereço e tudo. Dois dias depois ele apareceu lá para me buscar. Aí, sei não sei, vem embora não vem, ele se comprometeu, eu vim embora. Voltei aqui para o morro da Madama. Nos primeiros dias tudo bem. Mas logo ele se mudou para perto da linha do bonde, uma casinha que existe até hoje. Dali mudou-se para o bairro do Pita. A gente foi pra lá carregar tijolo. Depois do Pita, fomos morar no bairro de Santa Catarina, em São Gonçalo. Mas aí não dava mais para conciliar novamente aqueles maus tratos recebidos. E eu meti a cara por aí a fora.

Mas o que o senhor fez nesse meio tempo depois que voltou de Vassouras?

Fiquei estudando. Estudei no Colégio Excelsior, colégio que tinha aqui na rua Laura Azevedo, em Neves. Terminei o primário com destaque, diga-se de passagem.

Que idade o senhor tinha nesta época?

Eu estaria com meus doze, treze anos. Assim que saí do colégio Excelsior, o meu tio arranhou para mim uma matrícula na Escola Profissional Henrique Lage, que já era aqui no Barreto. Ela estava há pouco tempo no bairro. A escola funcionava anteriormente em Santa Rosa. Lá, ela tinha o nome de Escola do Trabalho. A gente ainda usava esse epíteto Escola do Trabalho mas já era Escola Profissional Henrique Lage. Não tinha mais vaga, mas devido ao conhecimento do meu tio com o então secretário do colégio, seu Jair, fui admitido como ouvinte para, no decorrer do ano, se houvesse uma vaga, ser aproveitado. Naquela época, tinha isso. Só que antes do fim do ano, ao contrário do pré-profissional, que era uma espécie de admissão, eu fiz exame para o segundo ano. Você vê a minha desenvoltura.

O senhor fazia o curso de eletricista?

Não. Quando a gente passava esse pré - profissional, escolhia. Eu estava dividido entre tipografia ou eletricidade. O negócio é que eu me dava bem nas duas; eu me saía bem nas duas profissões. Hoje, eu até entendo alguma coisa de tipografia, mas me dediquei à eletricidade. O período das aulas era das 7hs da manhã às 4hs da tarde. Mas como eu tinha que lutar pela minha sobrevivência, para ter meu dinheirinho, eu arranhei um emprego na Leitaria Paz, na rua da Conceição, que existe até hoje. Aí eu saía do Henrique Lage e ia direto para o trabalho.

O senhor almoçava onde?

No colégio. Lá a gente tinha o que chamava de mangonga. Mangonga era uma sopa, um entulho. Era macarrão, batata doce, inhame, aipim, tudo misturado. Um pedaço de carne e um pedaço de pão. Todo dia era aquilo. À tarde tinha um canecão de mate com pão e

manteiga. Então, eu saía dali às 4hs da tarde, pegava na Leitaria Paz às 5h e trabalhava até uma hora da manhã. Dali eu ia para casa.

Como o senhor voltava? A pé?

Não, de bonde. Havia bonde pela madrugada afora. Aliás, se discute muito hoje esta questão da superlotação. Você de noite tem que ficar na rua exposto porque não há uma condução. Naquela época, tinha o bonde do sereno. Eram os bondes da madrugada. À cada dia ficavam um ou dois bondes indo e voltando, levando o pessoal. E eu ia nesse bonde. No dia seguinte, não perdia aula. Era importante, eu tinha uma vontade de estudar! E também não perdia um dia de trabalho, pois tinha uma vontade louca de ter o meu dinheiro no bolso.

Até este momento o senhor continuava morando com seus tios?

Continuava com eles. O problema aconteceu quando fui trabalhar na padaria Nossa Senhora da Conceição, que fica no cruzamento da estrada de Maricá. Comecei vendendo pão na rua e ganhei logo a confiança dos portugueses. Primeiro eu comecei a sair com a cesta, depois passei a sair com a carrocinha e por fim passei a sair com a carrocinha e a cesta. Estava faturando um bom dinheiro. Só que tinha uma desvantagem: na hora do pagamento, quem ia receber era meu tio. Aí, eu empombei com o português: “Quem trabalha pra você sou eu, não é ele. Eu quero meu dinheiro pra comprar minha roupa”. Aí deu um quiprocó e eu me mandei. Fui embora para o Rio de Janeiro. Fui trabalhar em botequins, armazéns. Vendi laranja na cabeça, vendi peixe, vendi tripa. No matadouro, ganhava tripa e saía vendendo por aí para ganhar dinheiro. Depois conheci uns parentes e através desse conhecimento retornei às minhas origens. Eu voltei à minha terra.

Campos?

É, voltei por minha conta. Me lembro como se fosse hoje. A passagem de trem para Campos custava vinte e um mil réis. Quando entrei na fila pra comprar, eu só tinha vinte. Aí eu pedi pro cara que vinha na frente que inteirasse minha passagem . O cara me deu o mil réis e eu consegui embarcar. Você saía daqui às 10hs da manhã e chegava em Campos às 5hs da tarde. E eu sem dinheiro pra comer e com uma fome danada. Saltei lá na estação e perguntei: “Como é que vou pro Rio Preto?”, que era o nome do lugar . “Ih rapaz, não tem mais condução. Só tinha um ônibus e já foi. Só de carona”. Como? Aí informaram a um cidadão lá e eu fui de carona com ele. Quando cheguei na casa dos meus parentes, eram umas 9hs da noite. E na roça, o negócio é bastante interessante. Você, cá de fora da cancela, grita: “Ô de casa!”. Aí quando eu gritei assim, o cara: “Ué, o que é que você tá fazendo aqui? Entra”. Ele conheceu a minha voz. Aí eu comecei a conviver na roça durante um período. Fiquei lá cortando banana, limpando pasto, pegando na enxada, ganhando minha vida. Eu queria saber onde estava a minha mãe, mas levei uns dois meses até descobrir onde ela morava. Então eu vim a conhecer meus irmãos, não os filhos de meu pai, mas de outro casamento dela. Fiquei sabendo também de minha irmã caçula, que estava com outra família, e de minha irmã do meio, que já tinha falecido. Eu vivi algum tempo na casa de minha mãe. Foi quando apanhei impaludismo: febre, tremedeira, aquele babado todo. Quase morri no interior. Saí me arrastando de lá.

Aí o senhor voltou para a casa de seu tio?

Ainda não. Fui para Ernesto Machado; de Ernesto Machado para São Fidélis; de São Fidélis para Campos. Aí começou a minha odisséia de percorrer o Brasil até o exterior. A gente chegou até a trabalhar na estrada Mato Grosso - Bolívia, derrubando árvore para construir a estrada. Trabalho brabo, sujeito à malária, sujeito a todas essas coisas. Eu ganhava quatro mil réis por dia. Depois fui ser tropeiro. Rodei por aí: Mato Grosso, Amazonas, Sergipe e vim embora. Com uns dezoito anos mais ou menos, a gente bateu

em casa de novo. Só que cheguei de motocicleta...Cheguei de motocicleta. Depois de rodar o mundo, trabalhando, economizando, cheguei de motocicleta na casa de meu tio.

2. DO CINEMA AO SINDICATO.

Ao retornar para Niterói o senhor foi trabalhar em quê?

Comecei a biscatear como eletricitista. Depois fui para o Rio trabalhar na Light. Trabalhei lá como extra-numerário.

Quando o senhor trabalhou na Light?

Lá pelos idos de 1943, por aí. O pessoal e a chefia gostavam muito de mim. Mas por razões de não me dar bem com um certo encarregado, fui afastado da Light. O inglês é muito rígido, não é? Me demitiu, mas mandando abrir uma perspectiva para mim. A Light mandava também na telefônica. Era o tal negócio da multinacional que mandava em tudo. Então eu recebi uma carta para ir trabalhar na telefônica. Ali ganhei a minha primeira experiência em sistema telefônico, que eu sei desmembrar bem. Mas não gostei de ficar trabalhando na rua, pendurado nos postes, emendando fio, essa coisa toda. Retornei a Niterói. E trabalhei num botequim, trabalhei noutra botequim, até aparecer um emprego de operador cinematográfico. Mas eu não era operador. Fui aprender no cinema Vitória, em Neves. Nessa época, São Gonçalo tinha o cinema Vitória, o Santa Helena, o Paraíso, o São José e depois o Alcântara, lá em cima. Mais tarde apareceram o cinema Nanci, o Mutuá, o Tamoio, o Floresta e os cinemas Venda da Cruz e São João.

Tudo em São Gonçalo?

Tudo em São Gonçalo. Enquanto isso, em Niterói, criava-se o cinema Alameda, o São Bento, o Icaraí, que é muito antigo.

O senhor recorda quais os filmes que passavam nesta época?

Eu me lembro de alguns. Por exemplo, “Ódio no Coração”, com Tyrone Powell; “A História Começou à Noite”, com Charles Buyer; “De Amor Também se Morre”, “A Mão que Aperta”; um seriado em que a garotada vibrava, “Dick Tracy, o Detetive”, “O Fantasma Voador”, “Mandrake, o Mágico,” “Ben-Hur”, “Matar ou Morrer”, com Gary Cooper. Passei muito filme bom, né? Por exemplo, reprisaram há pouco tempo o “Último dos Moicanos”. Eu vi a primeira versão deste filme, tá entendendo?

Quando passou essa primeira versão?

Isso foi lá pelos idos de 1945/1946.

E como eram os cinemas desta época?

O cinema era dividido em duas classes. Tinha a primeira e a segunda classe. A segunda classe era aquelas cadeiras bem próximas da tela, onde a imagem fica muito perto da gente. Ali, inclusive, pagava-se até mais barato. Tinha aquela garotada que só ficava ali. Agora, cá atrás, era a primeira classe. Ficava aquela gente mais fina, a família de classe média com seus filhos e até a burguesia mesmo. Quando passavam grandes filmes, como “Gilda”, por exemplo, só ia gente bem vestida. O cinema parecia um desfile de moda.

Havia muita diferença entre o preço do ingresso da primeira e o da segunda classe?

Eu me lembro que se pagava 500 réis na segunda classe. A primeira seria 700 ou 800 réis, por aí. E pagava-se 400 réis para atravessar a barca e 100 réis no bonde. Dependendo da distância que você morava não chegava a mais de 400 réis. Pagava-se 1.500 réis por um PF - na minha época de rapazola, PF é o Prato Feito - e pagava-se 400 réis por uma média

com pão e manteiga. E o sujeito ganhava 750 ou 620 mil réis, que era o salário mínimo. Mas eu, graças a Deus, nunca recebi salário mínimo. Eu sempre tive um salário maior, porque eu jogava a minha força de trabalho no meu preço. Por exemplo, comecei a trabalhar “de menor”, que ganhava a metade do salário de maior. Eu não concordava. “Não, eu trabalho igual, quero ganhar igual”. E levava, porque eu trabalhava mesmo. Nunca fiquei parado dependendo de ninguém, graças a Deus.

O senhor projetou muito filme nacional?

Eram os filmes de chanchada, com o Grande Otelo, Oscarito, Anselmo Duarte, os grandes artistas do cinema nacional. Mas a maioria dos filmes era mesmo americano: “Vendaval de Paixões”, “Pelo Vale das Sombras”, “Até que a Morte nos Separe”. Um filme que marcou muito foi “O Vampiro da Meia-Noite”. O cinema ficou abarrotado de gente para ver aquilo. No seriado “Flash Gordon”, a gente começou a ver coisas que pareciam impossíveis e que hoje existem. Por exemplo, o cara ligava o botão da maquininha e aparecia o rosto de um sujeito, era a televisão, entendeu? Me lembro também de “As Quatro Penas Brancas”, negócio fabuloso mesmo.

O senhor assistia a todos os filmes que projetava?

O operador é obrigado a ver o filme todo. Ele precisa acompanhar para ver quando está claro, quando está escuro ou fora de foco. Se não, como é que fica?

Mas precisa ler a legenda também?

Pelo menos no primeiro dia ele tem que ver o filme de cabo a rabo. Depois vai só acompanhando. Naquele tempo, como as máquinas eram meio mambembes, de vez em quando rebentava a fita e logo pegava fogo. Quando aparecia aquela mancha na tela a

moçada gritava: “Ê barbeiro!”. E você tinha que agir imediatamente para não pegar fogo no filme todo. Uma vez, quase que aconteceu isto comigo lá no cinema São José.

Durante quanto tempo o senhor foi operador cinematográfico?

Trabalhei em cinema durante dezoito anos: de 1945 até 1963. Começando no Vitória, passando pelo cinema Paratodos, que era um cinema que tinha no Largo Barradas, aqui na frente, cujo proprietário era o Ventura. Voltamos no cinema Paraiso, que era no Paraiso de hoje. De lá fomos pro São José; do São José retornamos ao cinema Santa Maria, que hoje é uma casa de oração. Aí eu já era considerado um bom eletricista e um bom operador cinematográfico. Instalei muito cinema por aí. Instalei o cinema Santa Maria, o cinema São José, o cinema Caxambi. Instalar um cinema não é para qualquer um, não. É preciso montar o equipamento todo, furar, colocar a chave no lugar, regular o projetor. E tudo isso era comigo. Eu era disputado para trabalhar nos cinemas.

Então o senhor era bom!

Eu era bom.

O senhor gostava de futebol?

Eu sou da época de assistir Domingos da Guia jogar. Domingos da Guia, Leônidas, Zizinho. Aliás, quando Zizinho ainda era garoto de pelada, tive até o prazer de jogar com ele. Só que eu corria atrás da bola, ele já jogador, era um craque. Ele jogava no Carioca, ali em Neves. E de repente, o Zizinho foi contratado pelo Flamengo. Eu tive o privilégio de assistir a partida oficial que o Flamengo realizou com Bayer Futebol Clube para pagar o passe do Zizinho. Aí eu pude ver o Leônidas, o Gonzales, o Caxambu, o Domingos da Guia, o Walter, que foi um grande goleiro do passado. O futebol já era uma paixão

nacional, só que era mais esporte, no meu entendimento. Não era tão comercial como é hoje.

O senhor estava no Maracanã quando o Brasil perdeu a copa do mundo para o Uruguai em 1950?

Estava. Foi uma vibração filha da mãe na hora do gol do Brasil. Mas depois veio aquele silêncio. Todo mundo sentia a respiração de todo mundo. No final, foi uma choradeira dos diabos. Aliás, eu também participei da construção do Maracanã. Eu trabalhei lá como servente: carreguei muito pau, madeira. Uma coisa que me deixou impressionado foi o dia em que arrancaram as escoras do Maracanã. Um único cabo amarrava todas aquelas escoras. Quando os tratores terminaram de puxar o cabo, o estádio cedeu. E eu ali doido para ver aquela budegá cair.

O senhor recorda o dia do suicídio de Getúlio Vargas?

Quando isto aconteceu eu morava na rua Teodoro da Silva, lá em Vila Isabel. Lembro daquelas manifestações todas, muita gente na rua chorando. Esses lances, eu me lembro bastante. No dia em que os pracinhas voltaram da guerra, a gente também estava presente, pendurado nas árvores da Avenida Rio Branco para ver a moçada desembarcar. Aliás, eu quis ir para a guerra, mas não me deixaram porque eu era novo ainda. Eu só tinha 17 anos.

O senhor já tinha alguma militância sindical no período em que trabalhava como operador cinematográfico?

Eu sou um dos fundadores do Sindicato de Operadores Cinematográficos e Trabalhadores em Casas de Diversão do Estado do Rio de Janeiro. Este sindicato foi fundado em 1960 e a sua primeira sede foi numa salinha no Rink, aqui em Niterói. Na hora de decidir a

diretoria eu não quis assumir a presidência ou cargo de diretor. O seu primeiro presidente foi o companheiro Lupércio, já falecido, não recordo o seu sobrenome.

Por que o senhor não quis ser o presidente ?

Porque eu sempre preferi atuar na base. Isto era uma questão íntima. Eu sempre achei que a minha função era estar no meio dos companheiros, tentando organizar o pessoal em torno do seu sindicato.

Este sindicato ainda existe?

Não, com a Revolução de 1964 o sindicato foi extinto. Ele foi incorporado a um pessoal aí de...de...sei lá, não sei mais o nome. Mas ele foi um sindicato que já nasceu brigando. Em 1961, nós organizamos a primeira greve dos operadores cinematográficos. E foi a partir daí que a gente começou a ter experiência sindical.

Quanto tempo durou a greve?

Durou mais ou menos quinze dias. A greve foi proclamada ali onde hoje é o diretório do PDT de Niterói, no Jardim São João, e eu fiquei só pelas bases. Reunia um grupo de companheiros e saía por aí parando os cinemas. Conseguimos parar todas as salas de exibição; houve 100% de paralisação. Se algum cinema não aderiu, a gente ia em piquete e parava.

O senhor recorda quais os filmes que estavam passando no período desta greve?

No cinema Mutuá estava passando “O Gavião e a Flecha”, com Burt Lancaster. Eu me lembro deste filme porque eu já o havia projetado algumas vezes e gostava muito dele. Eu

invadi a sessão e subi no palco com a projeção na minha cara: “Olha, minhas senhoras e meus senhores, estamos aqui por isso , por isso e por isso”.

E qual foi a reação do público? Vaiou?

Não. Neste dia no cinema Mutuá eu fiz a minha preleção normalmente. O operador logo acendeu a luz e todo mundo entendeu. Se levantaram e saíram. Nos outros cinemas, o Vera Cruz, o Alcântara, foi a mesma coisa.

Não havia segurança tentando impedir?

Não. Todo mundo que trabalhava em cinema conhecia a gente. Eu só encontrei alguma resistência por parte do dono do cinema Vitória. Ele criou um caso dos diabos, mas eu falei: “Pode criar o seu caso, mas o cinema parou e vai continuar parado”. Aí eu virei para o operador, o Wilson, e disse: “Olha rapaz, você está em greve. Se você botar isto para funcionar eu vou trazer todo mundo aqui”. Aí ele seguiu com a gente lá para o sindicato.

Os donos de cinema atenderam as reivindicações de vocês?

Além da questão salarial, esta greve rendeu benefícios até hoje porque ficou sacramentado o adicional de insalubridade para os operadores cinematográficos e a quebra de caixa para as bilheterias. Naquela época, se sobrasse era do patrão, se faltasse, a bilheteira tinha que pagar. Era aquela história: faltou, pagou. Sobrou, é meu. Aí nós conseguimos estabelecer este critério: o que sobrasse era da bilheteira, se faltasse tinha direito a uma quebra de caixa. Eu não me recordo quanto era o percentual. E o pessoal que trabalhava na limpeza também trabalhava na bilheteria. Nós acabamos com isso. Quem é bilheteiro é bilheteiro, quem é faxineiro é faxineiro. Isso perdura até hoje. Foi uma vitória daquela greve, que foi muito bem sucedida.

Por que o senhor deixou a profissão de operador cinematográfico?

Eu tinha um amigo, o Jorge de Souza, que era pedreiro, e sempre me chamava para fazer a instalação elétrica das casas que ele construía. Eu trabalhava muito em biscates, fazendo o serviço de bombeiro e eletricista. E um dia, o Jorge me chamou para fazer a instalação elétrica da casa de um irmão dele, o Benedito de Souza. O rapaz ia se casar e precisava de uma instalação na casinha que estava construindo, ali na Travessa Batista, no Sete Pontes. Aí eu fui lá tratar com ele. Ele disse assim: “Precisava disso aqui, eu vou me casar, mas só tenho, no máximo, uma semana pra botar luz e vir morar. Sabe como é companheiro, vida de pobre, não tenho muito dinheiro. Dá pra você fazer?” Eu disse: “Claro, deixa comigo”. Ele me contratou para esse serviço numa segunda-feira, na quinta-feira estava tudo pronto, instalado, acendendo. O homem aí se assombrou com aquele serviço, que é até um serviço simples, e disse: “Rapaz, um eletricista como você tem que estar trabalhando na empresa que eu trabalho, que é a Companhia Comércio e Navegação.” Eu estava trabalhando no cinema Santa Maria quando recebi a visita dele para fazer um teste na empresa. Eu fui lá na CCN e passei nos testes todos de lambuja. Além de ter muita teoria, eu já tinha também muita prática.

No dia seguinte o senhor deixou o cine Santa Maria?

Não, eu relutava em renunciar à minha estabilidade no cinema para ir trabalhar na CCN. Quando finalmente decidi, procurei conciliar os horários. Eu trabalhava na CCN de sete da manhã às quatro da tarde e pegava no cinema às sete horas da noite. Mas três ou quatro meses depois, eu me consolidei na empresa e passei no 1º contrato. Aí, dispensei o cinema, embora tendo estabilidade, pois tinha mais de dez anos de casa.

A diferença salarial era muito grande?

Colocando em termos de salário mínimo, eu estaria ganhando no cinema três salários. Fui para a companhia ganhando dez. Naquele tempo, o operário naval era bem remunerado. Eu entrei na empresa como oficial de terceira, ganhando um dinheiro que eu nunca tinha visto na vida, mais as horas extras e mais o adicional de insalubridade.

O senhor recorda qual foi a sua última sessão de cinema?

Se não me engano, um dos últimos filmes que passei foi “Assim Caminha a Humanidade”. Quando projetei este filme eu já estava indo trabalhar no estaleiro.

E lá estava o senhor caminhando.

É. E lá estava eu caminhando.

3. O SINDICALISTA E O ESTALEIRO

Como era a Companhia Comércio e Navegação na época em que o senhor foi trabalhar lá?

Quando eu fui para a CCN esta empresa era de porte médio, mais pra médio do que pra pequeno. Tinha uns galpões velhos e uma fundição. Na nossa trajetória, a empresa cresceu. Hoje são máquinas modernas. Eu digo que a empresa hoje está aparelhada para construir um navio por mês. Lá, eu trabalhei em alguns navios, mas não trabalhava muito a bordo. Eu era eletricitista de terra; eletricitista de consertar máquina. A bordo só quando havia necessidade.

Naquela época os operários navais moravam onde?

A maioria dos operários morava nos municípios de Niterói e São Gonçalo. Mas há casos de companheiros que moravam em Petrópolis, que moravam em Venda das Pedras, que moravam até em Rio Bonito. Mas a grande concentração dos operários navais era a Ilha da Conceição, Barreto, Engenhoca e Engenho Pequeno, em São Gonçalo. Na rua Mentor Cortes no Engenho Pequeno, de um lado e do outro só tem gente que trabalhou na área de construção naval.

Quando o senhor começou a freqüentar o Sindicato dos Operários Navais?

Nós ouvíamos falar muito dos operários navais e eu tive o prazer de participar de uma assembléia, acompanhando aquela greve que eles fizeram em 1957, a chamada “Greve dos Cem Mil”. A partir daí, a gente começou a discutir com os nossos companheiros de cinema a organização de um sindicato nosso. Foi através do que eu vi aqui no Sindicato dos Operários Navais que conseguimos fundar um sindicato de operadores cinematográficos. E quando nós fizemos a nossa greve, os operários navais, na época muito organizados, nos deram apoio, e eu tive o primeiro contato direto com eles, além das assembléias. Como eles davam apoio a todas as categorias, foi lá uma comissão do sindicato para dar apoio a gente. Esta comissão era chefiada pelo companheiro, já falecido, Valdemiro Cruz. Mais tarde, quando eu fui pela primeira vez fazer o exame para ingressar na CCN eu encontrei o Valdemiro Cruz, que se lembrou de mim e disse: “Olha, já que você vai entrar aqui preenche uma proposta de associado”. Quer dizer, antes mesmo de começar a trabalhar na CCN eu já era sócio do Sindicato dos Operários Navais. Eu ingressei na companhia em 16 de junho de 1963 e a minha carteira do sindicato, que tenho aqui na mão, é de 5 de fevereiro de 1962. Então, a gente militou no sindicato de 1962 até 1964, assistindo às assembléias, participando do movimento de toda a categoria. Embora pato novo - e pato novo não mergulha fundo - eu ficava ouvindo as grandes lideranças.

Quem era o presidente do Sindicato dos Operários Navais quando o senhor chegou?

O presidente era o Álvaro da Costa Ventura, já em final de mandato. Logo depois, assume o Benedito Joaquim dos Santos, que está hoje com a gente, como sócio, colaborando aqui no sindicato. Durante o mandato dele, é que veio a famosa Revolução de 1964 que era para consertar esse país e escangalhou tudo até hoje. Um dos temas era a nossa luta. Havia uma camada, segundo eles, que eram os comunistas, que tentavam implantar o regime sindicalista no país. Por isso, logo após o golpe, os militares invadiram a sede do Sindicato dos Operários Navais. Aí começaram a inventar uma série de histórias: que nossas fechaduras e nossas máquinas de escrever eram material de subversão. E até o nosso rádio, que a gente utilizava para se comunicar com a sub - sede do sindicato de Angra dos Reis, eles diziam que era para falar com Moscou e com Cuba. Enfim, uma série de coisas que não tinha nada a ver.

Mas antes do golpe militar os operários navais não pensavam na possibilidade de uma revolução socialista no Brasil?

Naquela época, chegaram até a prometer armas para a gente. E a gente estava a fim mesmo de tomar o movimento de base nas mãos.

Quem prometeu armas para vocês?

Foi o...o movimento. Eu não sabia quem, o que eu sabia é que iam vir armas para a gente, porque nós queríamos assumir o poder do país. Era este o almejo da classe operária.

Então o senhor estava disposto a isso.

Não só eu, como todo mundo. Houve companheiros que chegaram inclusive a armar barricadas aqui em volta do sindicato. Mas os caras vieram e tomaram o poder. Veio a perseguição e a gente participou de todos os movimentos de rua daquela época.

Quais os movimentos de rua nos quais o senhor participou?

No dia primeiro de abril os caras estavam aqui, quando a gente resolveu, com alguns companheiros, retomar o nosso sindicato. Eu, o Índio, um companheiro que milita hoje com a gente, o Átila, um companheiro que nunca mais eu vi, nós puxamos uma passeata da Ponta da Areia para vir aqui retomar o Sindicato dos Operários Navais. Fomos barrados ali na esquina da travessa Carlos Gomes por um cordão de isolamento e um tenente perguntou para nós o seguinte: “O que vocês vieram fazer aqui?”. Eu respondi: “Nós viemos retomar o nosso sindicato”. Ele perguntou: “Nós, quem?” “Nós e a massa”. “Que massa?”. Aí eu olhei e vi a massa toda escondidinha, alguns atrás dos postes. Eu disse ao tenente: “É, não há nada a fazer. Se o senhor me permite, eu vou pegar o bonde e voltar para casa”. Ao chegar em casa, eu assisti ao momento em que estavam tomando a Rádio Mayrink Veiga, que era uma estação que brigava por nossos interesses. A gente chegou a ouvir uma voz dizer: “Todo mundo para a cadeia” e aí a rádio saiu do ar. Então eu comecei a correr por ai sozinho para saber o que estava acontecendo. Passei pelo sindicato à noite e estava tudo escuro. Lá de cima da sede, os homens tomavam conta com metralhadora na mão. Depois, os militares também invadiram o estaleiro e levaram muitos companheiros nossos presos.

O senhor estava presente no dia em que houve a invasão do estaleiro?

Estava.

E como se deu esta invasão?

Era o dia 2 ou 3 de abril. Faltavam dez minutos para onze da manhã. Aquilo foi cronometrado. Dez minutos antes do almoço chegaram as barcas com os fuzileiros navais. Eles invadiram as oficinas gritando: “Todo mundo para a fila do almoço, todo

mundo para a fila do almoço”. Quando estávamos todos organizados na fila, um cidadão chamado Valdimar, que era da administração da empresa, dedurava ao tenente os companheiros que eram comunistas e participavam do movimento. Aquele que era apontado por Valdimar tinha que colocar a mão na cabeça e sair preso. E foram muitos. Um dos nossos companheiros, que não tinha nada a ver com a história, porque jamais participou de qualquer movimento, era até um rapaz da igreja protestante, se rebelou contra aquela humilhação e começou a falar uma série de impropérios para os militares.

O senhor recorda quais as palavras que ele falou?

Ele disse: “É uma covardia isso que vocês estão fazendo, nós somos trabalhadores e lutamos por nossos direitos; isso é uma sacanagem tanto do patrão quanto do governo; isso é uma canalhice”. Aí prenderam o rapaz e eu nunca mais o vi.

O senhor lembra o nome dele?

Se não me engano, ele se chamava Orozimbo. Ele era um operador de ponte rolante. Esse companheiro nunca mais eu vi e nem sei o que foi feito dele.

O senhor também foi apontado pelo Valdimar?

Não, não fui. Eu era jovem na área, ele ainda não tinha o meu perfil.

Neste período o senhor já era filiado a algum partido político?

Eu era filiado ao Partido Comunista Brasileiro, único partido da minha vida. Eu me filiei ao PCB na época em que ele estava na legalidade, em 1946. Participava, inclusive, das reuniões. Mas quando veio a Revolução de 64 eu me afastei, até por causa do trabalho

noturno na CCN. Fiquei afastado das discussões políticas do partido, mas mantive a filosofia do Prestes.

Em qual candidato o senhor votou nas eleições presidenciais de 1960?

Em 1960?... Bem, em 1960 eu ainda não era muito maduro politicamente. Acho que eu votei pela minha cabeça, certo? Eu votei no Jânio Quadros. Me parece que o resto do pessoal votou no Lott, não sei bem. Eu sei que votei no Jânio e depois fiquei numa bronca danada, porque o cara renunciou e deu aquele pererê todo. Jânio Quadros quando surgiu foi uma esperança. “Esse cara vem para limpar esta bodega”. E acabou que ele não limpou nada. A vassoura varreu foi ele mesmo.

O que o levou a ingressar no PCB ?

Acho que foi uma série de conseqüências da própria vida que encaminhou a gente em direção ao comunismo. Como eu já contei anteriormente a você, eu cheguei em Niterói em 1933 e fui morar ali na pedreira. Mais tarde, a gente retornou para o interior e foi pegar no cabo da enxada. Depois de uma semana de trabalho, veio a primeira revolta. Quando fui receber o meu pagamento, o cara me deu um vale. Eu protestei: “Quero o meu dinheiro, rapaz”. “Não, aqui a gente dá o vale e você compra o que quiser aqui dentro”. “Mas eu não quero comprar nada. Quero o meu dinheiro”. O negócio começou a pegar por aí. A gente recebeu o nosso dinheiro, mas não pôde mais trabalhar. Então, eu comecei a entender a questão da semi-escravidão. O cara trabalha e tem que comprar no fornecimento do patrão. Quando ele recebe o dinheiro já está devendo para a outra semana. E assim ele vai ficando por ali a vida toda. Mais tarde, com as nossas andanças por esse interior, a gente foi vendo uma série de outras coisas que nos revoltavam intimamente. Então, tudo aconteceu naturalmente. Acho que a própria vida foi me empurrando para um caminho de oposição.

Mas, especificamente, como se deu a sua filiação ao PCB?

O PCB chegou através do convívio com alguns companheiros e também através do meu tio, que participava de reuniões do partido.

Aquele tio com quem o senhor veio morar em Niterói?

Exatamente.

Aquele tio que freqüentava a Igreja Batista e tratava mal o senhor?

Isso mesmo. Ele era comunista e batista. São as contradições, né? Inclusive, a gente só veio a saber que ele era comunista bem mais tarde. Eu sabia que ele participava de reuniões. Me lembro que teve um dia, lá pelos idos de 1935, que a porta da nossa casa foi arrancada pela polícia à noite. Na hora só estava eu e minha tia em casa. Eu deitava numa esteira na sala e quase que a porta caiu em cima de mim. Os caras arrancaram o colchão, vasculharam o guarda - vestido. Estas coisas todas foram levando a gente para uma revolta. Mais tarde, um outro tio meu, o Boaventura Fontoura da Fonte, irmão da minha tia, veio morar com a gente . Ele era meganha da policia militar, mas falava muito sobre a questão do marxismo. E através deste tio, a gente começou a tomar conhecimento das coisas. Um dia, eu li um livro dele e comecei a receber umas orientações.

Qual o livro que o senhor leu?

Eu li “O Capital”. Era um livro muito evoluído para eu alcançar. Quando ele me pegou folheando o livro, disse: “Isso é bom para você ler, rapaz, leia mesmo , depois vou lhe explicar sobre isto”.

Qual a idade do senhor nesta época?

Eu estaria com os meus 17 anos.

O senhor leu também o “Manifesto do Partido Comunista”?

Não, mas eu lia de tudo. Tudo que era coisa para ler, eu lia. Eu não tive tempo para estudar, mas aprendi muita coisa como um auto-didata, lendo. Livro técnico, livro político; caía na minha mão era para devorar. Até hoje sou assim.

O senhor disse que não chegou a ser preso no dia em que os militares invadiram o estaleiro. Mas o senhor teve algum outro tipo de problema depois?

Eu respondi a alguns inquéritos juntamente com outros companheiros. O primeiro dia de inquérito, foi na diretoria do armamento. Depois a gente passou a responder no próprio gabinete da empresa, no escritório do Aloísio Solano. Hoje, a gente sabe que ele se rebelou contra aquilo e foi inclusive afastado do cargo. A gente ficava todos os dias respondendo às mesmas perguntas de um tenente. Quando chegou no quarto dia de inquérito, e eu era sempre o primeiro a responder, eu disse para ele o seguinte: “Tenente, todos os dias eu estou aqui para responder às mesmas perguntas e o senhor tendo as mesmas respostas. Então, já que o senhor vai repetir tudo hoje, eu estou me retirando. Se o senhor tiver que me mandar prender, eu estou lá no pátio, na minha seção de serviço, tchau”. Virei as costas e fui embora. Comigo seguiram os outros quatro companheiros. Eles falaram: “Você é maluco, rapaz”. “Eu não sou maluco, sei o que estou fazendo. Se quiser me mandar prender, que prenda”. Nunca mandaram me prender.

Quais as perguntas que o tenente sempre fazia e quais as respostas que o senhor sempre dava?

Ele perguntava: “Você participava das reuniões no sindicato?”. “Todas”. “Participou de alguma reunião em que se falasse de Cuba?”. “Participei”. “Você viu algum líder comunistas nestas reuniões?”. “O que eu via lá eram trabalhadores”. “Quem ia com você?”. “Eu costumava ir sozinho ou com a massa”. “Sabe o nome de alguém?”. “Além dos trabalhadores do Estaleiro Mauá, tinha também os do Caneco, do Seseamento”. “Não tem um companheiro em particular?”. “Não existe particularidade nisso aí. Todo mundo é companheiro”. Eu sempre tive a cautela de não citar nome de ninguém. Depois a gente até se orgulhou disso, porque os nomes que foram citados nestas indagações foram presos, passaram por humilhações, espancamentos, alguns desapareceram e até hoje a gente não sabe onde estão.

Vocês identificaram algum elemento da repressão infiltrado entre os trabalhadores?

Este é um fato que eu gostaria de deixar destacado. Passado esta fase dos interrogatórios no estaleiro, a gente continuou no nosso serviço. Todo o trabalhador da empresa tinha o seu ajudante preferido, o meu se chamava Davi. Era um rapaz trabalhador, pontual ao serviço e bastante inteligente. Mas um dia, eu fui surpreendido com a demissão deste rapaz da empresa. O meu mestre, Hugo Lai, chegou e disse: “Rosalvo, o Davi foi embora, agora o seu ajudante é o Sebastião”. Tempos depois a gente veio a saber que este Sebastião era um agente do DOPS. Mas a vida passou, ele passou e nós continuamos.

E como é que se comportava um agente do DOPS? Você desconfiou de alguma coisa?

Eu tinha desconfiança, mas não tinha certeza. Toda vez que a gente terminava um serviço, ele ficava fazendo anotações em um determinado caderno. Eu também notei que ele não se interessava muito pela profissão ou pelo que estava fazendo. Ele apenas carregava a mala de ferramentas. Mas ele prosseguiu normalmente como um trabalhador qualquer. Aí aconteceu um fato interessante. Um ano depois mais ou menos, este cidadão faltou ao serviço. Dois dias depois ele reapareceu, dizendo que a filha dele teria que ser

operada, que ele precisava de dinheiro mas não tinha como arranjar. Eu disse para ele: “Isso é fácil. Vem comigo”. Aí eu fui conversar com a pessoa que geria a nossa cooperativa de crédito. Informei que o rapaz estava com problema de saúde em família e necessitava de cinquenta mil cruzeiros de empréstimo. Me prontifiquei, inclusive, a ser o fiador. Como eu tinha crédito, pagava as minhas mensalidades e não pegava dinheiro emprestado, ele arranhou o dinheiro. Só no retorno do cara é que ele se posicionou. “Olha, eu estou indo embora da empresa porque a minha função aqui não era a de operário, era muito diferente”. Eu disse: “Você é um agente do DOPS e está aqui para me investigar”. Ele não me respondeu nada. Mas a partir daquele dia não retornou mais para trabalhar na empresa.

O senhor acredita que ele deixou aquela função porque recebeu ajuda para fazer a operação da filha?

Acho que foi um pouco por isso. Ele ficou comovido com o meu gesto.

Mas o senhor confirmou se ele era mesmo um agente do DOPS?

Confirmei. Aliás, pouco depois ele mesmo confessou. Quando ele foi buscar o resto das coisas na empresa, ele disse: “Eu fui colocado aqui para investigar você. Eu sou um agente da polícia”. Eu disse: “Espero que você não tenha me entregado para os homens”. Ele respondeu: “Acho que não há o que entregar. Você agiu aqui como um trabalhador. Eu passei o relatório dizendo que não vi nada de mais. E daqui pra frente nem me interessa se vão colocar outro no meu lugar”. Nunca mais eu vi este cidadão. O meu novo ajudante passou a ser o Antônio Maria Leal, que a gente chamava de Baixinho. Ele era um bom amigo, tivemos até convivência familiar e tudo.

A partir daí o senhor passou a trabalhar mais tranqüilo?

Aí eu fui transferido para o segundo turno da empresa, o que era uma espécie de castigo. Como eu era essencial dentro da minha profissão - tem trabalhadores que são essenciais nas empresas - ela não dispensa o cara, mas procura dominar, fustigar. Então eu fui deslocado para o segundo o turno. Passei a entrar às 17 horas e sair às duas e meia da manhã. Depois passei a ficar até às sete da manhã ganhando hora extra. O segundo turno era o fim do mundo, porque você trabalhava de noite e perdia o convívio com a família e com a sociedade. Quer dizer, eu não pude mais ter uma atuação dentro do sindicato, porque na hora em que a moçada estava lá, eu estava trabalhando.

E o que o senhor fez?

Comecei a desenvolver um trabalho junto a meus companheiros do segundo turno. A história é o seguinte: enquanto o trabalho existir vai haver sindicalismo. Enquanto o cara trabalhar, enquanto houver capital e trabalho, patrão e empregado, vai ter sempre choque. Não importa a ideologia, não importa se é comunista, se é do PFL, é um trabalhador, certo? A luta de classes não é luta de ideologia política, é luta de classes. O patrão quer mais trabalho pagando menos dinheiro e o trabalhador quer trabalhar menos e ganhar mais. E aí há sempre o confronto, certo? Então a gente começou a desenvolver um trabalho junto aos companheiros do segundo turno e, em função disto, fui eleito representante dos trabalhadores. Mesmo sem mandato sindical - e isto é muito importante - os trabalhadores me delegaram poder. Ou seja, eu estava garantido por eles, não pelo sindicato ou pela lei sindical.

Como o senhor conseguiu isto?

Eu era um cara que estava sempre à testa de qualquer reivindicação dos companheiros. Por exemplo, quando o trabalhador era demitido por justa causa, acorria a mim. Eu ia à direção da empresa demonstrar que não havia a justa causa. Com isso, consegui quebrar muitas justas causas. Certa vez, um companheiro, o Antônio Venâncio da Silva, já

falecido, que chamávamos de Pingüin, foi demitido por embriaguez. Ele realmente bebia muito. Mas eu fui à direção da empresa provar que embriaguez não era vício, era doença. A empresa suspendeu a demissão do companheiro e o colocou numa clínica para ser tratado. Enfim, dentro das minhas possibilidades eu procurava fazer o melhor. Por isso eu fui surpreendido, lá pelos idos de 1968, com todos os meus companheiros invadindo a minha seção. Eu jantava mais cedo, no horário de oito às nove, os demais operários jantavam de nove às dez. Neste horário, eu ficava tratando de ver se as máquinas estavam funcionando para que quando eles voltassem tudo estivesse em perfeito funcionamento. Então, um dia eu estava enrolando uma peça que nós chamamos de cetratriz, que estava com defeito, quando fui surpreendido com aquela invasão de operários. À frente vinham, o companheiro Bujão, já falecido, o companheiro Sônio e o companheiro Luís. Aí eu perguntei: “O que é que houve?”. “Nós viemos aqui porque estivemos reunidos e elegemos você o nosso representante”. Eu disse: “Olha companheiros, eu não tenho mandato sindical”. “Não tem problema, a sua garantia vai ser a gente”. Ótimo. Então eu fiquei de 1968 até 1974 apenas com o mandato de representante garantido pelos trabalhadores.

E de que maneira eles garantiram este mandato?

Certa vez cheguei no estaleiro e não encontrei o meu cartão no quadro. Quer dizer: quando o cartão não está no quadro, você está sendo mandado embora. Aí eu fui falar com o Luís Augusto: “Luís, o que é que houve?”. Ele respondeu: “O seu cartão está lá em cima”. Eu disse: “O cabrito comeu, né?”. “Não sei”. Quando eu subi já era a hora do serviço, mas havia um silêncio no estaleiro. Ao entrar na sala da diretoria da empresa, eu vi o meu cartão em cima da mesa do Sr. Nilton Machado. Ele me perguntou: “O senhor está colocando uma briga com a empresa?”. Eu respondi: “Estou, mas esta briga foi puxada por mim. Eu convenci os meus companheiros a assinar uma procuração para entrar no judiciário e cobrar um direito que a empresa não nos paga. Se alguém tem que ser punido, sou eu, não meus companheiros, como tem acontecido”. Neste momento o

senhor Nilton recebe um telefonema e após travar um rápido diálogo ele se virou pra mim e disse: “Rosalvo, guerra é guerra. Agora eu não sou o Nilton Machado, sou o diretor da empresa. Se um ganhar todos ganham, se um perder todos perdem. Toma o seu cartão e vai trabalhar”. Quando eu desci os trabalhadores estavam todos parados no pé da escada. “Rosalvo, o que é que houve?”. “Tudo bem, podemos voltar ao trabalho”. Aí estava a minha força. Os trabalhadores estavam me dando o amparo necessário. Era aquela história: se mandar embora, todo mundo pára e só retorna ao trabalho quando ele voltar. Deu para entender? São coisas de trabalhadores.

O senhor disse que ficou com o mandato garantido pelos trabalhadores de 1968 até 1974. E a partir desta data?

Eu não queria correr riscos. Os trabalhadores eram substituídos e aquele grupo podia não ser mais tão homogêneo. Então, em 1974, fui convidado a participar da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos. Fui ser conselheiro fiscal.

A presidência do sindicato estava em boas mãos nesta época?

O presidente era o companheiro José Moreira dos Santos, que estava lá desde 1972, como interventor. Os interventores nunca eram bem olhados por nós, porque a gente entendia que eram pessoas dirigidas pelo Ministério do Trabalho. Mas eu diria a você que o Moreira passava na garganta da gente porque era um rapaz sério. Ele não era desonesto. Só não tinha aquele elan necessário na diretoria de um sindicato de uma área tão combativa como a nossa, que discutia, que queria mudar o panorama.

Por que o senhor foi trabalhar na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos? O que aconteceu com o Sindicato dos operários Navais?

Logo após o golpe militar nós fomos afastados do Sindicato dos Operários Navais pela Portaria nº 611 e mandados para o Sindicato dos Metalúrgicos. E aí começou a história da nossa filiação a este sindicato com a qual, diga-se de passagem, eu jamais concordei. Mas chegou o momento em que a gente teve que sucumbir porque a força era maior e estava por cima. E como, afinal de contas, o trabalhador precisa de uma organização, nós começamos a filiar os nossos próprios companheiros no Sindicato dos Metalúrgicos, apesar de, inicialmente, nos termos rebelado contra os companheiros que faziam este trabalho.

Qual a diferença entre o ofício do operário naval e o do metalúrgico?

O operário naval é uma categoria mais especializada. Com todo o respeito ao companheiro metalúrgico, ele opera em uma oficina e faz coisas simples. Já o soldador de navios tem que ser altamente capacitado. Ele passa, inclusive, por uma série de exames, tem diplomas, etc.. Não é simplesmente pegar a lanternagem e derreter; precisa conhecer tudo. O maçariqueiro de navio tem que ter uma especialidade maior. E tem de viajar, pois precisa estar a bordo, fazer a prova de máquina, tudo isso. O operário naval é uma segunda força da Marinha. Era isso que éramos antes. Por isso, quando fomos deslocados para o Sindicato dos Metalúrgicos, fomos por força, mas espiritualmente continuamos aqui no nosso sindicato.

E como reagiu a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos ao receber os operários navais?

Ficou sem saber o que fazer. Estava acostumada com um sindicatozinho sem ninguém e recebe uma massa daquela. Ficou sem saber o que fazer. Eu sempre falo com muito orgulho que, em um ano, consegui registrar no Sindicato dos Metalúrgicos dois mil e quatrocentos companheiros. Eu sei porque sempre anotava quem eu estava registrando. Dentro do meu armário, eu tinha sempre dois ou três talonários de proposta de filiação.

Esse trabalho evoluiu e a gente conseguiu sindicalizar quase cem por cento da nossa base, que seria o segundo turno da CCN. Eu nunca deixei um companheiro sem filiação. Eu fazia assim: “Bicho, você está chegando ao serviço hoje. A sua primeira tarefa é se sindicalizar. Assina aqui.”

Mas havia operário que não desejava a filiação?

Sempre há, são os famosos pelegos. Me lembro da história de um companheiro que eu tive que malhar na cabeça durante dez anos para ele se filiar ao sindicato.

O senhor insistiu com ele durante dez anos?

Passei dez anos malhando na cabeça dele. Todos os dias eu dizia: “Companheiro, você tem que se filiar, você é um traidor”. Eu jogava pesado, aliás, sempre joguei pesado. Aí um dia ele disse: “Me dá esta proposta que eu vou assinar. Você está me enchendo muito o saco”. O apelido deste rapaz é Amiguinho.

A empresa permitia que o senhor fizesse este trabalho de filiação?

A empresa nunca proibia. O que ela não permitia era fazer reunião, isso não podia. Ela deixava a gente fazer o nosso trabalho, mas também fazia o trabalho dela. Por exemplo, certa vez quando eu organizei uma comissão de trabalhadores, o Nilton Machado, que era o diretor administrativo da empresa, também organizou a comissão dele. Ficou até um negócio democrático. A gente com a nossa comissão de cobrança, ele com a comissão da empresa para boicotar o nosso trabalho. A comissão dele chamava-se Grupo dos Vinte. Mas a gente brigou bastante até eles aceitarem o nosso sindicalismo. Não se podia reunir, mas nós fomos avançando, avançando. Foi uma luta tenaz, mês a mês. Primeiro a gente se reunia dentro das galerias, depois no alto dos guindastes, nas oficinas, até que no ano de 1968 nós fizemos a primeira reunião maciça lá dentro.

Como foi esta reunião?

Havia um companheiro, o Galvão, que na época era mestre da caldeiraria de cobre e já havia participado de alguns movimentos no Sindicato dos Operários Navais . Eu disse para ele: “Galvão, nós precisamos fazer um movimento de massa aqui”. Então, no mês de outubro de 1968, quando o governo preparava o AI-5, nós paramos o estaleiro. Para mim foi uma glória. A diretoria do estaleiro teve que sair de casa, de madrugada, para saber qual era a reivindicação. E eu já tinha os dez pontos para apresentar a eles: Pagamento dos salários atrasados, iluminação para a gente trabalhar no segundo turno, médico de plantão à noite, cooperativa aberta após às 17 horas, etc., etc....

Quanto tempo durou esta paralisação?

Um dia só. Até porque não era interessante para a empresa que aquela greve chegasse ao conhecimento lá de fora. Aquilo foi rapidamente solucionado. E às dez horas da manhã nós recebemos o nosso salário integral e todos os atrasados. Conseguimos também a dilatação daqueles horários. O médico passou a ficar até às 9 horas da noite. Não era o que a gente queria, mas já foi um avanço. E aí eu comecei uma ação visando o melhoramento das nossas condições de trabalho no segundo turno. Eu briguei pelos uniformes, segurança de trabalho, horas extras cem por cento, tudo isso passou por mim. E não era eu quem estava inventando isto. Tudo já estava na lei, mas a empresa não cumpria. Eu atuava sempre com o maior afinco, dentro das minhas possibilidades. Eu dizia: “Companheiros, tem coisa que a gente não pode fazer. Nós não estamos com essa bola toda. Mas a gente pode ir avançando nessa luta para ir melhorando aos poucos, devagar”. E, em 28 de setembro de 1978, conseguimos realizar com a CCN, para aquele segundo turno, o que foi considerado o maior acordo de trabalho acontecido na América Latina. Eu até hoje tenho a cópia deste processo; se você quiser eu lhe entrego uma cópia.

O que ficou definido neste acordo?

O artigo 72 da CLT estabelece um adicional noturno a partir das 22 horas. Nós conseguimos que ele fosse em cima do salário base. No momento em que entrou, passava a ganhar aquilo. E ganhava duas horas extras: a 30% e depois a 50%, acrescentando a isto aí, o proporcional da jornada de trabalho sob assiduidade. Ou seja, o cara ainda tinha mais duas horas extras no trabalho normal dele. Eu fazia 8 horas de trabalho, mas o adicional noturno diminui a jornada em quase uma hora. A hora noturna era de 52 minutos e 30 segundos. Então, além daquilo, você trabalhava mais duas horas extras. Isso foi, inclusive, uma fórmula encontrada para compensar os trabalhadores. A empresa reclamava muito da abstenção ao trabalho dos operários do segundo turno. E eu dizia assim: “O trabalhador não tem estímulo para vir trabalhar aqui nesse horário. Ele perde estímulo porque fica sem vida social, sem saber da fábrica, sem a mulher dele à noite. Às vezes ele nem fica com o filho, porque de manhã cedo o filho está no colégio, quando vem trabalhar o filho ainda está na rua”. Conseguimos também o médico de plantão até de manhã e a cooperativa funcionando durante toda a noite. Aí é que conseguimos a plenitude das nossas reivindicações.

O senhor conseguiu isto tudo sem greve?

Sem greve. Negociando e mobilizando os trabalhadores. Mas em 1979, a gente já tinha o pessoal na ponta dos cascos para fazer uma greve. E, em abril de 1979, nós fizemos uma senhora greve, que foi cem por cento absorvida pelos trabalhadores. Eu diria que cada um de nós teve a sua participação. Havia os diversos grupos políticos envolvidos: o MR-8, os prestistas, o MEP, aquelas divisões todas que existiam, todo mundo participando. E nós lá no segundo turno, com a nossa direção, sabíamos que os companheiros acompanhariam a gente naquela necessidade. Mas com aquela greve as lideranças todas ficaram com as unhas de fora, todos querendo uma briga violenta.

O que foi que aconteceu?

Aí começou uma polêmica em torno do comportamento do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, o José Moreira dos Santos, mas sem ninguém atacar a honestidade dele; apenas a questão política. Então, eu comecei a ser sondado para organizar uma chapa para substituir o Moreira . Fui lá e falei com ele: “Moreira, vou organizar uma chapa sindical e vou afastar você do cargo - eu tinha essa força - não que eu tenha nada contra você, mas acho que você precisa se adequar à nova realidade dos trabalhadores. A minha proposta é que você retorne à base para se adaptar. Com essa adaptação política e o conhecimento administrativo que já tem, você será uma boa liderança no futuro. Mas agora, nós vamos brigar contra você”. Aí o companheiro Moreira preparou a chapa para as eleições de 1980, mas conservou o cargo de presidente para mim até o último minuto. Eu disse: “Não quero, vou ficar do outro lado”. Preparamos a chapa de oposição e lamentavelmente eu não quis ser presidente.

Mais uma vez.

É, mais uma vez.

Desta vez por quê?

Eu achava que não tinha o discurso político capaz de prender uma massa de 17 mil trabalhadores. Tem momentos que você precisa disto. Então, nós optamos por dar a vez ao Abdias José dos Santos. O Abdias tinha um bom discurso e a gente sabia que ele era um filho da pastoral operária. E havia, na época, um namoro entre os comunistas prestistas e a Igreja. Aí eu fui chamado em reunião particular, onde se discutiu esta proposta e foi colocado que estava em minha mão deixar a coisa seguir o rumo normal. Como estava próximo da minha aposentadoria, eu disse: “Tudo bem. Eu vou como secretário para o sindicato e o Abdias vai como presidente”. Foi aqui neste sindicato que

se traçou este perfil da chapa: eu abrindo mão da presidência, ficando com o cargo de secretário, mas definindo até cargos dentro da diretoria. Então a gente derrubou o Moreira pelo voto e assumimos, com o Abdias, a presidência. A posse da nova diretoria foi no dia 01 de setembro de 1980. Automaticamente eu me licenciei da CCN porque o sindicato mandou comunicar à empresa que eu iria exercer funções na diretoria.

E quem pagava o seu salário?

O sindicato. A empresa mandava mensalmente a folha dizendo qual seria o meu salário se eu estivesse trabalhando. E isso foi feito durante três anos: de 1980 a 1983. O sindicato pagava tudo direitinho porque tinha condições para isso.

E como funcionou a nova diretoria?

Durante um ano e meio a diretoria trabalhou homogênea e conseguiu mobilizar toda a massa. Só que o Abdias mais tarde me traiu, o que é normal, nesta coisa. Começou a questão da ciurme por causa de liderança. Ele queria se projetar e acabou escangalhando a bodega toda. Sendo eu a liderança da maior fábrica, o Estaleiro Mauá, eu era muito procurado. Isso despertou vaidades; ele se sentiu desprestigiado. Aí ele começou a fazer acordos com grupos com os quais batia de frente. E eu comecei a ver os trabalhadores serem comandados por gente que não tinha nada a ver com a categoria. Eu não concordava com isto e com uma série de outras coisas que acabaram dando em divisão da diretoria. Nem sei dizer a você se o Abdias era honesto ou não. Acho que o sindicalismo dele não foi frutífero. Foi aquele sindicalismo da greve pela greve. Acho que não é por aí. A greve se tornou uma arma desgastada. O patrão passou a usar a greve como uma arma mais dele do que dos trabalhadores. É a minha visão da coisa.

A divisão da diretoria envolveu apenas a questão política?

A minha briga pessoal com o Abdias não entra na questão, é uma outra coisa. O Abdias hoje é um fósforo riscado, porque eu liquidei com ele. Ele, inclusive, foi lá para São Paulo. Tentou até concorrer em uma eleição sindical lá. Eu influi e ele não conseguiu nada.

Mas por que o senhor não concorreu contra ele no período da sucessão no sindicato?

Eu concorri, mas perdi a eleição.

Perdeu por quê?

Porque a eleição foi manobrada. Houve vícios em todo o processo eleitoral. Votos foram jogados fora, gente que não estava na base votou. A gente conseguiu pegar alguns votos na praia e colocar como prova. Se não me engano, concorreram cinco urnas, mas nós fomos de João - sem - braço na tesouraria do sindicato e achamos dez. Isto tudo a gente conseguiu provar. Houve falcatrua, tanto é que estas eleições chegaram a ser anuladas. Mas preferi não recorrer, porque eu já estava com o meu pedido de aposentadoria encaminhado e a minha chapa também não era muito coesa.

Como ficou o resultado oficial desta eleição?

O resultado foi o Abdias com um montão de votos e eu sem nenhum.

Nenhum?

Não, eu tinha lá uns trezentos e poucos votos.

E o Abdias do Nascimento?

Ele tinha mil e tantos votos.

Terminado o seu mandato na diretoria do sindicato em 1983, o senhor retornou ao trabalho na CCN?

A gente tentou retornar mas fomos proibidos de entrar no estaleiro.

Proibido por quem?

Pelo patrão. Na época era o Dr. Ariovaldo Santana da Rocha. O rapaz que me recebeu na portaria leu o ofício e disse: “Rosalvo, você vai me perdoar mas...”. “Já sei, não posso entrar no estaleiro. Tudo bem, mas o Ariovaldo tem que decidir esta parada comigo hoje”. Ele chegou às sete horas da manhã e retornou logo de imediato para falar comigo. Explicou que eu não poderia mais voltar ao estaleiro por causa da política e coisa e tal. Eu disse: “Olha doutor, eu acho que eu sempre fui um bom profissional, sempre cumpri religiosamente o meu contrato de trabalho, mas a casa é sua e a rua é minha. Só que tem uma coisa aí que se chama mandato sindical. Eu terminei agora o meu mandato, e por lei eu tenho um ano de estabilidade. Todo mês eu quero receber o meu salário. Eu venho receber aqui mesmo?”. “Não, a empresa vai te indenizar. Vamos fazer um acordo”. Eu respondi: “Não, acordo não tem. O acordo é o senhor pagar o meu ano de mandato. A lei me garante isto, é meu”. Aí a empresa me pagou tudo em um mês. No mês de setembro de 1983 ela me pagou um ano de salário, mais as férias e décimo terceiro. Me deu a guia para eu receber o fundo de garantia e eu dei entrada no meu pedido de aposentadoria que, lamentavelmente, fiquei treze meses para receber.

4. O SINDICALISTA E OS APOSENTADOS

O dinheiro que o senhor recebeu de indenização deu para fazer muita coisa?

Como eu ainda não tinha casa, o dinheiro que recebi investi todo na construção da minha casinha. Gastei com tijolo, cimento, azulejo e a casa não está pronta até hoje. Mas a coisa começou a engrossar, porque a grana acabou e a aposentadoria não saía.

E o que o senhor fez?

Aí eu comecei a vender cafezinho na rua. Vendi cafezinho de 1983 até novembro de 1984, quando finalmente saiu minha aposentadoria. Mas teve um certo momento em que a minha mulher foi buscar dinheiro para comprar comida para os meus filhos e eu só tinha cinco mil réis no bolso. Aí eu disse: “Isto tem que ter um jeito. Está havendo alguma sacanagem”. Eu passei a mão na minha pasta e corri para o INPS. Lá encontrei o responsável pelas aposentadorias sentado na mesa do gerente. Eu cheguei e perguntei: “Oh moço, quanto tempo se leva para pegar uma aposentadoria com toda a documentação perfeita?”. “Noventa dias”. “Então, alguma coisa está errada, porque eu estou aqui há um ano e três meses e a minha aposentadoria não saiu. Estão aqui os meus documentos”. Ele olhou e no dia seguinte saiu a minha aposentadoria com todos os atrasados. Aí senti o quanto eu tinha vacilado. Eu ficava esperando pelo INPS sem perceber que estava havendo uma influência da empresa nesta questão, uma perseguição política a mim.

Como surgiu a associação de aposentados que o senhor hoje preside?

Eu tinha uma salinha na rua São João, onde fazia o café que vendia na rua. Certo dia de julho de 1984, apareceu por lá o companheiro, já falecido, José Azevedo Bispo e o companheiro João Francisco dos Santos, que nós chamamos de João Grande. Eles falaram: “Rosalvo, nós estamos aposentados e você não tem mais mandato sindical. Você

podia fundar uma associação de aposentados para defender os nossos direitos”. Eu disse: “Companheiros, se vocês me derem cobertura, a gente faz.”. O primeiro problema levantado foi o de que não tínhamos onde nos reunir, mas aí eu disse: “Temos sim, o Sindicato dos Metalúrgicos é nosso, não é do Abdias, vamos nos reunir lá em baixo”. Na primeira reunião que nós fizemos, em julho de 1984, apareceram uns trinta aposentados. Aí começou a história da Associação dos Aposentados e Pensionistas dos Municípios de Niterói e São Gonçalo. E a gente se orgulha de ter fundado uma associação combativa, hoje reconhecida nacionalmente e com três mil e quinhentos sócios.

E por que a associação funciona aqui no prédio do Sindicato dos Operários Navais?

Porque, por obra do destino, no mesmo dia em que recebi o dinheiro da aposentadoria, encontrei o então presidente do Sindicato dos Operários Navais, o Luís Carlos Rodrigues da Costa. Ele disse: “Rosalvo, você podia ir lá para o sindicato para me ajudar”. Eu respondi: “Olha, eu posso até te ajudar, mas e daí?”. “Eu te dou um salário mínimo de ajuda de custo”. “Mas não é isso que eu quero. Eu tenho uma companheira que já foi muito sacrificada no sindicato comigo, quero que você dê um emprego para ela”. “Eu também dou um salário mínimo para ela”. “Tudo bem, mas tem outro detalhe importante. Eu estou fundando uma associação de aposentados”. “Você pode fundar”. Aí nós viemos para cá e começamos o trabalho, exatamente no mês de fevereiro de 1986.

E como foi esta sua volta ao Sindicato dos Operários Navais?

Eu fui ser assessor do companheiro Luís Carlos, mas quando ia participar das reuniões eu era olhado pelos outros sindicalistas como um paraquedista. Aí eu pedi que uma empresa assinasse a minha carteira, era uma empresinha pequena, para eu enfrentar aqueles sindicalistas de meia tigela que tinham por aí. Mais tarde, o Brandão Monteiro, com quem a gente já tinha militado, e era candidato a deputado nas eleições de 1986, me encontra e diz: “Rosalvo, você podia me ajudar”. Eu respondi: “Com uma condição: se

você for eleito terá que arranjar emprego na CONERJ para mim e para mais alguns companheiros que estão aí desempregados”. “Arranjo”. “Eu quero 40 empregos”. “Arranjo”. Ele foi eleito e em 16 de julho de 1987 eu ingressava na Companhia de Navegação do Estado do Rio de Janeiro. Ganhei novamente a condição de operário naval e passei a contar também com a ajuda de Brandão Monteiro para a associação dos aposentados. Aí o presidente do Sindicato dos Operários Navais atravessou um ofício pedindo à CONERJ que eu ficasse desligado à disposição do sindicato. Com o apoio do Brandão Monteiro, eu fiquei desligado. Fui para o sindicato fazer o trabalho de assessoria dos operários navais. Com meu trabalho, em 1988, me tornei presidente do sindicato.

O senhor concorreu com quem?

Não houve concorrência, fui chapa única. O Luís Carlos não queria mais, e preferiu retornar à base. Aí eu assumi a presidência do Sindicato dos Operários Navais.

E a Associação dos Aposentados?

Eu coloquei a minha, a Míriam, para dirigir. Mas ela renunciou logo depois, largou tudo e foi embora para casa. Me deu uma dor de cabeça danada. Ela pensou que era só ser presidente, mas quando viu as tarefas que tinha em cima, aquela gama de gente apertando, ela não teve top para isso, renunciou e foi embora. Aí eu fiquei com as duas organizações na mão.

E como foi a sua administração?

Em 1991, a gente tinha um sindicato limpo, sem dívidas, com um saldo de 850 mil em caixa, a folha de pagamento do mês em dia. Aí nós entregamos o mandato para um cidadão chamado José Silva Rochas , que durante cinco anos só fez dilapidar tudo isso. Todo o trabalho que nós fizemos ele dilapidou, inclusive aplicou aqui um estelionato,

vendendo 120 casas sem ter nenhuma. Como as coisas degradingaram, a gente afastou este cidadão. Fizemos uma assembléia e eu levei todas as provas na mão, mostrando todas as canalhices que foram feitas aqui. Houve de tudo: dilapidação de patrimônio, apropriação indébita, estelionato. Agora ele está respondendo criminalmente por isso.

Mas ele continuou na presidência?

Não, nós fomos para o judiciário e o juiz deu uma liminar para afastar o Zé Galinha de vez. Ele foi afastado pela categoria e judicialmente. Aí eu reassumi o sindicato. Não seria eu, seria o Jorge do Embalo. Eu fazia parte de uma comissão por ter as provas na mão. Mas o pessoal se reuniu, me chamou e disse: “Rosalvo, nós não temos condições de dirigir, quem tem competência para isso é você”. Aí me deram o mandato.

Este mandato permanece em suas mãos?

Sim, agora estou tentando desatar todos esses nós. O nosso objetivo hoje é reorganizar o Sindicato dos Operários Navais. Os companheiros dos estaleiros Cavagina e Caneco já estão querendo retornar ao sindicato. Aquele trabalho que a gente começou com o Jorge do Embalo, 30 anos atrás, hoje começa a surtir efeitos. Estamos trazendo todo mundo de volta para cá. Este é, inclusive, um momento histórico desta casa. Diga-se de passagem que este sindicato tem um passado histórico e eu respeito muito este passado. Eu respeito o Irineu José de Souza, o primeiro presidente que conheci, em 1957. Depois vem o João Fernandes; depois o Firmino Fernandes, que é, inclusive, colaborador, junto comigo, do estatuto da Associação. Depois veio o Álvaro da Costa Ventura e o companheiro Benedito Joaquim dos Santos, que está aí com a gente até hoje. Então, é este time que forma esta história. O parque industrial naval do Estado do Rio era pequeno quando este pessoal começou a trabalhar pela construção de navios. Daqui, deste sindicato, saíram muitas comissões de trabalhadores para se entender com o Ministro de Viação e Obras Públicas, visando implantar a construção naval neste país, o que foi feito por Juscelino

Kubitschek. Com ele, o primeiro navio foi lançado aqui deste lado da “baía da poça d’água”, como nós chamamos a baía de Guanabara. O primeiro navio chamava-se Ponta D’Areia. Foi o primeiro navio. Quando eu cheguei no estaleiro já tinham lançado o Ponta D’Areia, o Ponta da Armação, o Ponta não sei mais do quê, três ou quatro navios. Começava a construção do navio São João. Eu entrei nessa época.

A associação dos aposentados que o senhor criou era apenas para os aposentados da indústria naval?

Não, é para aposentados de qualquer profissão.

Mas já não existia associações semelhantes no Rio de Janeiro e em Niterói?

Existia, mas era um negócio mais ou menos assim: cinco diretores com nome de associação trabalhando para determinado deputado; aquele babado todo. Aí o cara viajava para Brasília e coisa e tal. Quando os companheiros me chamaram eu disse: “Eu quero uma associação combativa”.

Mas a sua ligação com o Brandão Monteiro não deu também este caráter de associação ligada a deputado de Brasília?

Não, não, não. Eu sempre mantive a minha independência. Eu gostava do Brandão porque as posições dele eram coerentes com as minhas. Aliás, sempre foram. Por isso eu fui trabalhar para ele. O Brandão era a nossa defesa lá no Planalto. Ele levou as propostas daqui para a Constituição de 1988. Ele foi peça fundamental para nós, mas sabia que eu não fazia média. Se ele pisasse na bola, o pau quebrava.

5. O SINDICALISTA, A EUROPA, O BRASIL E NITERÓI

O senhor disse que se afastou do PCB em 1964 mas continuou ligado às orientações de Luís Carlos Prestes. Esta ligação se manteve até quando?

Eu era da linha do Prestes, mas sempre fui um cara muito rebelde. Eu jamais rendi culto à personalidade. Tinha todo o respeito ao companheiro Prestes, mas discutia com ele, como discuti muito com Anita Prestes também. “O que é isso, companheira? Estou por aqui com esse negócio de botar um tapume na frente do companheiro para ele seguir. Não, eu acho que isto é uma questão discutível. Aliás, tudo é discutível”. Acho que eu estava com a razão. E cheio de razões, porque acabou aquela história de “vai por aqui”. Nós queremos o socialismo democrático, não o socialismo burocrático, em que meia dúzia de camaradas chega na crista do poder, têm a sua piscina de não sei o quê, e o resto da massa fica lá sofrendo, só podendo comer duzentas gramas disto ou daquilo. Então, eu sempre tive estas discussões com a Anita, inclusive na Europa, quando eu estive lá junto com ela...

Quando o senhor esteve na Europa com a Anita Prestes?

Em fevereiro de 1981, na época do Figueiredo.

Como é que foi esta viagem?

Eu tive a honra de ser escolhido como o único representante do Estado do Rio a participar de um congresso na Europa que se chamava “Pero um Brasil Libero”. Fizemos discursos, fomos plenamente aceitos pelo trabalhador italiano, participamos, inclusive, de movimentos grevistas na Europa..

De que movimentos grevistas o senhor participou?

Na Europa o cara faz greve por tudo. Eu participei de uma greve na cidade de Trieste. Havia um problema entre uma empresa multinacional e os operários do porto. Aí o trabalhador prendeu todo mundo lá e a cidade parou. Greve na Itália não é como aqui. Lá, a greve é de quatro horas diárias. Mas tudo pára. E eu cheguei em Trieste neste momento. Lá, não tem sindicatos como os daqui. O sindicato é uma sala. O trabalhador faz greve na biblioteca, na rua . Nós fomos para a biblioteca de Trieste , por sinal um negócio fabuloso, muito bonito, e a gente teve a honra de levar a nossa mensagem para aqueles companheiros: “Não vim aqui apenas buscar solidariedade, vim buscar e trazer a nossa. A luta da classe operária é universal porque enquanto houver trabalho e capital vai haver luta. Seja o capital imperialista ou até o próprio capital comunista”. Os caras entenderam o recado bonitinho e pela primeira vez eu fui beijado por homens. De repente eu vi aquele monte de caras me beijando. Meu discurso caiu como uma luva para eles.

Além da Anita Prestes, quem mais estava com o senhor nesta viagem à Europa?

O Olívio Dutra, a Lélia Gonzalez, o Gregório Bezerra, que inclusive lançou um livro dele lá, algumas lideranças de São Paulo, de Minas Gerais. Tinha uns trezentos companheiros do Brasil. O Agnaldo Timóteo, esse enganador que anda por ai, também estava lá.

O Agnaldo Timóteo também discursou?

Discursou. Aliás, fez um discurso de esquerda danado. O crioulo ficou metendo o malho na ditadura. Ele é um tremendo pilantra.

Quem financiou esta viagem de vocês?

O mentor deste encontro foi o Paulo Parras, um exilado que diz que só retorna ao Brasil quando isto aqui realmente for uma democracia. Ele é um psicólogo de alto conceito na Europa, tanto na Itália quanto na Suíça. Mas o encontro foi financiado pela prefeitura de Roma e de Milão e pelo movimento chamado ... não sei o quê “da donna italiana”. É um nome meio difícil da gente gravar. A mulher de Paulo Parras, a Amanda Parras, era a presidente deste movimento. Tinha também um movimento chamado, se não me engano, “Contra la tortura”, algo mais ou menos assim. O Paulo Parras foi quem organizou tudo isso e eu tive a honra de ser o escolhido do Estado do Rio para ir.

O Sr. foi convidado por quem?

Eu fui convidado por eles, não sei exatamente por quem. Eu sei que chegou o convite no sindicato dizendo que era para mim, o Rosalvo, ir com eles. Eu embarquei no dia 28 de fevereiro de 1981. Fez 15 anos ontem. A gente passou dois meses na Europa e eu só retornei porque estava próximo da data base.

Todas as despesas foram pagas por eles?

Tudo pago: hotel, passaporte na mão, tudo. Eu só tive que embarcar no avião.

Quais as cidades da Europa que o senhor visitou?

Eu estive nas cidades de Lisboa, Roma, Trieste, Pescara, Florença, Milão e Bolonha, por causa dos estaleiros que têm lá.

Foi o senhor quem sugeriu a visita aos estaleiros de Bolonha?

Não, os caras são organizados. Quando a gente chegou em Roma, eles já sabiam quem é quem e quem ia fazer o quê. De repente, eu fui chamado para ir para Florença visitar uma

escola de sindicalismo italiano. Passamos três dias lá, eu, a Lélia Gonzalez e o Olívio Dutra. Eu conheci uma porção de coisas bonitas na Europa. Em Roma, por exemplo, o Dia da Mulher é uma coisa fabulosa. Aquelas mulheres todas desfilando na rua e a polícia ao lado, acompanhando. Mas não era para reprimir não, era para guarnecer, dar suporte. Havia ambulância e tudo. Neste dia, inclusive, a gente estava reunido na prefeitura de Roma quando o prefeito falou: “Olha, vocês não levem a mal, mas agora está na hora da gente ir para a rua”. Fomos todos acompanhar aquilo. Foi muito bacana. Na Itália a gente também visitou uma exposição de fotografias de brasileiros sendo torturados. Era um painel, numa sala imensa. A gente nem sabe como eles conseguiram aquelas fotografias. Tem uma pessoa aqui em Niterói que a gente tem um profundo respeito porque eu vi a fotografia dela sendo torturada; é aquele negócio de alicate no bico da mama, alicate na vagina. Tem foto disto tudo lá. Na Europa, a gente conheceu muito mais da história da repressão no Brasil do que se sabia aqui. Lá eu desenvolvi também um trabalho em função do companheiro Lula, que na época estava preso no Brasil. Inclusive, a RAI me deu duas horas de entrevista. Durante duas horas eu estive sentado na frente dos homens jogando tudo pra fora: “Que se dane se eu for preso quando voltar ao Brasil”. Mas estas coisas geram muitos ciúmes, sabe? Por causa da posição que ocupei lá, alguns companheiros ficaram até meio de banda comigo.

Como é que o senhor acompanhou o surgimento de Lula e do Partido dos Trabalhadores no cenário político brasileiro?

Na época, eu fui contra a proposta de Lula de fundação do PT. Embora sem ser propriamente contra a proposta, achava que não era a ocasião. Mas o molequinho é atrevido, foi em frente e deu certo. Queiram ou não, o PT deu certo.

Nas eleições para governador de 1982 o senhor votou em quem?

Votei no Brizola. Eu tenho participação na formação do PDT. Eu me reuni muito no mato para discutir o PDT.

O senhor permanece no PDT?

Não, agora por acaso eu estou no PPS. Mas eu acho que isto não é bem o ideal. Eu parto do seguinte princípio. Você tem três partidos neste país: direita, esquerda e centro. E esta esquerda tinha que estar toda unida. Este é o meu partido. Para mim tanto faz estar no PDT, no PT ou no PPS. Eu, por exemplo, tenho excelentes companheiros no PT. De repente, eu posso estar neste partido.

O senhor permanece morando em Niterói. Na sua opinião, a construção da Ponte Rio - Niterói trouxe benefícios para a cidade?

Eu não sei se veio trazer evolução melhor. Acho que a coisa não é bem clara. Você tinha as viaturas do Rio para Niterói e tinha as barcas de carga e a barca de passageiros. Então planejaram a ponte Rio - Niterói para maior fluxo. Hoje ela não dá mais conta. Se a ponte Rio - Niterói veio solucionar, acho que veio só em parte. Não chegou a solucionar o tráfego entre as duas cidades, que cresce dia a dia e a população não tem como se locomover melhor. Qualquer coisa engarrafa. Qualquer coisa é prejuízo muito sério. Precisam construir outra coisa. Eles já falaram até em construir um túnel, sei lá, isto está tão distante deste Brasil perdido.

O senhor concorda com aqueles que dizem que Niterói foi muito prejudicada com a fusão dos estados do Rio e da Guanabara?

Niterói hoje perdeu a qualidade de vida que tinha antigamente. Niterói era um lugar onde as pessoas ganhavam dinheiro, onde circulava dinheiro. A cidade tinha comércio próprio e foi a capital deste estado. Então, com a mudança, com o desmembramento, Niterói

perdeu muito. Hoje toda a concentração do estado do Rio converge para a cidade do Rio de Janeiro. A gente sente que todos os municípios trabalham em função da grande máquina burocrática que se instalou no Rio de Janeiro. Niterói está crescendo desordenadamente. Icaraí foi sempre um bairro chique, mas não era a selva de pedra que é hoje, com um edifício trepado em cima do outro. Niterói talvez seja uma das cidades onde mais crimes se comete. É também uma das cidades mais sujas. E naquela época era limpa, tanto que se chamava Cidade Sorriso. Hoje é a Cidade Careta. Esses camelôs no centro da cidade, embora seja por necessidade de um novo meio de vida, nem todos estão ali por isso. Ali também estão quadrilhas formadas por traficantes de tóxico. E a maioria dos que trabalha é empregado de comerciantes que botam a mercadoria ali para melhor esfolar o povo. Enfim, Niterói perdeu aquela coisa provinciana em que se vivia.

A cidade também oferecia maiores oportunidades de trabalho?

Antigamente em Niterói se você estivesse insatisfeito com um emprego, saía procurando outro e no dia seguinte achava, seja no comércio ou na indústria. Hoje, não acha. Aqui na rua Carlos Gomes tinha uma fábrica de cristais que era famosa pelos cristais que fazia. O Hime, em Neves, empregava mais de 3 mil pessoas. Isso tudo acabou. A indústria de Alumínio Chaleira, que empregava mais de trezentas pessoas, hoje é uma casa de família. Na fábrica de seda do Barreto formava-se fila para ir trabalhar. Na fábrica de fósforo Fiat - Lux também. Hoje, não existe mais nada disso. Niterói não tem mais onde se trabalhar. Os estaleiros, que naquela época davam 17 mil empregos diretos, fora os indiretos, hoje não dão mais quase nada. Então, companheiro, esse país está andando igual carangueijo. Para trás.

O senhor ainda costuma freqüentar os cinemas da cidade?

Meu filho, depois de dezoito anos passando filme todos os dias, não dá mais. Estou de saco cheio. Uma vez ou outra a minha mulher me pede para levá-la ao cinema. Ela vê o filme, eu fico cochilando.

O senhor tem filhos?

Antes de ser casado normalmente, tive dois filhos. Agora tenho mais três: um trabalha na CONERJ, uma filha é casada e tenho um temporão. Isso é uma vida normal de homem, né? E tenho um casal mais velho que foi com outra mulher.

Seu Rosalvo, o senhor tem orgulho da sua história?

Eu tenho. Apesar de ser apenas um operário, eu me orgulho da minha condição. Não fiquei estagnado naquela coisa de “eu sou eletricitista, é só puxar o fio”. Não. Eu deixei marcada a minha presença enquanto profissional. Fui um dos grandes operadores de cinema do Rio de Janeiro. Fui considerado, no Estaleiro Mauá, o melhor profissional que já passou por lá. E sou considerado pelos meus companheiros o melhor sindicalista que tem por aí. Diz um companheiro que, queiram ou não, de 1964 para cá a história do sindicalismo de Niterói passa por minhas mãos. Eu escolhi isto. Hoje os companheiros aposentados do Brasil inteiro me respeitam. Onde chego sou bem recebido. Enfim, a minha trajetória enquanto homem trabalhador, trabalhador que passou pela enxada, que passou pela foice, que passou pela Escola Profissional Henrique Lage, que andou por esse Brasil é uma história muito longa. Mas se pudesse, acho que voltaria a viver tudo outra vez.

CAPÍTULO III

UM ATIVISTA COMUNISTA E TRABALHISTA

Depoimento de Benedito Joaquim dos Santos (*)

“Em 1953, eu tive participação ativa na grande greve dos marítimos, uma greve histórica (...). Em 1954 eu ingressei no Partido Comunista Brasileiro”.

.....

“Em 1982 eu entrei para o Partido Democrático Trabalhista, para me candidatar, por orientação do Prestes”.

(*) Esta entrevista foi feita por Carlos José Souza das Chagas e Marcos Aurélio Ramalho Gandra, no Sindicato dos Operários Navais do Estado do Rio de Janeiro, Barreto, Niterói, nos dias 15 e 16/01/1997 e editada por Fernando Luiz Vale Castro.

1. DE ALAGOAS A NITERÓI

Seu Benedito, onde o senhor nasceu?

Eu nasci na cidade de Barra de São Miguel dos Campos, cidade que fica do lado sul do litoral de Alagoas, em 22 de abril de 1929.

Fale um pouco de sua vida em Alagoas?

Eu sou oriundo de uma família pobre, uma parcela constituída de camponeses e outra, a do meu pai, que trabalhava com embarcação. Era pobre e com baixo nível de escolaridade. Eu só fiz o 1º grau. Em Alagoas eu aprendi a profissão de carpinteiro naval e aos 16 anos me transferi para a capital, Maceió, onde trabalhei alguns anos até que surgiu uma oportunidade de trabalho na cidade de Estância, no Estado de Sergipe. Em Estância eu me casei, logo depois retornei a Maceió, onde, em 1951, nasceu minha primeira filha.

Como era a relação com seus familiares?

Era muito boa, talvez seja uma característica do nordestino. Existia, na cidade, uma solidariedade, uma fraternidade muito grande, fundamentalmente entre as famílias. As pessoas se ajudavam, havia muito respeito naquela época, tinha respeito às pessoas mais velhas, aos pais, enfim, isso nos levava a ter um bom relacionamento com os parentes e também com os estranhos. A minha infância, nesse aspecto, foi muito boa.

O senhor poderia nos falar do seu casamento.

A minha esposa chama-se Rosa. Eu sou casado há 47 anos e se eu tivesse que me casar de novo, eu me casaria com a mesma Rosa. A minha mulher sempre foi uma excelente mãe,

uma grande esposa e uma companheira que sempre me deu apoio nas minhas lutas e com participação ativa também. Ela nunca foi uma mulher omissa. Do contrário ela sempre foi daquela que se chama no nordeste de mulher de qualidade, embatível, companheira para todos os momentos, os de alegria, em momentos de dor.

Quando o senhor migrou para o Rio de Janeiro?

Em janeiro de 1951, eu fiz uma aventura, que foi a viagem para o Rio de Janeiro, sozinho, sem ter a certeza que iria conseguir emprego ou não. Mas eu dei sorte porque, na época, existia uma procura muito grande de profissionais na orla marítima do Rio de Janeiro, Niterói e Rio. Em 3 ou 4 meses eu consegui recursos para trazer minha esposa, minha filha e minha mãe. Posteriormente meu irmão também veio por minha influência.

O senhor, ao chegar, veio direto para Niterói ou foi para o Rio de Janeiro?

Primeiro para o Rio de Janeiro. É que eu vim para a casa de um tio de minha mulher, já falecido. De lá eu vim morar em Niterói já que tinha arrumado emprego na Ponta da Areia. Fui morar no Fonseca, na Rio Otavos, aliás na Quinze de Março, que é uma continuação da Rio Otavos. Morei no morro, minha primeira residência que aluguei foi no morro.

Como era a Niterói dos anos 50?

Niterói não tinha a aparência tão bonita como a que tem hoje, tinha um mercado de peixes que entrava mar adentro, descaracterizando a Rua da Praia. Não havia sido feito o aterro, só existindo rua estreita. Na Rua da Praia passavam bondes e todo tipo de transporte. Existia também a Estação de Barcaça, que transportava caminhões e as Barcas da Cantareira. A Avenida Amaral Peixoto tinha poucos edifícios, só depois é que a cidade

expandiu, mas, na minha opinião, ela sempre foi bonita. Eu gostaria, antes de morrer, de morar em Niterói, voltar a morar, principalmente se eu pudesse morar em Icaraí.

O senhor poderia falar da sua vida na Ilha da Conceição, da sua relação com os seus filhos.

Eu morei na Ilha da Conceição quase 13 anos, tanto que eu tenho uma filha, hoje radicada em Manaus, que nasceu na Ilha da Conceição, ela se chama Cleonice. Ela é formada em engenharia química e como já lhes falei, está radicada em Manaus há 16 anos, trabalha na Coca - Cola. Tenho mais três. A mais velha nasceu em Alagoas, é professora, formada em licenciatura plena, e tenho dois filhos homens. Um nasceu em Icaraí e o outro nasceu no Barreto, todos os dois são engenheiros. Um é engenheiro químico e o outro é engenheiro eletricitista. Eu eduquei meus filhos trabalhando no estaleiro e complementei já como comerciante. Os últimos se formaram e eu já era comerciante. Mais uma coisa que o Partido Comunista recomendava sempre nos cursos que eu passei, que eu fiz, e nas reuniões internas do Partido é que nós nos preocupássemos com a educação dos filhos. O Partido sempre pregou isto para os militantes, que nós não poderíamos pensar em tomar o poder e administrar a sociedade se nós não entendéssemos que a educação e a cultura são peças fundamentais para o bom desempenho na sociedade. É aquilo, como diz o velho ditado; “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, todos os dias na cabeça da gente, cada um de nós ia para casa e passava para a mulher. Olha o Partido acha que a gente tem que dar tudo para a educação dos filhos.

2. NASCE UM OPERÁRIO NAVAL

O senhor poderia falar da sua entrada no ramo da Construção Naval.

Eu consegui meu primeiro emprego num estaleiro, que se chamava Toque - Toque, era como já disse, início de 1951. Eu trabalhei nesse estaleiro até 1959, quando começou a

ser implantada aqui, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, a indústria de construção naval, e o Estaleiro Mauá, que na época chamava-se Companhia, Comércio e Navegação. Tendo, assim, necessidade de ampliar seu espaço físico, comprou o Toque - Toque e absorveu toda a sua mão-de-obra. Mas, voltando um pouco atrás, eu considero a minha entrada no Toque - Toque, um grande impacto na minha vida. Foi a primeira vez que passei a ter um emprego com salário, que atendia minhas necessidades materiais. E naquela época, ainda, se fazia muitas horas - extras para poder atender as necessidades e exigências dos compromissos do empregador. Isso aumentava bastante nosso salário. Do ponto de vista político e sindical foi outro impacto. Eu comecei a conviver com pessoas, algumas que já tinham experiência na vida sindical, na vida política e com isso eu também passei a assimilar coisas novas. Foi uma revolução na minha cabeça, convivendo com essas pessoas, participando de reuniões que nunca tinha participado, de acontecimentos que eu também estranhava. Isso para mim foi uma verdadeira universidade de vida. Por isso, para mim, foram dois avanços consideráveis, que eu repito com bastante seriedade, primeiro, do ponto de vista sócio - econômico, e outro do ponto de vista político ideológico.

Qual foi a primeira função do senhor no Estaleiro?

Carpinteiro. Eu entrei como carpinteiro de 2ª classe. Dado ao meu trabalho, a qualidade dele, em pouco tempo eu fui promovido a carpinteiro de 1ª classe e o meu salário aumentou consideravelmente. Diga-se de passagem, naquela época, até o Golpe de Estado de 64, os marítimos recebiam razoavelmente bem. Durante todo o período que eu trabalhei na indústria naval eu fui carpinteiro.

Como era o processo de recrutamento na construção naval nos anos 50 e 60?

Com o avanço da construção naval, surgiram as Escolas Técnicas como o SENAI, o Henrique Lage. Antes, porém, os estaleiros chegavam a colocar placas: precisa-se de

ajudantes, de aprendizes etc. Então os jovens ingressavam no Estaleiro, escolhendo a profissão que queria: soldador, maçariqueiro, chapeador, carpinteiro etc. e ele ia aprender, no Estaleiro, com um profissional oficial. E isso também ajudava o jovem a se familiarizar com os mais antigos e isso ajudava, direta e indiretamente na unidade dos companheiros, diferentemente de quando começou a surgir as Escolas Técnicas e que o jovem passou a ingressar nos estaleiros já com a teoria e com uma certa independência profissional, principalmente em relação àqueles que se encontravam com menos conhecimentos técnicos.

Como era o dia - a - dia no Estaleiro?

Trabalhávamos 8 horas por dia. Era uma carga horária de 48 horas semanais. Às vezes, fazíamos uma hora a mais para no sábado sairmos mais cedo, mas nem sempre era possível. Eu trabalhava em estaleiro particular em que nós tínhamos que dar uma produção para não sermos demitidos. Eu trabalhava na hora do almoço, nós procurávamos almoçar o mais breve possível. O trabalho de carpinteiro era pesado.

3. SURGE UM ATIVISTA: O PARTIDO COMUNISTA E O MOVIMENTO TRABALHISTA

Na primeira greve que o senhor participou, o senhor tinha alguma função?

Não, não tinha não. Eu não tinha nenhuma função, também não tinha grandes conhecimentos, comecei a participar por influência de outras pessoas, sem convicção daquilo que eu estava fazendo. É bom que se diga que as greves não serviam apenas para tratarmos de assuntos salariais, nós exigíamos, também, proteção. Aí começou a surgir as CIPAS que sempre tiveram a participação de trabalhadores e exigiam mais segurança para os trabalhadores, material e equipamento que protegesse a saúde, até porque isso

também sempre interessou ao empregador. Não interessa ao empregador ter um empregado acidentado, doente, fora da profissão.

Foi após a greve de 53 que foi criado o Contrato Coletivo. O senhor poderia nos falar sobre ele?

Esse Contrato Coletivo, para nós, foi um avanço significativo, porque eram feitos contratos com o setor patronal, com o Sindicato Patronal e com a presença do Governo. O Governo sempre dava o aval e nesses contratos nós, embutíamos várias reivindicações, não só salarial, como de caráter social e político. Isso infelizmente terminou com a eclosão do Golpe de 64. Foi o maior avanço dos trabalhadores no Brasil, a nível geral.

Fale um pouco mais da primeira participação ativa do senhor nesse processo de mobilização da greve de 53?

A greve foi plenamente vitoriosa. Quando a greve começou nós tínhamos um salário X, tínhamos um padrão de vida X, e quando a greve terminou, nós melhoramos qualitativamente para o padrão Y, bem melhor, não só economicamente mas também politicamente. Por exemplo, aonde o dono não aceitava Delegado Sindical nós conseguíamos implantar. Aonde ele não aceitava Subdelegado Sindical, nós conseguíamos implantar. Enfim começamos a generalizar, ou melhor, a colocar o sindicato dentro das empresas a nível horizontal. Em cada seção um representante, que antes não existia, graças ao resultado das greves.

De que maneira o senhor iniciou sua participação no movimento sindical?

Já nos meus primeiros anos no estaleiro comecei a ter uma participação ativa no movimento sindical marítimo. Comecei a frequentar os sindicatos, este que nós estamos aqui, o Sindicato dos Operários Navais, que se situa na Benjamin Constant, 385, em

Niterói e outros. Em 1953, eu tive participação ativa na grande greve dos marítimos, uma greve histórica que toda a Marinha Mercante do Brasil parou, todos os navios e estaleiros pararam também. Esse fato me ajudou a tornar-me conhecido no setor. Em 54 eu ingressei no Partido Comunista Brasileiro. A minha atuação política, a partir daí, também fez com que eu assimilasse e aprendesse várias coisas pertinentes à vida sindical e política. No aspecto ideológico, ler os clássicos, deu subsídios que ajudaram, não só a mim como a muitos companheiros, nos ajudaram a ter uma visão mais objetiva, mais correta da vida, no ponto de vista da exploração do homem. A presença do PCB nos dava força, nos unia, fazia com que estivéssemos sempre discutindo, debatendo os nossos problemas, do país e do Estado.

Como era a organização do PCB no interior da Empresa?

Nós tínhamos um Comitê Regional. Era um Comitê Regional da Orla Marítima, que administrava todas as células, as bases. Estas existiam nos estaleiros, existiam até nos navios, onde fosse possível recrutar dois ou três trabalhadores funcionais, montava-se uma OAB - Organização de Base. Fazia-se também comitê de empresas. Nas grandes empresas nós chegamos a implantar várias Organizações de Base e, conseqüentemente, um Comitê - Empresa. E tinha, na hierarquia acima do Comitê - Empresa, o Comitê Regional da Orla Marítima, ligado ao Comitê Central do Partido Comunista. Foi a partir desses comitês que foi possível formar quadros com oradores, políticos, etc., e daí nós conseguimos, inclusive, eleger deputados nossos.

Essa militância do PCB do estaleiro era clandestina?

Era sim. Claro que a chefia sabia que algo acontecia, mas nós evitávamos que isso fosse transparente, porque o Partido vivia na ilegalidade. Nós não podíamos nos dar o luxo de colocar os nossos companheiros desprotegidos, levando ao conhecimento de quem era contrário aos nossos princípios.

Qual era a importância do PCB no cenário político da época?

Era grande. Conseguimos eleger até deputados, como por exemplo o Irineu José de Souza. Nós sempre apoiamos candidatos aliados. Vasconcellos Torres, por exemplo, foi eleito senador com o nosso apoio. O próprio Roberto Silveira foi eleito governador do Estado com o nosso apoio. Infelizmente, até hoje eu não sei porque o Partido naquela época apoiou o Tenório Cavalcanti para governador. Mas quando o Partido apoiava, ninguém nem pensava duas vezes para contrariar. Existia uma democracia interna, e o centralismo democrático que fazia o Partido funcionar como uma só pessoa.

Nessa relação política do PCB com os operários navais algum outro partido disputava o controle do movimento sindical?

Pelo menos, na orla marítima, o Partido Socialista Brasileiro que tinha um dirigente aqui, o Plínio Pilot, tentou minar as nossas bases. Mas como era um partido mais de elite, mais de classe média, intelectualizado, eles tinham dificuldades e nunca conseguiram êxito em seus propósitos.

E o PTB?

A gente via o PTB com desconfiança, porque o PTB também era um Partido populista, mas que na região marítima ele não tinha raízes no movimento operário, porque o PTB sempre foi pusilânime, nunca foi um Partido revolucionário. Ele era um Partido que estava sempre operando quem estava no Poder, não tinha proposta revolucionária como o PCB. É claro que o PTB sempre foi, naquela época, diferente do de hoje. O PTB de hoje é pior do que o da época passada. Naquela época era um aliado nosso.

Quando começou a sua participação oficial no Sindicato? Quando o senhor passou a fazer parte da Diretoria?

No final da década de 50 e começo da de 60 eu já havia ingressado no Conselho Sindical que existia na empresa. Eu já fazia parte como subdelegado da minha seção de carpintaria, mas trabalhando, ligado à produção. Em 1963 é que eu me candidatei, com apoio do PCB que achou que eu já tinha bagagem para exercer a presidência do sindicato, a Presidente do Sindicato dos Operários Navais e fui eleito. Aí eu tive que me desvincular da produção, da labuta, e passar a exercer o mandato, isso foi um direito conquistado por nós, que a empresa pagava o Presidente que tivesse sido eleito democraticamente. Ele exercia todo o mandato, desligado da produção, recebendo seu salário pago pela empresa, tendo ainda acesso também à Presidência da República, que eu como Presidente do Sindicato dos Operários Navais, cheguei a viajar e a ser recebido pelo então Presidente João Goulart, várias vezes em Brasília e aqui no Rio de Janeiro também.

Como foi sua eleição? Contra quem vocês disputavam?

Veja bem, foi chapa única. Nós não tivemos concorrentes porque nós tínhamos hegemonia tão grande com os operários navais nos diversos estaleiros, que ninguém se atreveu a compor uma outra chapa. E nós fizemos, nós compomos a chapa com pessoas, com companheiros nossos, do Partido e simpatizantes. Só não colocamos pelegos, pois esses eram faca de dois gumes. Na ausência do patrão reclamava contra o patrão. Na presença dele dedurava a gente.

Na gestão do senhor, quais eram os mecanismos de controle, de convocação?

Quando eu ingressei na Presidência eu já encontrei toda uma infra-estrutura montada. Eram o Delegado e os Subdelegados de seções. Nos reuníamos duas vezes. Uma era a reunião do Conselho, quando reuníamos os conselhos de todas as empresas, ali nós fazíamos uma pauta para a Assembléia, para a seguir começarmos discutir assuntos internos dos diversos estaleiros, que haviam passado pelo filtro dos Conselhos Sindicais. Também se colocava na pauta das Assembléias os nossos pleitos a respeito do aumento

de salários, promoções, atrasados e contatos nossos com o Presidente da República, Ministros etc. Enfim era sempre uma pauta rica de assuntos. O sindicato também foi local de inúmeros atos políticos, com a presença do então presidente João Goulart, Brizola, Prestes e diversos parlamentares. Nós fizemos um encontro aqui, de caráter latino-americano, onde desse encontro participaram delegações de Cuba, México, Uruguai, Argentina e vários outros países. Foi um encontro latino-americano de sindicalistas e ativistas sindicais. Se deu aqui, neste sindicato. Nós fizemos também, a grande passeata da panela vazia, em Niterói. Saiu dona - de - casa, marido e mulher, crianças, pelas ruas de Niterói, batendo panelas, uma na outra, panela vazia. Isso teve muita expressividade, fizemos muitas passeatas no Rio de Janeiro, culminando com concentrações na porta da Assembléia e do Ministério do Trabalho. Foram inúmeras passeatas.

4. A VIDA DE UM OPERÁRIO NAVAL LONGE DOS ESTALEIROS

O que mudou na sua vida quando o senhor deixou de ser operário naval?

Foi um retrocesso. Eu considero como retrocesso político na medida em que eu saio de um setor, trabalhando como empregado, exercendo a presidência de um Sindicato de renome, o dos operários navais, e passo a exercer uma atividade completamente oposta, de comerciante, preso dentro de um balcão, a minha vida muda, neste aspecto, para pior. Eu, é claro, do ponto de vista econômico não sofri nenhuma solução de continuidade, mas no ponto de vista político ideológico sim, eu não podia deixar eternamente o bar. Quer dizer aquilo me prendeu muito. Por isso eu tive meu espaço tolhido, não podia me locomover tanto quanto havia necessidade. Levei uma porção de anos nessa vida, de 64 até 82, quando eu me elegi vereador em São Gonçalo. Eu eleito, tratei logo de vender a mercearia, o negócio, porque entendia que para fazer política, eu não podia estar na Câmara e na frente dos negócios. Passei o negócio, ficando à vontade e aí melhorar consideravelmente as minhas atividades políticas porque passei a exercer o mandato com

ampla liberdade para fazer o que era possível dentro do meu alcance, do meu conhecimento.

Qual era o nome do bar?

Bar e Merceria Tupi, que ficava na Rua Ponderux 325, próximo do miolo do Paraíso, Centro Comercial do Paraíso.

No período que o senhor foi comerciante qual era a sua participação política?

Eu recebia sempre visitas de companheiros meus do PC. Eu recebia material, recebia subsídios. Eu estava sempre informado, nas horas em que eu tinha disponibilidade de ler eu tinha sempre o que ler sobre os acontecimentos do Brasil e também fora do Brasil. De vez em quando eu também me reunia. Eu não passei esse tempo todo sem um contato, sempre que eu podia eu me reunia, eu trazia companheiros lá para casa. Eu estava sempre em contato, sempre dando a minha contribuição.

Falando de sua estratégia como político, qual foi a importância do PCB e do sindicato na sua atuação?

Eu aprendi no PC o que eu não teria chance de aprender com meu baixo nível de escolaridade fora dele. Aprendi a ter uma visão do mundo, da sociedade, um pouco mais racional, matemática, ter uma visão política das coisas e isto me ajudou muito a que eu tivesse um desempenho razoável no meu mandato.

Quando o senhor entrou no PDT?

Em 1982. Eu entrei para me candidatar por orientação do Prestes.

O senhor poderia dizer quais foram os períodos dos mandatos e quais suas preocupações básicas?

Eu fui eleito em 1982, tomei posse no dia 1º de janeiro de 1983. Este primeiro mandato durou 6 anos, o segundo 4 anos. Eu fui reeleito e o terceiro mandato se expirou no dia 31 de dezembro próximo passado. Este se deu a nível de vice - prefeito de São Gonçalo. No meu primeiro mandato eu fui autor de uma lei, que na época ainda não existia, o direito dos idosos viajarem gratuitamente nos transportes coletivos. Entre outros projetos eu considero que este marcou na minha vida parlamentar, porque atendeu uma parcela considerável de pessoas na minha faixa etária.

Fica claro a sua preocupação com os idosos. O senhor poderia nos falar da Associação do Aposentados que o senhor ajudou a fundar?

Quem deveria estar aqui para contar a história com mais propriedade devia ser o atual presidente, o Rosalvo, mas como fiz parte dos fundadores da Associação, posso dizer que nós copiamos os exemplos de outros movimentos semelhantes que já existiam em Niterói e no Rio de Janeiro. Não fomos os pioneiros. Quando nós fundamos a Associação já existia a Federação dos Aposentados e Pensionistas do Estado do Rio de Janeiro. Nós achamos que devíamos ter fundado uma Associação que pudéssemos congregar os companheiros que haviam participado conosco das grandes lutas do Sindicato dos Operários Navais.

Como tem atuado a Associação?

Eu parto do princípio que toda e qualquer categoria profissional tem que se organizar, porque quem não se organiza fica a revolta da história, sofre as conseqüências da exploração capitalista. Isso está provado no mundo inteiro. O papel dessa Associação é

unir os aposentados e hoje já é uma Federação da qual eu sou o Vice - Presidente. O nosso movimento é um movimento não partidário, não levamos nenhuma diretriz, nenhuma palavra de ordem desse ou daquele Partido Político. Eu considero o movimento dos aposentados um movimento político, de caráter social, mas não partidário, até porque discutir política partidária seria um desastre no ponto de vista da unidade.

E a organização da Associação, como ela ocorre?

Ela se organiza como se organiza qualquer entidade. Duas ou três pessoas se juntam e formam uma associação. Para fundar, primeiro se compõe uma comissão para organizar a Associação. Não pode haver eleição, nos primeiros movimentos tem que ter o primeiro passo, que é arregimentar pessoas, elaborar um projeto de estatuto e, conseqüentemente, organizar as assembléias, reuniões para aprovar o estatuto, a seguir registrá-lo para começar o processo de eleição. Nessa Associação, tem o Presidente, o Secretário, o Tesoureiro e o Conselho Fiscal, que examina as contas, despesas e receitas para que a coisa funcione do ponto de vista normal.

Para encerrar, o senhor hoje está atuando junto aos aposentados, fale um pouco sobre essa questão?

Quem não está distraído no mundo sabe que a situação do aposentado no Brasil é alarmante, em função das pessoas terem dado a vida por um trabalho para construir o país e estarem nessa situação. O aposentado continua sendo considerado pelo Poder Público como uma ferramenta que já deu o que tinha que dar e quando não presta mais o dono pega e joga na lata de lixo, é descartável. E isso não é novo não. Por isso que o aposentado tem que se organizar para evitar uma morte prematura. O sujeito quando se aposenta já atingiu a terceira idade, é quando ele mais precisa comprar remédios, ir ao médico. Hoje a saúde pública, que ao longo dos anos foi sucateada, não responde o mínimo das necessidades desse grande desafio. Quem não tem um plano de saúde está

sujeito à morte. É contra isso que lutamos. Essa é a grande razão da existência das Associações de Aposentados. Além disso temos a Reforma Administrativa do Governo que quer tirar vários ganhos que tivemos na Constituição de 88. A tendência do Governo com a Reforma da Previdência Social é privatizá-la, é entregar aos banqueiros e aos grupos que administram o Plano de Saúde; se a Previdência Social for privatizada, aí sim, estaremos todos nós no fundo do poço, até porque quando se fala em privatização da propriedade pública, paralelamente acontece o que: desemprego e um país que hoje já tem uma carga enorme de desempregados e mão-de-obra informal, que não rende nada para os cofres públicos, isso é um desastre para o país.

CAPÍTULO IV

UM IMIGRANTE ITALIANO NO ESTALEIRO MAUÁ

Depoimento de Eduardo Chinelli (*)

“Eu entrei no Estaleiro, no primeiro plano de construção naval, em 1960. Havia muita gente. A única coisa que eu estranhei, foi ter muita gente que fazia o serviço decorado, e passava o que sabia de pai para filho. Havia ciúme se você fazia uma coisa que outro cara mais velho não conseguia fazer (...). E foi justamente nessa época que começou o progresso no setor naval (...). Nessa mudança, os trabalhadores mais antigos se viram perdidos. Foi nisso que eu levei vantagem”.

“Sou igual, só nasci numa terra diferente. Claro que tudo que diz respeito à Itália me chama mais a atenção. A música e outras coisas mais. No futebol, eu torço para a Itália; o coração fala mais alto. Jogo Brasil e Itália me dá mal estar, parece que eu tô traindo alguém (...).”

(*) Esta entrevista foi feita por Evelyn Chaves Silva e Rosana Monteiro Marron, na residência do depoente, Icaraí, Niterói, nos dias 09 e 13/01/1997 e editada por Fernando Luiz Vale Castro e Patrícia Souza Lima.

1. RELEMBRANDO A ITÁLIA E A FAMÍLIA

Senhor Eduardo, quando e onde o senhor nasceu?

Eu nasci na Itália em 9 de setembro de 1937, mais precisamente no sul da Itália, na região da Calábria, na província de Cosenza. A cidade em que eu nasci chama-se Fuscaldo. Minha região é muito bonita, fica entre o mar e a montanha e é propriamente agrícola. Seus produtos tropicais são o figo e a azeitona. O restante é agricultura de subsistência, não é uma zona industrial. A única coisa boa é o clima, o melhor da Itália.

E como era a casa do senhor na Itália?

A casa que eu nasci era, a princípio, um palácio medieval. Com o passar do tempo foram morrendo os nobres, que acabaram vendendo o palácio, que foi dividido em 8 casas e apartamentos. Eu nasci, morei e vivi lá até vir para cá. Morávamos eu, minha mãe, meu pai e meus três irmãos. Eu tinha uma irmã, mas ela não morava conosco, porque foi criada por uma tia em Nápoles.

O senhor poderia contar um pouco mais sobre sua família?

Bem, meu avô paterno se chamava Eduardo Chinelli e minha avó se chamava Filippina. Quanto aos avós maternos, a minha avó se chamava o que seria Conceição em português e meu avô se chamava Francisco Antônio. Mais do que isso, eu não tenho conhecimento não, porque nasci sem as suas presenças. Nós também não tínhamos contatos com outros parentes, a não ser uma irmã da minha avó materna, chamada tia Ângela.

E seus pais e seus tios?

Meus pais se chamavam Francisco Chinelli e minha mãe Francesquina. Eu tinha vários tios. Meu primeiro tio, primeiro irmão de meu pai, se chamava Ângelo. Ele imigrou para o Brasil logo após a Primeira Guerra Mundial e nunca mais voltou. Quando tentou voltar para ver os pais, aconteceu o contrário. Meus avós é que vieram para o Brasil e então ele não voltou mais para a Itália. Eu tinha outro tio - tio Umberto – também irmão de papai, que também imigrou, em 1947. Tinha o tio Salvador que imigrou em 1948-49, não tenho certeza, e papai que imigrou em 1951. Havia também duas irmãs de papai que imigraram para o Brasil em 1956, só ficando um irmão de papai na Itália. Ele ainda vive em Milão. Quanto a minha mãe, minha avó materna ficou viúva e se casou duas vezes. Do segundo casamento, ela só teve minha mãe, mas do primeiro casamento teve três filhos: tio Jacomo e duas mulheres. Uma que ficou na Itália e que se chamava Querubina e outra que imigrou para a Argentina e se chamava Vicentina.

Como era a sua mãe?

Era a própria matriarca italiana. Um verdadeiro general, pois era quem realmente comandava tudo. Papai sempre foi uma máquina de ganhar dinheiro, como todo bom homem, mas era mamãe que administrava tudo. Tudo girava em torno dela. Não que meu pai ficasse em segundo plano, mas ela sempre teve muita iniciativa.

A sua relação com a sua mãe era boa?

Sim, eu me dava muito bem com a minha mãe, pois eu sou o primeiro filho, o mais velho. Os outros dois irmãos nasceram no pós-guerra e então há uma grande diferença de idade entre nós. Um é nove anos mais novo do que eu, e se chama Jacomo. Ele é engenheiro e professor da UFF. O outro é 13 anos mais novo que eu: é o caçula. É médico e também é professor da UFF. Ele se chama Antônio Chinelli. A minha irmã se chama Filippina Chinelli, que era o nome da minha avó na Itália. E ela ficou na Itália.

E o seu pai, como ele era?

Bom, como eu disse, sempre foi uma máquina de ganhar dinheiro. Sempre se sacrificou pela família, ao ponto de ir como voluntário para a II Guerra Mundial. Isto, pois, como voluntário pelo menos tinha um soldo maior. Mas eu, nessa época, convivi com papai muito pouco. Ele foi para a guerra em 1939, ou seja, eu tinha apenas dois anos. Quando ele voltou, eu já tinha oito anos. Em 1951, em função dos problemas na Itália, não se conseguia viver por causa do desemprego e como minha família tradicionalmente sempre imigrou, papai veio para o Brasil para poder sobreviver.

O senhor falou da guerra. Quais são as suas lembranças?

Não se pode levá-las a sério, pois eu era muito pequeno. Então eu via os aviões jogarem bomba, com aquele barulho todo e ainda dava “adeusinho”. Mas o que me marcou mais, foi a tristeza que havia quando se sabia que alguém tinha morrido: as mulheres chorando. Aquilo marcava muito, pois eu chegava em casa e ouvia; “Ah, morreu fulano”. Aí eu ficava meio assustado.

Durante a guerra, com seu pai longe, como a família vivia?

O meu avô tinha uma fazenda. Havia uma agricultura de subsistência com trigo, milho, figo. E havia intercâmbio: você me dava arroz que eu te dava feijão, porque mesmo se tendo dinheiro, não havia como comprar mercadorias. O negócio era ter alguma coisa para trocar.

E como ficou a Itália depois da guerra?

Ficou uma bagunça terrível. As pessoas voltavam da guerra e encontravam suas casas destruídas. Nada funcionava. Teve que se começar tudo de novo; nada funcionava direito.

É como depois de uma catástrofe, assim, quando cai um temporal e mata todo mundo. O que se vê nesses lugares é o que se vê no após-guerra. Só que a solução aqui vem de imediato e lá não. Demorou a tal ponto, que papai teve que imigrar porque, ainda em 1951, não havia nenhuma perspectiva de vida.

2. A CHEGADA AO BRASIL E A NITERÓI DE OUTRORA

Como foi a vinda da sua família para o Brasil? Quais os motivos que incentivaram a imigração?

Meu pai veio sozinho, em 1951 e depois de 3 anos, em 1954, chegou a família. Mais precisamente em 28 de julho de 1954. Viemos eu, minha mãe e meus dois irmãos. Na Itália, havia falta de emprego, de condições de vida. Principalmente a região sul da Itália foi muito esquecida. O desenvolvimento, as indústrias centralizaram-se no Norte, até por uma questão comercial, pois é a região mais próxima da França, da Áustria, da Suíça e da Jugoslávia. Ao sul não, você tem que ir de navio e os países mais próximos são mais pobres que o próprio Sul da Itália: Albânia, Grécia.

Em que seu pai começou a trabalhar?

Ele começou vendendo frutas. Vendia com um outro patrício; um cunhado dele. Compraram uma carrocinha, dessas que ficam estacionadas nas esquinas, vendendo frutas. Só que um belo dia, o prefeito do Rio baixou uma lei, determinando que nenhuma carrocinha poderia ficar parada para vender frutas ou qualquer outra coisa. Eram obrigadas a transitar pelas calçadas. Imagina, armar uma barraca de frutas e transitar na calçada. As frutas caíam todas! Então eles venderam a carrocinha e iniciaram a atividade com jornais em Niterói. Eles fundaram a Sociedade de Jornal Niterói III, que até hoje existe. Quando nós chegamos, ele já tinha uma banca de jornal.

Como era o trabalho com jornais?

Era um sacrifício terrível! Não é como hoje que existe ponte e carro. Naquela época, era assim: parte dos sócios trabalhavam de madrugada, pois iam apanhar os jornais no Rio, vinham pela barça e arrumavam os jornais na praça Araribóia. Aí distribuía os jornais e cada um pegava seu maço e ia para a banca. O trabalho começava de madrugada e ia até 18 horas. Não havia horário para nada e o único descanso era no Carnaval, porque os foliões acabavam com a banca, com o jornaleiro, com tudo.

Qual foi a sua impressão quando o senhor chegou aqui? O Brasil era o que o senhor esperava?

Mais ou menos. Estava mais ou menos a par do Brasil porque aconteceu o seguinte: os italianos calabreses que imigraram antes, com o término da guerra, aos poucos foram retornando. Não para ficarem na Itália, mas para visitar os parentes. Eles falavam muita coisa e, como todo garoto, eu prestava muita atenção. Falava-se nos americanos, não se falava nos brasileiros. Se generalizava tudo; falava-se do Continente Americano. Então eles falavam e eu prestava atenção. Eu tinha uma vaga idéia do que era o Brasil. Mas mesmo assim, achei que o Rio, embora fosse uma capital, tinha muitas casas baixinhas. Mas o que eu estranhei muito foi a mistura. Não estava habituado com gente mestiça, tinha visto pouquíssimos. A primeira impressão foi quando o navio parou em Pernambuco, no Recife. Parecia que eu estava na África! Não é questão de racismo. Eu nunca tinha visto tanta gente de cor agrupada assim, só um ou outro, não predominavam. E o clima ... Eu estranhei, o calor. Aqui é muito quente, a nossa temperatura corporal é 37° e vivemos a 40°; vivemos num ambiente febril.

Como era a Niterói quando o senhor chegou?

Uma cidade de casa baixas. Havia alguns prédios na Amaral Peixoto. Era muito provinciana, uma cidade dormitório mesmo. As pessoas calmas, não havia confusão. Icaraí tinha areia branquinha, ruas estreitas. Ainda havia vestígios dos trilhos do bonde. Água limpa, trampolim em frente ao Clube Central. Muitos clubes: o Canto do Rio (no Centro); o Gragoatá (no Gragoatá); o Regatas (em Icaraí) e o Fluminense, da Ponta da Areia.

Como era a primeira residência de vocês aqui no Brasil?

Era uma casa típica portuguesa. Uma varanda comprida, para onde todos os cômodos tinham uma porta. Tinham muitas casas assim. Até hoje ainda tem. São muito bonitas. Mas logo a seguir tivemos que sair, porque já existia o projeto de continuação da rua São Sebastião. Porque nós fomos morar ali, onde hoje é o Plaza Shopping. As obras cortaram o morro onde hoje é a Faculdade de Odontologia e aquelas casas todas foram derrubadas. Logo a seguir foi derrubado também o Hotel Imperial. E só aos poucos foram surgindo outras coisas.

Quais os transportes aqui de Niterói?

Para a Zona Sul, ou seja, Icaraí, Saco de São Francisco, tinha o “trolley bus” que era um ônibus elétrico. Tinha um para passageiros comuns e outro para banhistas, com bancos de madeira, para não molhar o estofamento. Era um bonde melhorado, só que todo fechado. Agora, para Santa Rosa era bonde mesmo. Para o Fonseca, Barreto, São Gonçalo era bonde e ônibus. E a barca. Quando eu cheguei tinha a Cantareira, aquela barça com a roda do lado. Tinha a frota Carioca e depois a frota Barreto. Mais tarde uma frota popular que ia até Charitas. Até que um dia se agruparam, depois de uma greve e surgiu o STBG, Serviço de Transportes Marítimos da Guanabara. O ideal, naquele tempo, era a barça.

E quais eram as diversões aqui em Niterói?

Para mim cinema, não era caro, era acessível. Tinha o Icaraí, o São Bento, o Central. Na década de 1950 teve muito filme de história bíblica: Monte sagrado, Sansão e Dalila, Os dez mandamentos. Bons filmes. Apesar de ter achado muito estranho o fato dos filmes serem legendados. Na Itália era tudo dublado e quando cheguei aqui, não sabia nem falar direito, escrever foi mais difícil ainda. Era uma dificuldade entender; então, pelo que acontecia, eu chegava às minhas conclusões. Tinha também a praia. Mais tarde eu me tornei sócio do Clube Canto do Rio, onde aprendi a dançar. A diversão era baile, praia e cinema. Naquela época, havia também muitos bailes em casa de família. Aniversário de uma filha, havia isso, uma vida social muito familiar. Não havia muitas outras opções. A não ser para quem tinha dinheiro. Tinha também o Carnaval, que era realmente uma festa. Na rua, uma brincadeira. Nós saíamos para dançar na rua mesmo, a família inteira. A Amaral Peixoto era um mar de gente. Fazia-se assim: descia-se pela Amaral Peixoto, subia-se a rua da Conceição, entrava-se pela Visconde de Uruguai, ia-se até o Jardim São João, vinha-se até a praça do Rinque. Todos acompanhavam um único bloco, como se vê hoje na Bahia.

3. FORMANDO UMA NOVA FAMÍLIA

Como o senhor conheceu a sua esposa?

Conheci casualmente na rua. Começamos a namorar e descobri que ela era filha de italiano; tínhamos alguma coisa em comum. Nos casamos em 1966 e tivemos três filhos. Mas não deu certo, nos separamos em 1982.

Como foi sua vida de casado?

Morávamos na vila Pereira Carneiro, na Ponta da Areia, num apartamento próprio que eu comprei com o dinheiro que eu ganhava no estaleiro. Ele tinha dois quartos, sala. Era todo mobiliado com televisão, máquina de lavar, tudo, tudo.

E como foi a educação dos seus filhos?

Eu tentei educar do mesmo modo que eu fui criado. Só que não consegui, porque quando eu me separei, perdi praticamente o contato. Eles preferiram ficar com a mãe e eu perdi o domínio. Não consegui passar muita coisa, principalmente pros dois mais novos. Eu queria que fosse uma coisa mais estreita, mas eu não consigo maior convivência.

Em qual colégio seus filhos estudaram?

Estudaram no Colégio Santa Marta. O Estaleiro Mauá, na época, fazia um convênio e oferecia uma bolsa de estudos para os funcionários. O Estaleiro era realmente um lugar muito bom de se trabalhar. Valia a pena, te dava muita opção. E dentro disso existia o Colégio Santa Marta, entre outros colégios.

O senhor já está nos falando do Estaleiro, mas antes de contar a sua história nele, o senhor poderia nos falar quais foram as suas ocupações anteriores?

Na Itália eu fiz o primário e comecei a fazer escola técnica. Nas férias, minha mãe me obrigava a ir a uma alfaiataria aprender a profissão. Eu cheguei aqui aprendiz de alfaiate e meus patrícios me ofereceram emprego. Mas disso eu não gostava não. Então cheguei a propor para o meu pai, comprar uma “parte“ na Sociedade para eu trabalhar em banca de jornal, pois como alfaiate eu não queria trabalhar. Mas a única opção era essa. Estudar eu não podia. Teria que começar muito tarde. Restava ser alfaiate. Já meus irmãos tiveram uma trajetória totalmente diferente da minha. Eu cheguei e comecei logo a trabalhar. Eles não. O caçula tinha 4 anos e começou a ir ao jardim de infância. O outro, um pouco mais

velho, começou a fazer o primário no Externato São Jorge, e dali foi estudar no Liceu Nilo Peçanha, mas a noite porque de dia ele fazia o SENAI. Quando ele acabou o Liceu, fez a prova para o CEFET, ali perto do Maracanã, e se formou como técnico em mecânica. No ano seguinte fez o vestibular para engenharia; passou para UFF. Hoje ele é professor da Universidade. O outro, o Antônio, fez Lara Vilella e fez vestibular para Medicina. Passou para Petrópolis, depois conseguiu transferência para UFF, onde se formou. Também é professor da faculdade. Eles seguiram carreira universitária.

E quando o senhor deixou de ser alfaiate?

Em janeiro de 1955. Foi assim: Havia um patrício nosso que morava perto e que trabalhava numa fábrica de balanças no Rio. Pedi que ele me arrumasse um emprego, porque sempre gostei de mecânica. Ele me arrumou uma colocação como aprendiz de balanceiro, como se dizia na época. Trabalhei nessa fábrica durante dois anos. Aí esse patrício, com outros dois, montaram uma oficina. Quer dizer, ele saiu dessa fábrica e foi trabalhar por conta própria. Como viu que eu estava realmente interessado em aprender, ele me chamou para trabalhar como aprendiz de torneiro mecânico. Eu me dei muito bem, até que um belo dia, tive uma discussão com um dos sócios e saí. Vim trabalhar aqui em Niterói, na Fiat - Lux, que era uma fábrica de fósforos.

Qual a sua função na fábrica de fósforos?

A manutenção das máquinas. Havia uma oficina mecânica e como as máquinas eram todas importadas, quando uma peça era quebrada, ela era feita aqui mesmo, porque não se podia importar. Então a maior parte das fábricas tinha uma oficina de manutenção, de reparos como se dizia. Dali eu saí, para melhorar o salário, e fui trabalhar na Maveroi, onde é atualmente a Mesbla Móveis. Era uma fábrica de geladeiras, onde fiquei por dois anos. Sempre em busca de um melhor salário, fui trabalhar na Companhia Auxiliar de Construção e Reparos Navais, a Cacren, que era uma subsidiária do Estaleiro Mauá. Logo

a seguir, essa companhia foi incorporada ao Estaleiro, onde trabalhei até 17 de dezembro de 1996.

4. O OPERÁRIO NAVAL E OS NOVOS TEMPOS NO TRABALHO DOS ESTALEIROS

Como foi seu ingresso no Estaleiro?

Eu fiz um teste para ajustador mecânico e passei. Entrei como oficial de terceira, e logo a seguir passei a oficial de segunda e de primeira. Seis meses depois, comecei a trabalhar no turno da noite e comecei a chefiar um grupo. Dali comecei a fazer carreira. Comecei com máquina, trabalhando numa bancada, e como sempre me interessando por mecânica. O meu serviço era muito diversificado. Eu conhecia refrigeração, pneumático e fui chamado para ser chefe de grupo na manutenção do estaleiro. Dentro desse serviço eu era chefe, mas trabalhava também. Até que eu passei a encarregado, com a minha posição de chefe oficializada. Aí eu não trabalhava mais com as mãos : eu organizava o trabalho, como chefe de manutenção.

Depois disso, fui para a Superintendência de reparos do Estaleiro. Com a ampliação do Estaleiro essa seção em que eu estava foi absorvida. Fui solicitado para ser chefe de manutenção de um dique flutuante e depois para ser chefe de montagem de uma draga holandesa. Uns dois anos depois, o reparo fechou e eu passei para a construção. Dentro dessa função na construção naval, eu fui chefe de equipamento, fui contra - mestre de montagem de equipamento e, depois de algum tempo, fui a mestre. Uns dois anos depois, passei a supervisor de montagem, até que fui solicitado para trabalhar no controle de qualidade, por eu ser muito exigente, muito certinho. Fazia inspeção interna e externa no Estaleiro e viajei muito, principalmente para São Paulo, onde há mais indústrias. Fiquei em Ribeirão Preto quase um ano, acompanhando a montagem de uma turbina.

Como era o estaleiro quando o senhor entrou?

Eu entrei no Estaleiro no primeiro plano de construção naval, em 1960. Havia muita gente. A única coisa que eu estranhei, foi ter muita gente que fazia o serviço decorado, e passava o que sabia de pai para filho. Havia ciúme se você fazia uma coisa que outro cara mais velho não conseguia fazer. Eles não estudavam quando aparecia um serviço novo; eles ficavam perdidos. E foi justamente nessa época que começou o progresso no setor naval, porque quando eu entrei ainda existia muita máquina a vapor, mas aos poucos elas foram sendo substituídas por navios com motor a diesel. Nessa mudança, os trabalhadores mais antigos se viram perdidos. Foi nisso que eu levei vantagem.

Havia outros imigrantes trabalhando no estaleiro?

Italianos eram poucos. Havia muitos portugueses e espanhóis, além de muitos nortistas. Isso era uma característica do setor marítimo, um grande contingente de pessoal do norte e do nordeste.

As condições de trabalho eram boas?

Muito piores que agora. Não havia CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) e as pessoas trabalhavam de tamanco ou descalças. Não havia capacete, nenhum equipamento de segurança. Depois da revolução de 1964, aos poucos foi melhorando. Não sei nem se foi a revolução... Acho que foi a própria evolução do tempo. Então não se podia mais trabalhar de tamanco. A própria Companhia começou a fornecer botinas com biqueiras de aço. Gradativamente veio todo o equipamento de segurança, como capacete, óculos, luva, etc.

O senhor falou de 1964. Qual é a sua imagem desse episódio?

Em 1964 eu não era politizado e achava que havia greves absurdas. Deve-se fazer greve pelo direito do trabalhador, para o seu bem estar; mas se fazia muita greve política para no final bater palma para políticos como João Goulart e até o Tenório Cavalcanti. Mas a revolução foi triste. Eu me lembro. Era umas oito horas da manhã, ela estourou; não trabalhamos dois ou três dias. Quando voltamos ao trabalho, chegaram duas embarcações da Marinha, com os fuzileiros navais e cercaram o Estaleiro, colocando metralhadoras com o tripé no chão. Eles se deitaram e ali ficaram. Foram falar com o Comandante Saldanha, porque todo Estaleiro, na época, era dirigido por um Comandante de Marinha Mercante ou de Guerra. Dali a pouco, desceu o Comandante, o oficial e outros sub - oficiais com uma lista. Aí separaram as pessoas da lista e os colocaram de frente para um muro. Quando deu seis horas, colocaram todos numa lancha de invasão e levaram. Eu não soube qual foi o fim deles. Alguns eu nunca mais vi. A situação, por causa dessas coisas, ficou tensa. Não se podia falar nada, você era vigiado. Para mim, não fazia muita diferença, porque eu não falava nada mesmo.

O senhor era filiado a algum sindicato?

Participação direta não, por eu ser estrangeiro. Não podia dar muita opinião, até porque a própria carta de estrangeiro reza isso. Mas eu fui filiado, primeiro ao Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí. Depois, já no Estaleiro, ao antigo Sindicato dos Operários Navais, que ficava na rua Benjamin Constant, mas que depois da Revolução de 64 deixou de existir. Agora, de um tempo para cá, é que ele está tentando novamente recomeçar, mas em compensação não há mais navios, não estão fabricando mais nada. Quem assumiu o papel do antigo sindicato, foi o Sindicato dos Metalúrgicos. Queriam fundar o Sindicato da Construção Naval, mas parece que não conseguiram.

Como estrangeiro, o senhor tinha restrições no sindicato, bem como não podia votar e nem participar da política propriamente dita. Mas mesmo assim, havia algum partido ou algum Presidente com quem o senhor se afinou?

Assim que cheguei no Brasil, peguei o Kubitschek. Fez Brasília e a construção de automóveis começou com ele. Foi um governo que fez muita coisa para a época, deixou dívidas, mas que deu uma evolução. Getúlio, até então, tinha feito a Siderúrgica Nacional, mas a Fábrica Nacional de Motores não foi para frente. A CSN teve até que ser privatizada há pouco tempo. Em termos de governo estadual, eu gostava muito do Carlos Lacerda, que fez muita coisa no antigo estado da Guanabara. As obras dele continuam até hoje. Estão terminando o que começou em 1950-60. Tinha também o Aarão Steinbruch que fez o 13º salário. Esse homem foi senador e coitado, acabou morrendo como vereador. Mas as pessoas se lembram dele por causa do 13º; o operário lembra dessas coisas. Assim como não se pode esquecer Getúlio, por tudo que ele fez. Pelo menos no meu meio, dos operários, ele era respeitado. Tinha o Goulart e se esperava que ele fosse fazer a mesma coisa, mas não chegou a fazer. Mesmo porque ele pegou o bonde andando, o Jânio deixou e não queriam que ele assumisse, tendo a crise da legalidade. Teve greve nessa época; uma feia, onde os operários se confrontaram com a polícia.

No Estaleiro como foi a sua relação com os brasileiros? Eles tratavam bem os imigrantes ou não?

Sempre tem uns caras que implicam, chamam de gringo e dizem que você está roubando o emprego. “Vai para tua terra”. Eu trabalhava muito. Vamos supor que tinha um equipamento, um guincho e cada um apanhava um. Eu normalmente terminava mais rápido. Eu não era melhor do que ninguém; é que eu trabalhava com seriedade e era organizado, o que me facilitava a vida. Os outros não eram. Chegou ao ponto de me dizerem que eu tava prejudicando. “É que a gente não consegue acompanhar a tua produção e parece que a gente é vagabundo; você não pode fazer isso”. Chegou ao ponto

de eu pedir que não me dessem um equipamento igual ao dos outros; que me dessem um equipamento diferente, porque aí não servia de parâmetro para ninguém. Isso é a inveja, né!? Eu me lembro quando passei a mestre na seção. Um cara que eu sempre ajudei, me olhava meio torto. Eu não tinha culpa, é que eu era um cara muito certinho e muito rígido nas coisas. O que tem que ser, tem que ser e o cara pode me cobrar se eu tiver errado. Quando você mostra alguma coisa, todo mundo tem mais é que calar a boca. Isso aconteceu muito.

O senhor trabalhou até quando no estaleiro?

Eu trabalhei até maio de 1990. Teve uma greve por causa do dissídio coletivo. Nessa época eu tava trabalhando, mas já não estava bem. Eu sou hipertenso e tive uma crise violenta. Por estar em greve, eu nem ia para a porta. Quando eu voltei a greve já estava terminada. Houve uma reunião na sala de controle de qualidade, seção que eu trabalhava. Teve um diretor que começou a falar e eu não gostei. Ele falou que estávamos contra o Estaleiro. Isso nunca! Eu sempre lutei pela camisa do Estaleiro, e me achei ferido com aquilo. Respondi dizendo umas verdades. Meia hora depois, recebi uma cartinha me botando em disponibilidade. Fui embora para casa. Eles alegaram que eu era líder grevista, coisa que eu nunca fui. Me tiraram porque eu falei umas verdades. Verdades essas que não eram nada contra ele; era em função da produção. Porque no Estaleiro eu trabalhei muito, como já disse, no reparo naval e na construção, quando entregamos em um ano 12 navios. Era tudo organizado. Em 1990, em 3 anos, não conseguimos entregar um só navio. Ele não gostou e como fazia parte dessa diretoria, eu fui posto em disponibilidade.

Depois que o senhor foi posto em disponibilidade qual passou a ser a sua ocupação?

Eu prestava serviço para uma firma de reparo, REMAR. Atualmente, para me ajudar, eu faço pequenos reparos.

Mudou alguma coisa na sua vida ter sido posto em disponibilidade?

A princípio eu me senti uma carta fora do baralho. Todo mundo trabalhando e você em disponibilidade. Eu era um dos mais solicitados no setor de qualidade, onde implantei sistema de planilha. Então, eu fiquei abatido moralmente quando deixei o Estaleiro. Até que a REMAR me chamou para prestar serviço de assistência técnica, e eu fiz um trabalho grande e praticamente salvei um navio de bandeira grega. Eu me senti orgulhoso quando entreguei o navio; internamente aquilo me deu satisfação. Agora, por outro lado, eu estava em casa, recebendo meu dinheiro. Depois eu passei a ver a coisa por esse ângulo.

Quando o senhor se aposentou?

Em 1996, eu me aposentei, porque o Estaleiro tava indo de mau a pior, o pagamento atrasava e como eu tinha tempo para me aposentar, eu me aposentei. Eles não podiam me mandar embora porque eu era estável. Em setembro último, eles me chamaram para fazer um acordo. Fizemos. Durou de setembro até dezembro quando chegamos a um denominador comum e eu me aposentei.

5. CONVIVENDO COM OS PATRÍCIOS

Como é o seu contato com a comunidade italiana?

Quando eu cheguei da Itália, os jornaleros se reuniam, cada domingo em uma casa, para jogar cartas, valendo cerveja e depois acabava tudo em um jantar. Essa era a vida social, não havia muitos italianos.

Só havia jornaleiro italiano?

Sim, era uma máfia terrível. A gente era muito sacrificado e então não deixava ninguém mais entrar. A própria redação dos jornais não confiava se você não fosse italiano. E era muito difícil entrar numa Sociedade. Porque você não consegue trabalhar com jornal sozinho, você depende de uma Sociedade. Tem que fazer um grupo e nele cada um ter uma função. Hoje, você até consegue trabalhar sozinho, mas naquela época não e, sem conhecimento, você não tinha como entrar em qualquer Sociedade, pois eram os italianos que dominavam o meio.

Existe alguma associação de italianos em Niterói?

Tem o Clube Italiano, em Piratininga. Ele foi fundado em torno de 1979, 1980. Existe outra associação, beneficente, a ABITA que cuida da parte médica e fica na Visconde de Itaboraí. Ela funciona tipo a Beneficência Portuguesa e foi fundada em torno de 1992, por causa de uma briga entre o Presidente do Clube Italiano que saiu e o que entrou. Aí fundaram a ABITA, tentando tirar sócios do Clube Italiano. Eu não gosto disso. Não se pode misturar associação com problemas pessoais. A Associação, a princípio, seria uma coisa boa, no sentido de agrupar. Só que, no começo, se reunia praticamente os imigrantes de Sacco, e se levou muito problema de família para dentro do clube e a coisa foi se misturando. Eu acho que clube é clube, família é família. Eu não gostei.

O senhor poderia falar das festas e das datas que os italianos comemoram no clube?

Quando o clube foi fundado, para arrecadar dinheiro, volta e meia tinha um churrasco, uma festa. O pessoal pagava e tudo se convertia na montagem do clube propriamente dita. Depois isso tudo parou. Atualmente, tem a festa de Nossa Senhora dos Anjos, em agosto,

que é a padroeira de Sá e tem a festa de São Francisco de Paula, no Rio, promovida pelos jornaleros. Aqui, tem também a festa do final do ano e, uma vez ou outra, uma noite italiana. A atividade não é grande. Eu quase não vou ao clube. Eu só vou lá quando tem uma festa e sei que vou rever amigos; caso contrário, não vou mais.

O Clube tem muitos sócios?

Eu não posso afirmar. É um número restrito de sócios. Eu sei que atualmente o pessoal que mora naquela redondeza, que chamava a gente de italianada, em termo pejorativo, hoje faz do Clube Italiano a sua sala de estar. A maioria é sócia e fica lá. Ganharam um clube de mão beijada mas, na época, nós fomos muito criticados. Honestamente, não sei dizer o número de sócios, mas tem no máximo uns mil.

Quando o senhor voltou à Itália depois de ter vindo para o Brasil?

Foi em 1984. Eu não estava bem e aí minha família fez força para eu ir. Eles me ajudaram financeiramente, porque eu não tinha condições. A Itália estava muito diferente: as pessoas, o modo de pensar, o modo de vida, não eram mais o que deixei. Eu me decepcionei em parte. Apesar de muito progresso, perdeu-se aquele romantismo; tudo muito americanizado. Apesar disso, valeu, porque eu conheci a Itália que eu não conhecia. Eu só conhecia a minha região. Eu rodei bastante por lá, fiquei 45 dias.

O senhor, após esses mais de 40 anos, acha que foi uma boa decisão ter vindo para o Brasil?

Na época, se a gente tivesse ficado mais dois anos lá, a coisa teria mudado. Agora, na Europa, o ser humano é mais respeitado; eu tiro por mim. Eu trabalhei com carteira assinada por 41 anos. Hoje, eu estou aposentado e, se bobear, eu passo fome. Isso não acontece de jeito nenhum na Europa. E olha que eu contribuí um bocado. Aqui é um

mundo de mentira. Diziam que o cara se aposentava com o mesmo salário de quando estava trabalhando. Isso não acontece; eu perdi quase 50% do meu salário. O erro foi então não ter suportado mais dois anos, como um tio, irmão de papai, que está em Milão. Suportou e hoje está bem. Ele nem sequer é um operário especializado, mas tem o luxo de ter um apartamento com todo o conforto, carro e passa um mês de férias no Sul, na Calábria. A coisa lá é mais valorizada. Apesar disso, eu me habituei ao Brasil; eu adotei o Brasil, a verdade é essa. E se valeu a pena? Hoje eu digo que sim. Mesmo com o INPS que paga mal e eu tendo trabalhado muito, eu tenho irmão médico, engenheiro, sou conhecido, respeitado, graças ao Brasil.

Ser imigrante faz diferença na sua vida?

Nunca me dei conta. Em função da idade não pensava nisso, não me marcou. Em compensação, eu tive a sensação de quem eu sou na Itália, em 1984, quando entrei no Vaticano e vi aquela majestuosidade. Vi que eu não sou ninguém, tão grandioso aquilo, tão rico. Eu me senti pequenininho. Mas eu não me sinto diferente dos brasileiros em nada. Sou igual, só nasci numa terra diferente. Claro que tudo que diz respeito à Itália me chama mais a atenção. A música e outras coisas mais. No futebol, eu torço para a Itália; o coração fala mais alto. Jogo Brasil e Itália me dá mal estar, parece que eu tô traindo alguém, mas em qualquer outra situação eu sou Brasil. No fundo, eu me sinto mais brasileiro do que italiano, até porque pelos meses que eu fiquei lá, eu posso dizer que suporto mais o que o brasileiro faz do que o italiano faz. É que a gente vai se habituando...